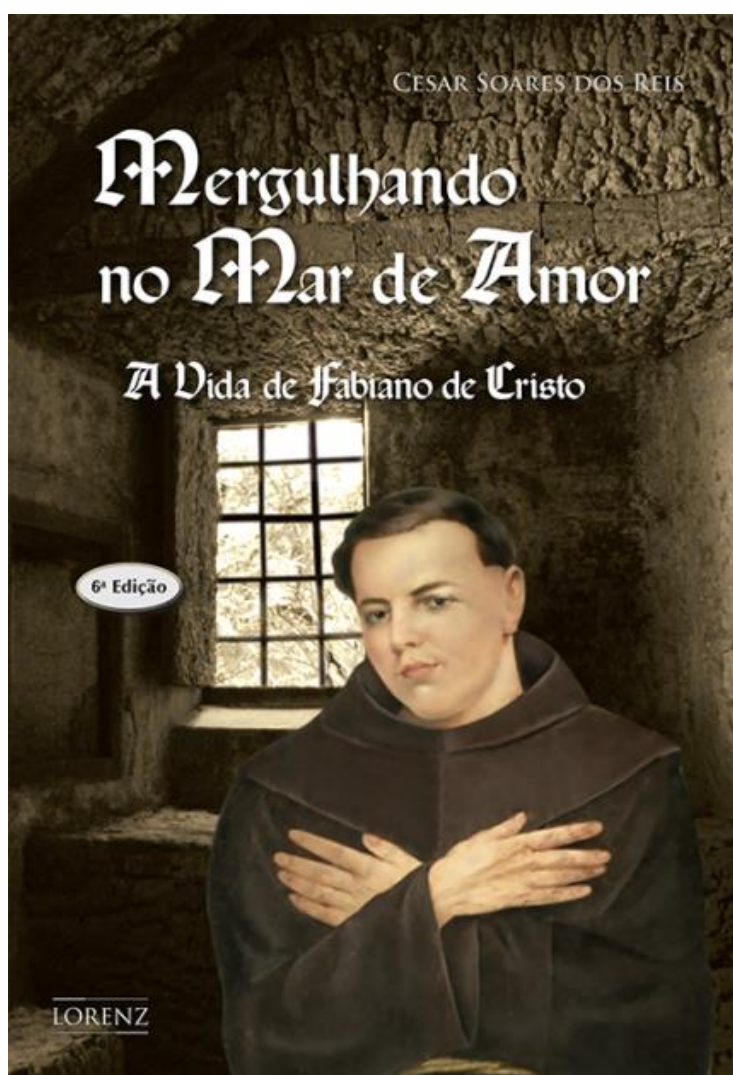


MERGULHANDO NO MAR DE AMOR

FABIANO DE CRISTO
O PROCESSO DE CONVERSÃO
CÉSAR SOARES DOS REIS



Dedico este livro ao amigo e irmão, companheiro de ideal, permanente incentivador, verdadeira memória viva e vigilante da Obra de Fabiano
FRANCISCO DE ASSIS GURGEL VIANA

AGRADECIMENTOS

A edição deste livro não seria possível sem o apoio de Alexandre Tadeus Gavienas e Caroline Maria Lima Correia que o digitaram; de Manoel Fernandes da Silva Sobrinho e Maria Emília do Nascimento Maia, que atuaram decisivamente em todo o processo de revisão, oferecendo sugestões sempre oportunas; de Délio Pereira de Souza, nosso amigo editor e orientador e de toda a diretoria da CAPEMI, que financiou o projeto.

A todos nossa gratidão.

MARIA CAMPOS

Pela generosa e belíssima oferta da capa, que retrata o Convento de São Bernardino de Sena, em Angra dos Reis, onde Fabiano de Cristo iniciou sua vida religiosa.

AO FOTÓGRAFO

PAULO SALORENZO, pelos magníficos cromos que permitiram a confecção dos fotolitos desta publicação.

AO PINTOR

LUIZ GOULART, pelo retrato de Fabiano ainda jovem.

ÍNDICE

Primeira parte

Apresentação

Ouro!

O tropeiro

A carreira das minas

A voz interior

Primeira visita ao convento

São Bernardino de Sena

O lamento do índio velho

Uma nova portaria - Preparações

Voltas e revoltas

O enfermeiro

Doenças

Epílogo

Perspectivas

Segunda Parte

Meditações do fundo da cela

À GUIA DE PREFÁCIO Gothardo José Portela de Miranda (¹)

APRECIACÕES SOBRE “MERGULHANDO NO MAR DE AMOR”

Lendo e sentindo a vibrante narrativa com que o autor, César Soares dos Reis nos conduz na trilha iluminada, que é a VIDA DE FABIANO DE CRISTO, fomos envolvidos pela admirável beleza da descrição e contagiados pelo sentimento de amor e valorização da vida que nos são oferecidos em cada experiência terrestre.

Cada capítulo é uma ode ao trabalho e ao amor e foi assim que vivi cada um deles.

¹ Presidente do Conselho Diretor do Lar Fabiano de Cristo e do Conselho Deliberativo da CAPEMI - Caixa de Pecúlios, Pensões e Montepios - Beneficente.

APRESENTAÇÃO

É o toque inspirador que fez eclodir o jorro de luzes, através do qual Fabiano se nos mostra na plenitude do seu amor.

O OURO

Preâmbulo histórico, que mostra o ambiente econômico, social e político, onde desabrochou e desenvolveu-se a expressão dinâmica do amor construtivo de Fabiano, em prol da espiritualização nas terras brasileiras.

O TROPEIRO

Retrata a fase da vida em que o homem, o cidadão João Barbosa, recebe a moldagem terrestre necessária para que o obreiro Espírito Fabiano assumisse e desenvolvesse as tarefas estruturadoras da obra de solidariedade entre as distintas etnias que se juntavam na nação brasileira.

A CARREIRA DAS MINAS

O comerciante João, no desempenho de sua atividade negociai, é levado a penetrar na intrincada e pesada atmosfera de paixão e crimes com que a cobiça e a ambição do ouro embrutece e corrompem a alma humana. Sua consciência, açoitada e ferida pelos desregramentos e as bárbaras posturas daqueles Espíritos infelizes, cede finalmente ao "chamado" que o "menino pastor" já de há muito escutara de Deus na "voz do vento".

A VOZ INTERIOR

É quando, afinal, se traduz para João o sentido da vida. Que contribuição poderia ele trazer para amenizar o sofrimento daquelas almas doentes, por ignorarem o Deus Amor, o Pai Compassivo?

INÍCIO DA VIDA MONÁSTICA

Doando e desprendendo-se dos bens que conquistara na vida de comerciante itinerante, João Barbosa se "despe", praticamente, das obstrutivas vestes do mundo material e se deixa envolver pela túnica iluminada do Espírito Fabiano. Através de desprendimentos e voos siderais, recebe de Ismael, o Anjo Guardião do Brasil, as instruções e os comprometimentos necessários ao exercício de sua Missão de Amor e Fraternidade, que iria semear na alma da novel e esperançosa nação - Brasil.

O LAMENTO DO VELHO ÍNDIO

É a expressão dorida de uma alma acutilada e vilipendiada pela incompreensão e o desamor de espíritos vibrando em faixas de paixões degradantes. Para Fabiano foi mais um eco do chamamento, que há muito o convocava para o trabalho de socorro samaritano aos fracos. Transmutando-se e espelhando o sentimento de consolação fraterna de Francisco de Assis, ele envolveu e acalentou a alma sofrida do Velho índio com o seu amor incondicional.

FABIANO - O PORTEIRO

Ali, na portaria do respeitável e vetusto Convento de Santo Antônio, estava presente e atencioso, Fiei Fabiano. Sorridente e amorável para com todos, era a imagem da Consolação e da Esperança. Até mesmo a visita dos políticos e comerciantes, em busca de beneplácito e apoio aos seus interesses, nem sempre muito transparentes, era recebida com serenidade e o discernimento do meigo Fabiano. Por quase uma década o Porteiro, paciente e esclarecido, atendeu a carentes, fracos e sofridos, ao mesmo tempo que orientava com seriedade e retidão os que o procuravam para resolver seus problemas pessoais. O Convento passou a ser o Posto das soluções convincentes e da generosa caridade aos desprotegidos.

O ENFERMEIRO

É nessa fase de atividades de Fabiano no Convento, que nele passam a fulgurar os sentimentos franciscanos de generosa e complacente caridade e de consolador amor ao próximo. Sarando feridas e aplacando dores, com seus balsâmicos cataplasmas de plantas medicinais, o paciente enfermeiro penetrava também na alma de seus lamentosos doentes e lhes restituía a saúde e a fé nos desígnios de Deus. Por mais de trinta anos, a enfermaria do Convento de Santo Antônio contou com o acalentador tratamento do humilde e afetuoso servidor que renunciando atender às suas mais íntimas necessidades, doava suas forças físicas e espirituais ao doente, a quem amava sem quaisquer restrições.

EPÍLOGO

O retomo de Fabiano de Cristo à verdadeira vida, ao invés de nos deixar tristes e saudosos pela sua ausência; ao invés de nos quedarmos em queixas e lamentações, por não podermos nos aconchegar no seu coração forte e pleno de doce amor, deixa-nos o sentimento vibrante da alegria de viver e nos concita a desenvolver a semente de Fé e Esperança que ele deixou no Brasil.

APRESENTAÇÃO

Três foram as razões que me levaram a escrever este livro. Por trabalhar no Lar Fabiano de Cristo, naturalmente interessei-me por tudo o que se fala e escreve sobre Fabiano. Deparei-me com dois tipos de livros - um católico, com uma abordagem muito da Igreja, como era de se esperar e um livro espírita, de Roque Jacintho. Sempre interessou-me o processo de transformação do camponês para o negociante, do negociante para o aventureiro, do aventureiro para o religioso. Como teriam ocorrido tais passagens?

A segunda razão apareceu sem que eu pudesse controlar. Tenho dois amigos a quem muito prezo: José Salomão Mizrahy e Flávio de Souza Pereira. São duas criaturas maravilhosas, duas pessoas dedicadas, generosas, distintas, desses espíritos que é uma bênção encontrar em nossa caminhada. Pois bem, Salomão, que dirige o Centro Espírita Fabiano, fez chegar às minhas mãos uma cópia do "Echo Sonoro", em edição de 1929. Poucos dias depois, Flávio Pereira deu-me uma cópia de trabalho de sua autoria, com resumo sobre a vida de Fabiano. Eu não havia feito qualquer comentário com um ou com outro.

Também começou a ocorrer um fato estranho, comigo: de repente, era como se fotografassem uma cena e a gravassem na minha memória. Eu tinha consciência de que havia sido feita uma foto de um determinado instante. Não sabia a que se referia a foto. Apenas sabia que algo havia sido arquivado em alguma parte da minha memória.

À noite, quando os meus familiares iam dormir, os “flashes” começavam a estourar dentro da minha cabeça. A cena se abria, como se fosse uma grande tela. E as coisas tomavam vida ali, na minha frente. Mais do que isso: eu era um espectador privilegiado. Sentia os cheiros, ouvia os ruídos, percebia pensamentos, sentia frio, calor, enjoo... Na minha frente, o computador era um convite para escrever a cena. Inicialmente, não sabia do que se tratava. A primeira cena foi aquela que no livro se denominou O TROPEIRO. Parecia uma etapa de treinamento para mim mesmo. Eu entrava e saía do telão, admirado. Quando entrava, sentia o prazer de estar sem camisa, todo molhado, encostado numa árvore, num dia quente, na montanha. Ouvia os animais batendo com as patas no chão, o zumbido das abelhas. Quando saía, estava na sala da minha casa. Assim, fui treinando. Escrevia febrilmente, para não perder as cenas, embora soubesse que elas estavam gravadas dentro de mim. Todo o livro foi escrito dessa maneira.

A terceira razão surgiu depois. Passei a querer muito escrever o livro. Era como se fosse um teste comigo mesmo. O texto fazia citações e referências que eu desconhecia completamente. Sempre fui péssimo conhecedor de História, inclusive a do Brasil. Sobre o ciclo do ouro, então, só sabia que a Conjuração Mineira estava ligada à cobrança de impostos na região de Minas Gerais. Quanto às questões da Igreja, era, e sou, um ignorante pleno. Então, ia escrevendo os capítulos, quando entrava no telão. Depois, procurava nos livros para ver se estava certo. Havia algumas diferenças que preferi manter, pois não são essenciais ao entendimento, nem desvirtuam as fontes históricas.

O livro aí está. Gostei de escrever. Foram ótimas as sensações ao entrar nas fotos. Nem sempre, por certo, consegui traduzir o que os personagens pensavam. Algumas são muito profundas para a minha capacidade de percepção. De antemão peço desculpas. Para mim foi maravilhoso viver esses momentos. Se não consegui passar tais maravilhas para os irmãos, sou o culpado, por ser tão pequeno e incapaz. Desde já me penitencio e peço a Deus possamos todos usufruir do grande amor com que Fabiano de Cristo nos envolve.

Muita Paz.

CÉSAR REIS

PRIMEIRA PARTE

1- OURO!

Os últimos sessenta anos do século dezessete foram muito importantes para o Brasil. Portugal, em 1640, havia sacudido o jugo espanhol e, em 1654, expulsou os holandeses do nosso país. As atividades portuguesas, então, cresceram extraordinariamente, aqui, como na África. Intensificou-se o tráfico de escravos e os negócios desenvolveram-se. Aventureiros de toda ordem lançaram-se às costas brasileiras. Da África trouxeram escravos. De Portugal, roupas, tecidos, armas, botas, vinhos e queijos.

Desenvolveram-se as cidades, principalmente no litoral, aonde aportavam os navios e chegavam as caravanas que vinham do interior. No atual Estado do Rio, os arraiais cresceram, transformando-se em vilas e cidades: Cabo Frio, Rio de Janeiro, Macaé, Paraty, Angra dos Reis. Na beira do mar, em pontos estratégicos, foram construídos os fortes para proteção dois ancoradouros.

As vilas se desenvolveram com os negociantes, os escravos, os representantes do poder dominante, os funcionários do reino. À volta, prosperavam os engenhos. Até hoje, no Rio de Janeiro, temos subúrbios cujos nomes lembram esse início de desenvolvimento: Engenho de Dentro, Engenho Novo, Engenho da Rainha, Realengo, na verdade Real Engenho. Havia ainda os caminhantes, os tropeiros, que entravam pelo sertão, levando os tecidos, as roupas que haviam chegado da Europa, enfeites, louças e, sobretudo, comida, farinhas, paio, presuntos, queijos, marmelada.

Levavam, também, o açúcar do litoral e seus derivados como as cachaças, chamadas aguardente e parati, que acabou recebendo o nome do povoado o qual, por sua vez, recebeu seu nome de um peixe muito comum no local. No interior desenvolviam-se florescentes arraiais com a descoberta das minas. E os aventureiros e desbravadores estavam lá, para ganhar dinheiro.

A descoberta das minas, em fins do século XVII, causou grande impacto em Portugal, cuja economia estava em sérias dificuldades, cada vez mais dependente do comércio inglês. A mineração brasileira é que arcava com os déficits portugueses. Em consequência, havia uma tributação muito pesada ao lado de uma fiscalização rigorosa.

A exploração das minas se espalhava desde a Serra da Mantiqueira até Cuiabá. Naquele espaço proliferavam pequenas unidades mineradoras,

constituídas por milhares de aventureiros paulistas, baianos, pernambucanos e portugueses, todos ardendo na febre do ouro.

As empresas mineradoras eram, principalmente, as “faisqueiras”, que predominavam sobre as “lavras”. Aquelas, constituindo-se pelo minerador e alguns escravos. Estas, pelos mineradores e cinquenta ou cem escravos. As faisqueiras conseguem, apenas, faiscar o cascalho nos córregos. As lavras, com mais capital e equipamentos, exploram rendosamente os veios das rochas e morros.

Mineradoras e faisqueiras são móveis, seguindo o curso do ouro. A produtividade das empresas mineiras é temporária e oscilante. Elas, então, se especializam e criam dependência de outros setores econômicos. Organiza-se, assim, o mercado interno, diversificado e dinâmico: a pecuária do Sul, a agricultura de subsistência do sul de Minas e de São Paulo, o pequeno artesanato das vilas mineiras e o comércio distribuidor dos produtos importados através do Rio de Janeiro. Dessa forma, a mineração atua como centro de distribuição de renda e dinamização do mercado interno colonial.

A respeito do ambiente em que viviam as pessoas nas minas, há referências à cobiça dos homens que, preocupados exclusivamente com o ouro, não cuidavam dos meios de subsistência. Muitos morreram, cheios de ouro e famintos. Diziam também que a terra era estéril, ao longo de todo o caminho das minas. A riqueza era tanta, porém, que, logo surgiram estalagens e armazéns. Os negociantes importavam da Europa e, principalmente, do reino, alimentos embutidos, queijos curados, roupas, louças, tecidos, enfeites.

Praticamente toda a importação entrava pelo Rio de Janeiro, seguindo no lombo de burro em direção à Baixada Fluminense, contornando a Serra das Araras para alcançar o rio Pirai e, mais à frente, o Paraíba. Posteriormente, os desbravadores perceberam que seria mais rápido continuar a viagem de navio até Angra dos Reis. Dali saía um caminho para o rio Paraíba e, depois, a serra das minas. Mas era de Paraty que se chegava com mais facilidade às áreas de transposição do rio.

Também de outras partes do Brasil vinham produtos, principalmente cachaças, doces, como a goiabada, sal e charque. Todos ganhavam muito dinheiro, quando conseguiam sair vivos das tremendas aventuras sob o sol, a chuva, a escuridão na montanha desconhecida, nas grotas, nos despenhadeiros. O ouro farto, a pequeníssima concorrência e a demanda crescente, eram, porém, atração decisiva para aquelas criaturas indômitas. Enquanto mais tropeiros

subiam e desciam as serras, surgiam povoados nos locais de parada, onde havia água, perto das lavras e catas. Um novo Brasil começava, com o ciclo da mineração.

As bandeiras paulistas iniciaram suas incursões em busca das minas, desde 1601. O roteiro da primeira bandeira, chefiada por André de Leão, partia de São Paulo seguindo o vale do Paraíba. Subia a Mantiqueira rumo a Pouso Alto e a Baependi.

Logo que Portugal deixou de ser dominado pela Espanha (1640), os reis portugueses da dinastia de Bragança se mostraram interessados na descoberta de metais preciosos, e incentivaram novas expedições. Os caminhos do ouro foram abertos pelos bandeirantes. Eles deixavam o rio Tietê, alcançando o Paraíba do Sul descendo até a altura do que hoje é a cidade de Lorena. Aí, passavam à Mantiqueira, aproximadamente por onde existem atualmente os trilhos do trem que sobe a serra em direção a São Lourenço, Conceição do Rio Verde, Três Corações.

Em 1646, Jaques Félix, paulista endinheirado, mete-se pelos sertões de Guaratinguetá, transpõe a Mantiqueira, conhecendo o planalto do Rio Verde. Fernão Dias Pais, percorrendo os “sertões” de Minas Gerais e São Paulo durante sete anos (1674-1681), inaugurou um novo capítulo na história do bandeirantismo: o “grande ciclo do ouro”. Fernão Dias não encontrou o ouro mas abriu inúmeros caminhos que foram utilizados pelas expedições futuras.

Ele chegou a um pico, onde hoje está um dos túneis da antiga Rede Mineira de Viação. Depois desceu à região dos pinheirais, atravessou o rio Passa Quatro, foi à Capivari e Baependi. Fernão Dias foi o mais importante comandante de bandeira daqueles tempos. Fundou diversos arraiais, penetrou fundo nos sertões bravios, atingiu Ribeirão do Carmo (posteriormente Mariana) e Ouro Preto.

Na última década do século XVII, a bandeira de Antônio Dias Arzão descobriu os primeiros depósitos de ouro. Logo afluíram pessoas de todas as partes e multiplicaram-se as aglomerações: vilas de São João e São José Del Rei (atual Tiradentes), cidades de Mariana, Caeté, Sabará - cujo conjunto formou as Minas Gerais. Ao redor dessa área foram fundados núcleos menores como os de Minas do Rio Verde, Minas do Itajubá, Minas Novas e Minas do Paracatu.

Em 1709, foi criada a capitania real de São Paulo e Minas do Ouro, destacada da capitania do Rio de Janeiro, sendo suprimida a capitania hereditária de São Vicente.

As minas foram descobertas numa época de crise econômica do Brasil e de Portugal. Suplantado o tempo do pau-brasil, o açúcar brasileiro alcançava bom preço na Europa. No entanto, os holandeses, que estiveram no Nordeste durante cerca de trinta anos, aprenderam as técnicas de manipulação do açúcar.

Expulsos do país, foram para as Antilhas e iniciaram dura concorrência com os portugueses na disputa dos mercados europeus. Assim, o ouro trouxe inúmeras consequências para a vida da colônia. A primeira delas está ligada ao crescimento da população. Os 300.000 habitantes em 1700 transformaram-se em quase 3 milhões, cem anos depois.

Além disso, a atividade mineradora exigia muito menos investimentos do que a economia açucareira. Por outro lado, a mineração não apenas daria impulso à vida urbana na Colônia, como faria com que, pela primeira vez, o número de elementos brancos suplantasse o total de negros.

O ciclo do ouro lançaria o Brasil em uma nova era econômica, social e política. Modificaria suas fronteiras e lançaria as bases para os movimentos de libertação, sementes da independência, cerca de um século depois.

2- O TROPEIRO – Parte 1

Eram só três mulas carregadas. Os cestos de palha trançada pesavam bastante de cada lado dos animais. A subida, muito íngreme, forçava o passo lento. Na frente, o homem respirava fundo. Ele sabia que, poucos metros adiante, a mina jorrava água fria, quase gelada. Estavam bem no alto da montanha.

Os animais arquejavam, envolvidos na espuma grossa do suor que brotava com o atrito entre o pelo e o couro dos arreios. A manhã estava no fim. Ouvia-se a voz do homem incentivando as mulas. Com a língua entre os dentes, fazia um som característico, ritmado, misturando saliva e ar chupado entre os lábios que se uniam, formando um bico. Os animais se animavam, redobrando o esforço.

A trilha, quase imperceptível, fora traçada pelos aventureiros desde a descoberta do ouro, em antigos caminhos dos índios. Quando a notícia se espalhou, veio gente de toda parte, na ânsia do ganho fácil. Só uns poucos, porém, enriqueceram de verdade. Muitos morreram sem realizar o sonho dourado.

Desbravar, cavar o barranco, batear na beira do rio, tomar conta dos muitos espíões e bandoleiros, tarefas árduas que ainda se tornavam mais difíceis quando não havia alimentação certa, nem remédios além daqueles que a própria natureza fornecia. Apenas a cobiça e, ainda, os animais selvagens, a onça faminta, as cobras venenosas.

Duro mundo, quase virgem, como no início dos tempos. Duro também era o trabalho dos escravos, coitados, sem direito algum. Muitos deles ainda usavam cangalhas para não fugir, e tinham marcas pelo corpo, como se marcam os animais.

Finalmente chegaram à mina d'água. O líquido escorria da pedra, com um salto de mais de três metros, abrindo-se em verdadeira torneira que jorrava brilhante, forte e ruidosa. O homem, com agilidade, arrancou os cestos dos animais, tirou os arreios e meteram-se todos embaixo da água.

Deliciosa a sensação da água fria nas costas suadas, no rosto vermelho. Ele arrancou a camisa, alargou as botas de cano alto, jogou-as longe e sentou-se no chão, boca aberta, água escorrendo pelos lados dos lábios, formando um fio líquido que descia pelo queixo. As mãos empurravam os cabelos para trás, enquanto os olhos se fechavam satisfeitos.

Os pés batiam nas pequenas poças, os dedos esticados, abrindo e fechando seguidamente. As mulas, finalmente descansadas, pastavam a grama bem verde que crescia em torno das pedras molhadas.

Afastando-se do jorro de água, o homem retirou um bernal de um dos cestos. Abriu-o e enfiou a mão, retirando-a de lá cheia de carne seca misturada com farinha. Comeu pouco, mas com evidente prazer. Logo retornou à água, bochechando gostosamente. Pouco adiante uma bananeira oferecia seus frutos amarelos pintados de ferrugem. Ele comeu algumas bananas e guardou um cacho mais verde, enrolado no gibão.

O tropeiro sentou-se no chão, à sombra de uma grande árvore. Enquanto sua camisa secava, a brisa fresca convidava ao descanso. Agachado junto a um tronco largo, o homem estava atento. Parece que essas pessoas que vivem no mato estão sempre despertas. Conhecem os ruídos misteriosos da floresta. Mesmo dormindo, seu subconsciente está vigilante. Mas era um momento de grande paz e o tropeiro relaxou. Nada havia de suspeito.

Nesses momentos de lassidão ele recordava a terrinha e a família, do outro lado do oceano. Desde cedo habituara-se ao pouco, ao muito pouco. Seu pai Gervásio, era lavrador. Trabalhava de sol a sol em Soengas, uma das menores aldeias do Minho, norte de Portugal. Acordava muito cedo, comia um pedaço de pão e saía para a lavoura. Aqui era aquele calorão, mosquitos, febres, cobras, chuvas copiosas.

Lá a grande lembrança era o frio, o trabalho no campo, as ovelhas balindo, a casa fechada, o vento gelando, a água escassa. Lembrava-se muito das estações do ano, bem definidas. Depois do inverno, a quantidade de luz aumentava cada vez mais. Em março o dia já estava quase com doze horas. No começo de maio a noite era menor que o dia.

A luz a tudo penetra, circundando e envolvendo a natureza com um véu de grande leveza, uma túnica alva e transparente que amaciava as cores, harmonizando-as. Saudades da terra, dos cheiros da colheita, das danças alegres em tomo das uvas recém colhidas e os aldeões agitados, rostos vermelhos, lenço na cabeça.

Difícil a vida na aldeia pobre. As pessoas se ajudavam mas as noites de inverno eram terríveis e frias, com o vento uivando nas janelas toscas. A densa escuridão só era interrompida pelos flocos de neve, que desciam suaves, carregando um pouco da luz das estrelas.

Ali, descansando embaixo da grande árvore tropical, o menino João voltava à terra natal. Estavam presentes os perfumes do campo, o capim nascendo, as ovelhas cobertas de lã. Ouvia o guizo da ovelha-madrinha, pesada, descendo lentamente entre as ribanceiras do morro. Ele tocava a andadura com seu bastão.

De quando em vez parava e olhava para trás, observando o rebanho. Assim se acostumara aos ruídos do campo, às cores da serra. Ao norte de Portugal o verde era mais queimado, aproximando-se do marrom. As oliveiras, com seus frutos, contribuíam para que a paisagem fosse carregada dos tons apropriadamente chamados verde-oliva.

As uvas, com seus verdes de diversas gradações, davam uma coloração toda especial à paisagem. As árvores, em sua maioria eram baixas e, no inverno, quase sumiam, desganhadas, sem folhas.

O sapato de couro tosco enterrava-se na lama úmida e fria, encharcada da neve da madrugada. O pequeno João corria à frente das ovelhas. Logo voltava, arfante. Corria para tomar conta e para diminuir o frio. Longos e lentos os dias do inverno em Soengas.

Bons eram os dias de assar o pão. A mãe batia a massa na véspera e deixava descansar, durante toda a noite e pelo dia inteiro. À tardinha o fogão de barro estava bem quente e as broas cruas começavam a cozinhar. O cheiro se espalhava pela casa, saía pela fumaça branca que subia pela chaminé. Lá de longe o cheiro gostoso era percebido pelo nariz treinado do menino. Ele apertava o passo, retomando com as ovelhas, a boca cheia d'água. Depois, era partir o pão, a fumaça escapando entre os dedos, os lábios soprando, para não queimar a boca...

A casa era de dois cômodos, apenas. Uma espécie de sala, prolongamento da cozinha, e o quarto. Na cozinha, o fogão de barro, sempre aceso, para aquecer a casa, principalmente no inverno. A mãe passava ali quase todo o tempo, juntamente com suas cinco irmãs. João lembrava-se delas com ternura. Sua mãe, típica aldeã da província, longos vestidos de lã, tecidos por suas próprias mãos, quase não falava. Seus olhos, no entanto, percorriam continuamente o ambiente. No seu silêncio, ela controlava a casa e observava as atividades das meninas.

A antiga família portuguesa era profundamente centrada no homem. A mulher aceitava o papel de coadjuvante como, até hoje, em muitos lugares. Numa família com a mãe e cinco filhas, era natural que João fosse olhado como a grande esperança. Único filho homem, em tudo seguia o pai, enquanto que suas

irmãs limitavam-se aos serviços de casa, quase que confinadas, como era de costume.

Embora João gostasse muito de brincar com suas irmãs, na dura vida do campo quase não havia oportunidade para brincadeiras. Trabalhava-se de sol a sol, dormia-se muito cedo, acordava-se com a aurora. Aos domingos, o culto na igreja e o descanso quase religioso em casa, preparando-se as ferramentas para o dia seguinte.

Longos silêncios quebrados apenas nos dias de festa da igreja. Aí vinha gente de muitas partes. Dançava-se e cantava-se até tarde. O vinho generoso era distribuído nos odres. João vira muitas vezes os homens levantarem o braço, empunhando o cantil. Lá do alto, descia o vinho rubro, que escorria pelos cantos da boca. Foi, talvez por isso, com a água escorrendo pelos cantos dos lábios, que lhe vieram tantas recordações da infância.

Tinha admiração especial pelos saltimbancos, sua habilidade, seu equilíbrio, sua alegria. Eles andavam muito, de um lugar para outro, falavam um idioma arrevesado. João achava graça mas admirava suas roupas muito coloridas e as vozes altas que anunciavam os números. Depois corriam o chapéu, recolhendo as doações. Era o encanto dos dias, especialmente na primavera, quando se realizava a feira anual, em homenagem ao padroeiro de Soengas.

O padre vinha do Minho, abria a igreja, tocava o sino e toda a gente corria, com suas melhores roupas. As crianças ficavam excitadas com a festa, com seus laços vermelhos, o pano brilhante amarrado ao pescoço, nos meninos, ou preso na cabeça das meninas. O xale branco fazia um fundo onde se destacava ainda mais o pano verde, ou azul, os mais usados em Soengas. Depois da missa, as pessoas se juntavam no pátio, em frente à igreja. Era quando apareciam os artistas de rua, as danças tão ao gosto do povo que batia palmas, ritmadamente. Tempo de sorrisos, talvez os únicos risos daqueles tempos tão escuros e de tanto medo.

É verdade, tudo era motivo para medo. O temor de Deus, mostrado como um senhor vigilante, pronto a condenar às profundezas infernais, ao castigo eterno, estava presente na vida das pessoas, durante todo o tempo. João não entendia bem aquele temor. Quando tomava conta das ovelhas gostava de ver a perfeição da lã, tão bonita, tão gostosa de tocar. Elas se aproximavam dele, confiantes. Muitas vezes ele as socorrera, quando escorregavam ao lado do caminho, desciam a ribanceira, ou se atrasavam na caminhada. E, embora fossem animais, elas claramente o procuravam quando aparecia qualquer dificuldade.

Ora, pensava ele, se as ovelhas me procuram, por que sabem que eu cuido delas, nós que somos as ovelhas do rebanho do Senhor, temos que ter medo d'Ele?

Sempre pensava nessas coisas, desde garotinho. Quando o vento inclinava o trigo no campo, ele pensava que era o Senhor, visitando Sua obra. Gostava de lavar o rosto no riacho e sentir a água fria, que ficava ainda mais fria quando o vento vinha ligeiro e se misturava com seus cabelos molhados. Mas era uma sensação deliciosa.

Pensava ele:

- Acho que Deus me visita no vento. Acho que o vento é a carroça que transporta Deus. Às vezes Deus fica bravo mesmo. Aí vem uma ventania que carrega tudo. Mas, quase sempre, Deus vem naquele vento brando, gostoso, da primavera. Um vento cheio dos perfumes misteriosos que surgiam lá do fundo da mata. Igualzinho àquele vento que, agora, vinha também do fundo da mata. No Brasil ou em Portugal, o mesmo vento, o mesmo Deus, acariciando seu rosto, dando-lhe proteção e bem-estar. - Nestas horas sou mesmo uma ovelha - pensava.

Depois veio a leitura. Ninguém sabia ler na aldeia. Só o padre, que não estava sempre porque precisava atender a outras vilas. João sentia um fascínio pelos livros da sacristia. O padre ficava ali muito tempo, lendo. Um dia João tomou coragem, pediu-lhe a bênção e a permissão para aprender a ler. O padre ficou olhando, admirado, aquele rapazinho interessado em leituras. E aceitou ensinar-lhe, desde que seu pai concordasse.

Seu Barbosa tinha grandes esperanças no filho. Eram muito pobres mas descendiam de antigos senhores da região. Quem sabe aquele menino ressuscitaria as glórias antigas?

O padre ensinou-lhe as primeiras letras e as primeiras contas. Como viajava muito, os exercícios eram repetidos muitas vezes pelo menino, que já sabia quase tudo de cor e salteado. Melhor ainda quando o padre deixou que ele limpasse a sacristia e arrumasse os livros. Assim, embora não entendesse direito o significado do que lia, exercitava-se, adquirindo razoável conhecimento. Para a aldeia era conhecimento demais e o próprio pai, sonhando com a retomada da grandeza dos Barbosa, arranjou-lhe, através de um amigo, uma ocupação no Porto.

2- O TROPEIRO – Parte 2

Foi um dia difícil para o rapazinho João a ida para o Porto. As despedidas da mãe e das irmãs foram dolorosas. Mas o pai acenava-lhe confiante e entusiasmado. Foram juntos, de carroça, muitas horas pelo caminho de barro, subindo e descendo os morros. De repente aquele cheiro do mar, a barulhada do Porto, gente passando, apressada, as grandes velas arriadas nos navios, que carregavam e descarregavam.

O emprego do pequeno João era ligado ao movimento do cais. O amigo do seu pai estava nos negócios, enviava linguças, vinhos, conservas, para as colônias portuguesas. Precisava de uma pessoa que fizesse anotações, que conhecesse as contas. O pai se foi de volta. João dormia no armazém, num saco disponível.

O armazém era escuro e frio. João passava o dia inteiro ali, ouvindo as histórias das viagens fantásticas. Os mistérios do grande mar oceano, como diziam. Divertia-se observando o andar gingado dos marinheiros, ouvindo o sotaque de pessoas de outras terras. Falava-se dos gigantes que se levantavam, de repente, do fundo do mar. Eles seguravam os navios, como se fossem de brinquedo e engoliam vivos os homens.

Havia também as sereias que encantavam os marinheiros com seu canto mágico. Era um canto bonito, tão bonito que os homens ficavam cegos, os navios batiam nas pedras e todos morriam no fundo do mar. E peixes, peixes tão grandes que eram capazes de engolir um navio inteiro. Quando João olhava no porto o tamanho dos navios, ficava pensando na enormidade dos gigantes, ou na boca dos peixes e se enchia de curiosidade.

Mas ele gostava mesmo era das histórias do Brasil. Tinha índio, papagaio falante, árvores imensas, um sol grande e quente o ano inteiro. Diziam que o Brasil era enorme, tão grande que nem tinha fim. Ninguém sabia onde começava, onde acabava. Era terra e mar e rio e bicho, muito bicho dos quais ninguém sabia falar direito.

Nas noites frias do Porto o rapaz cismava, deitado no fundo do armazém. Sonhava com os dias claros de sol dourado, com as noites quentes, cheias de estrelas. Ele era também um andarilho, pastor de suas ovelhas em Soengas, admirador dos andarilhos que cantavam na feira da aldeia. Não gostava,

absolutamente não gostava de viver confinado dentro de um armazém escuro e frio. Aos domingos, depois da missa, esticava os olhos para o cais.

Talvez visse um gigante, um peixe grande ou a sereia cantando. Seria melhor do que voltar para o seu armazém. Mas ficava lá quase todo o tempo. Já havia ganhado algum, dinheirinho, que mandava para casa. Sempre restava um pouco e ele, que não gastava nada, nem de comidas, nem de bebidas, começou a sonhar com uma viagem ao Brasil.

Seu pai havia recomendado quanto ao brasão dos Barbosa. Havia um motivo, pois. Para o jovem, era a esperança do sol, o brilho das estrelas e o vento, o carro de Deus, como gostava de pensar. Diziam que os ventos no Brasil vinham de todo lado. Ele queria ver, queria sentir a brisa fresca da manhã beijando seu rosto. Um beijo de Deus, queria.

Aproximava-se o final do século. Como sempre, falava-se muito do final dos tempos, da vida nova. Para os homens um final de século não é como o final de um ano qualquer. João já era um homem. Pouquíssimas vezes voltara a Soengas. Era muito um homem do Porto, um homem acostumado aos negócios, às compras e vendas, aos depósitos, aos despachos, às exportações, à conservação de alimentos, ao trato com as fazendas e as especiarias.

Também já ouvira falar tanto das colônias, que todas eram suas conhecidas. Mas o Brasil era um imã que o atraía cada vez mais. Juntou suas economias, conseguiu interessar seus patrões, principalmente porque, agora, as histórias do Brasil eram cheias de ouro e pedras preciosas. Assim conseguiu dois sócios que com ele partiram de Portugal, para os sonhos do Brasil.

O menino andarilho dava o grande passo da sua vida. Com ele o sonho dos Barbosa, alimentado por seu pai. E as lembranças da mãe e das irmãs, das quais se despedira numa última viagem a Soengas.

Dura a viagem. O barco dançava nas ondas que, muitas vezes se levantavam e varriam o convés. Os marinheiros corriam de um lado para o outro, amarrando as velas, ajustando as posições dos cabos. O barco subia e descia provocando náuseas e vômitos. Comida, quase nenhuma. Água, racionada. Mas João sentava na popa e sentia o vento do mar. Aquele vento cheiroso de sal, empurrando o barco que gemia inclinado, ora para um lado, ora para o outro.

João parecia um veterano, tantas histórias ouvira. Sabia tudo do mar e do navio. E se divertia com as canções dos marinheiros, cheias de saudades de portos distantes, contando histórias de grandes amores, das grandezas e das

misérias dos sentimentos dos homens. Os homens do navio, grandes mãos curtidas no trato com as cordas, barbas sem trato, sapatos de tacões fazendo barulho contra o assoalho escorregadio, sempre molhado, da coberta.

Os dias passavam para João entre o sonho e a esperança. Viajavam com ele dois negociantes amigos que se associaram ao seu patrão na empreitada de conseguir entrar nos negócios do ouro e das pedras da colônia. João seria um sócio menor, aceito graças às suas habilidades com os números e ao fato de gozar da mais estrita confiança do patrão, na verdade um parente afastado dos Barbosa.

No fundo eram todos aventureiros, corajosos, que estavam apostando tudo na era nova, que viria nas ricas terras do Brasil.

Jamais João esqueceria da vez primeira em que contemplou, da entrada da barra, a paisagem, o recorte delicado das montanhas, os tons de azul no céu límpido. O sol se infiltrando na galharia das árvores criava reflexos dourados, luminosos, e a multidão de gaivotas brancas fazendo algazarra, como se saudassem o navio que se aproximava da praia. Estranha sensação. Era como navegar dentro de um cartão postal, velejar numa pintura, sonhar acordado.

Linda, linda cidade de São Sebastião! Imensas praias brancas. Ilhas rochosas, salpicadas de pequenos montes verdes, a água mansa, translúcida, variando do verde esmeralda ao azul de cobalto. Sentia-se privilegiado por viajar numa pintura, mais bela que a mais bela pintura que o homem pode criar.

João sentiu um respeito enorme por tanta beleza, por tanta luz e cor, pelo movimento harmônico das ondas suaves que balançavam o navio carinhosamente.

À direita, mais ao longe, os picos azulados do que seria, posteriormente, conhecido como a Serra dos Órgãos e, nela, o Dedo de Deus. Atrás, a Praia Grande, que os índios, naquele seu jeito estranho de falar, pronunciavam “Ñhig-ter-oig”, para nós, Niterói, que significa “água escondida”.

Uma curva à esquerda e o navio aproximou-se rapidamente do ancoradouro. Os marinheiros faziam movimentos sincronizados, puxando as cordas, dobrando velas, preparando as âncoras. Pequenos barcos aproximavam-se. O capitão apareceu na coberta. Trajava uma roupa brilhante, cheia de galhardetes, bota engraxada, espada à cinta, chapéu de duas pontas, com borlas de arminho. Era um fidalgo e se preparava para as saudações às autoridades de terra.

Quando o navio aportou, João também desceu, juntamente com seus sócios. Sentiu as pernas meio trôpegas, depois de tanto tempo confinado no navio. Mas o ar balsâmico da manhã era vitalizador. Eles desembarçaram algumas poucas bagagens, algumas roupas de pequeno volume. Logo apareceram uns negros carregadores e, em seguida, um amigo do seu patrão do Porto, que os alojaria. O hospedeiro falava entusiasmado das maravilhas que se ouvia do ouro das minas, despertando ainda mais o interesse dos aventureiros.

Uma boa refeição quente, como não comiam há muito, deu a todos excelente humor. Apesar do cansaço acumulado, falaram o dia inteiro, seja das coisas da pátria, que ficara para trás, seja da terra exótica onde tentariam realizar os seus sonhos.

Na verdade a viagem ainda não terminara. O navio passaria alguns dias em S. Sebastião e, em seguida, iria a Paraty, destino final dos jovens sócios.

João aproveitou para conhecer a cidade. Certamente era estranha. De perto assim, perdia muito daquela beleza observada desde o mar. Era uma cidade apertada contra a montanha. Ruelas irregulares, poucos habitantes, esgoto em valas à flor da terra. Um odor desagradável acompanhava a todos que se deslocassem pelas vielas. As águas servidas corriam a céu aberto.

Mosquitos zumbiam dia e noite. Moscas renitentes teimavam em pousar sobre as pessoas. Era bem uma cidade dos trópicos, selvagem, primitiva, úmida, mal cheirosa, inculta.

Os negros passavam, com seus corpos brilhantes de suor, carregando bagagens, empurrando carros de mão, transportando cestos nos ombros, vasilhas na cabeça, em prodígios de força e equilíbrio. Muitos deles traziam marcas de fogo pelo corpo e cangalhas no pescoço, arrastavam ferros e correntes, em dantesco espetáculo da barbárie, da violência e do primitivismo do ser humano. João ficou chocado com aquilo.

Sentia-se suficientemente forte para carregar suas próprias bagagens. Era, de fato, robusto. Cerca de um metro e sessenta e cinco de altura, tronco largo, pernas curtas, mas grossas, todo o seu corpo era rijo, musculatura jovem, bem distribuída, sem gorduras. O rosto, arredondado, cabelos escuros, era bem o tipo lusitano, mãos grossas, calosas.

Mas o que nele chamava a atenção era o olhar, muito calmo, doce mesmo. E um sorriso, sempre disponível entre os lábios finos, passando uma sensação de amizade. A barba rala, quase inexistente, aumentava-lhe o ar de aparente

desamparo, mostrando uma pessoa de quem valia a pena gostar. Confiança. Isso! Confiança era o que o João inspirava imediatamente.

Talvez por esse motivo granjeara o respeito do patrão, no Porto, conseguira amealhar alguns recursos e, até, a participação, como sócio, na empreitada aventureira que estavam iniciando nas terras do Brasil.

Passaram alguns poucos dias na casa do amigo, que ficava bem próxima da atual Praça XV, nas imediações do ancoradouro. Na verdade, grande parte da cidade se concentrava naquela área, junto ao porto. Só muito lentamente o casario estendeu-se pelos morros, uma vez ocupadas as partes mais baixas.

Em dois dias voltaram ao navio. Seu destino era Paraty, a porta de entrada para as minas. Seu propósito era o comércio de importação e exportação, que conheciam bem, dada a sua experiência no Porto.

Pensavam em explorar um armazém, a fim de vender para os aventureiros das catas e faisqueiras. João e seus sócios trariam do reino, e de outros países, alimentos de grande durabilidade, como os queijos curtidos, chamados do reino, os salsichões, salames, linguiças, azeites e vinhos e, ainda, roupas, botas, linhas, artigos de couro.

Assim poderiam vencer os muitos dias das viagens às minas onde trocariam os alimentos e demais artigos pelo ouro, tão abundante na época. Começavam, dessa maneira, a difícil trajetória de “negociantes da carreira das Minas”, recém iniciado o século XVIII. João estava com vinte e cinco para vinte e seis anos.

3- A CARREIRA DAS MINAS

Paraty era o lugar ideal porque, situada num recanto da baía de Angra dos Reis, era de fácil desembarque e possuía um acesso natural que vencia a Serra do Mar, descendo na região que é hoje Taubaté, junto ao Rio Paraíba. Encontrava-se ali o caminho aberto pelos aventureiros que, desde São Paulo, desbravaram a subida para a Mantiqueira, passando por Pindamonhangaba, Guaratinguetá e, afastando-se do rio Paraíba, subiam a serra das minas.

Havia trechos tão íngremes que era necessário descarregar os animais. O caminho seguia por montes e vales, vencia arroios e rios de caudal. Finalmente, mais de trinta dias após, chegava-se à região de N. Sra. do Carmo, depois Mariana e Ouro Preto.

Mais uma vez a cobiça humana criava um espetáculo aterrador. Nas catas e minas, numerosos escravos, negros ou aprisionados entre os índios, com pás, picaretas e enxadas, removiam a terra, à beira dos rios ou nos barrancos da montanha. Senhores e feitores, com chicotes, varas, gritos e muitos instrumentos de torturas, incitavam os pobres homens, seminus, à busca incessante. Deles recebiam o pó amarelo, e as pepitas, que seriam enviadas às fundições.

Eram abundantes as minas, naqueles tempos. Maior ainda a ganância. Pensava-se apenas no ouro. Não havia alimentos disponíveis, nem roupas ou quaisquer outras necessidades para o mínimo de vida razoável. Assim, os negociantes das carreiras das Minas ganhavam muito, às vezes mais do que os próprios faiscadores.

Rapidamente João e seus parceiros alugaram uma casa que servia de galpão, nas imediações do ancoradouro de Paraty. Ali arrumaram o estoque que trouxeram de Portugal. Conseguiram um guia para as minas, adquiriram mulas resistentes e João, que era o mais jovem dos sócios, iniciou sua primeira viagem “carreira das Minas”.

Jamais esqueceria esta primeira viagem. A deslumbrante paisagem das serras, as quaresmeiras floridas, amarelas, arroxeadas, por vezes avermelhadas. Fazia calor, mas os riachos límpidos ofereciam a água e o banho de indescritível prazer. A sombra das árvores era perfumada. Flores silvestres pontilhavam de mil cores os caminhos da serra. João era particularmente sensível à natureza.

Tanta beleza, nos grandes silêncios das caminhadas, despertava suas reflexões sobre a vida, fazia desabrochar as saudades de algo que ele não sabia exatamente definir.

Podia ser Soengas mas, lá no fundo, havia algo mais, ainda não explicável. Havia também os animais da floresta, especialmente os macacos, balançando nas árvores, dando saltos incríveis. E as pequenas aves que, repentinamente, levantavam voo, em bandos salpicados de brancos e azuis e cinzas e vermelhos além de cervos, pacas e as aves da noite como as corujas e seu pio melancólico.

Dormia ao relento, embaixo de grandes árvores, nas noites de céu estrelado. Quando chovia, enrodilhava-se dentro de pequenas grutas, afastado das árvores que atraíam os raios da tempestade tropical. O guia sabia tudo dos caminhos, dos segredos da mata no seu linguajar estranho, indicava a melhor maneira de fazer todas as coisas.

Era um velho índio, hábil mateiro, conhecia os segredos das plantas, fazia remédios para picadas de mosquitos xaropes, unguentos, cataplasmas. Era um velho calado, resmungando lá consigo mesmo, num linguajar impossível de entender para João. Mas os gestos eram expressivos e suficientes.

Comiam frutas, principalmente bananas, abundantes pelo caminho. O velho guia montava arapucas, armadilhas para pequeno animais. Fazia fogo com pedaços de pau, pedras e ramos secos.

Apanhava água dos riachos, algumas folhas e estava pronta um sopa, a única refeição quente do dia, geralmente tomada à noitinha antes de dormir. Depois, era a fogueira para espantar os animais da noite, sobretudo as cobras. Dormiam placidamente. Era gostoso aquele ar tão puro, um ar úmido, balsâmico, cheio dos mistérios, chuva, de flor desabrochando, de abelha transportando mel. João aprendeu a gostar do caminho, desde os primeiros passos.

Tristes, porém, as faisqueiras, com os escravos, a voz estúpida dos feitores, os lamentos dos homens que sangravam com tanto esforço. Depois de um dia inteiro de trabalho, mal alimentados, doentes, tomados pelas febres, dormiam ali mesmo entre as correntes que os prendiam, como feras, ao ar livre, chovesse ou não.

Eram homens, quase todos jovens, desdentados, muitas marcas pelo corpo, de ferro em brasa, de outros instrumentos de tortura. Viviam ali mesmo, entre seus próprios dejetos, com suas feridas, os xingamentos, as agressões brutais dos

patrões. Muitos morriam e ficavam caídos, o dia inteiro, para horror dos seus companheiros.

Depois eles mesmos eram obrigados a retirá-los dos ferros, jogando-os ribanceira abaixo, para serem comidos pelos urubus e outros animais. Durante muitos dias ficava no ar o cheiro do corpo putrefato. Diziam que os negros e os índios não tinham alma e, portanto, não eram seres humanos. Mas a verdade é que, tanta barbaridade não devia se fazer nem com os animais.

João tomou horror das faisqueiras. Fazia seus negócios e rapidamente regressava, querendo substituir aquelas visões do inferno pelo céu, que era a montanha. Cada viagem demorava cerca de dois meses, com mais de trinta dias para ir e mais de vinte para voltar.

Assim, a cada ano João fazia quatro à cinco viagens que, na época das grandes chuvas, demoravam ainda mais. Outro dos sócios seguia roteiros diferentes, buscando novas freguesias, de tal maneira que, em breve, estavam todos muito ricos.

Tanto horror causava a João a tortura das minas que depois de alguns poucos anos na carreira, conseguiu convencer seus sócios a permanecer em Paraty. Os outros, em sistema de rodízio, fariam as viagens além da serra. João, de fato, era o mais bem preparado experiência desde o Porto. Era o que melhor conhecia as escritas os números e as normas legais. O mais capaz de preparar as contas não só para o grupo que estava no Brasil como para o companheiro grande financiador da empreitada, que ficara em Portugal.

Assim depois de alguns anos de sobe e desce nas serras de Minas, de São Paulo e do Rio de Janeiro, João estabilizou-se em Paraty. Era 1704. João estava com vinte e oito anos, recém completados.

4- A VOZ INTERIOR

Paraty era uma vila com um movimentado porto. Lavradores da região para ali convergiam, gente da cana, principalmente, a fim de venderem seus produtos em Santos e Rio de Janeiro, através de embarcações ligeiras que faziam a linha da costa. O movimento cresceu muito com a descoberta das minas. Com os navios que vinham da Europa, trazendo especiarias, roupas, ferramentas e aventureiros, mulheres, todos querendo a fortuna fácil.

João ficou logo bem conhecido. Era um homem bom, caridoso, amigo. Trabalhava muito, preparando as viagens dos seus sócios, cuidando do armazém, correspondendo-se com o sócio que ficara em Portugal, fazendo encomendas aos navios que voltariam à Europa.

Aquelas viagens às faisqueiras produziram em João profundas mudanças. Não era mais o menino de Soengas. O adolescente sonhador do Porto dera lugar ao homem curtido que se arriscava nos perigos da mata, lutara contra animais bravios, conhecera a cobiça dos homens, convivera com a barbárie da escravidão.

Tinha o dinheiro do mundo, mas não era por certo, um homem do mundo. À sua volta, em Paraty, as ruelas se enchiam de gente faminta de sensações que não lhe diziam nada. Ao contrário, lembravam a violência, a estupidez do garimpo, os homens enlouquecidos pela cupidez sem limites.

Seu mundo era o do vento... o carro de Deus... Era o mundo das cores do pôr-do-sol, da espuma branca saltando para o céu quando o mar bate nas pedras. Era o mundo das gaivotas riscando de branco o céu azul. O mundo das árvores que se voltavam para os raios dourados do sol da manhã.

Seu grande prazer: acordar bem cedo, comer um pedaço de pão e uma banana madura. Depois o mergulho nas águas límpidas. Em seus cabelos enquanto ele fechava os olhos, deliciado. Aos poucos as roupas também ficavam enxutas. Era como se ele entrasse em sintonia com o mundo natural.

Ansiava por interiorizar tanta beleza, tanto bem-estar. Ele sabia que, nesta harmonia, nesta paz não estava o olhar da cobiça, nem o ouro contava. Uma harmonia onde honra, probidade, justiça, eram mais que palavras. Pelo ouro roubava-se, mentia-se, escravizava-se, matava-se. No mundo da paz genuína também não entrava a gargalhada sinistra, nem o riso debochado da prostituição e do alcoolismo.

Negras, índias, até algumas europeias, circulavam nas catas enchiam as ruelas em torno do porto de Paraty, oferecendo acintosamente seu corpo. Homens bêbados rolavam no chão, cheio de libidinagem, entre escarros e vômitos. Sexo animalesco, bebidas embrutecedoras, eram o séquito brutal do ouro, formando um trio infernal. João se sentia mal perante aquelas cenas que aproximavam a criatura humana dos brutos mais brutos.

Um dia, ao voltar para casa, após a meditação gostosa da manhã estava plenificado pelas bênçãos que recolhera dos perfumes das flores, das sinfonias dos pássaros, dos desenhos caprichosos que as nuvens faziam no céu. Sentia-se leve, com enorme disposição. Estava em paz.

Fora largamente visitado por Deus em seu carro de vento. Aí viu a negra reluzente, sorrindo bestialmente, com sua boca de dente faltando, lábios grossos, um terrível cheiro de bebida. Sentada na sala pernas bem abertas, ela mediu-o com o olhar, de alto a baixo, pensando ser sedutora. João observou-a. Naquele instante algo de mágico aconteceu.

Era como se de seus olhos saíssem as ondas do mar, que acabara de observar e sentir. Aquele olhar de João, sereno, profundo como o mar, derramava-se sobre a mulher em sucessivas ondas de amor, um amor incondicional, uma ternura balsâmica, indizível, uma bênção, um beijo do sol na gota de orvalho, aquecedor e luminoso.

Era um mar de amor azul esverdeado que saía pelos olhos castanhos de João. A mulher encolheu-se como se fosse apanhada por uma onda inesperada. João, estático, sentia algo profundo, inexplicável. Sabia que era a vontade de ajudar aquela criatura. Sem palavras, desnecessárias, aquela onda de harmonia e paz, avassalou a pobre mulher, que se encolhia, buscando uma proteção e, ao mesmo tempo entregava-se à ternura que avançava sobre ela.

Era como se fosse um combate: de um lado as forças do caos, do outro, a harmonia. De um lado a violência do sexo, de outro, a paz do amor. Contra a paixão desequilibrada e barulhenta, o silêncio misterioso da estrela pulsando no infinito. Era como se uma diáfana rede de luz pousasse lentamente sobre a treva, substituindo-a. Inexplicavelmente, a mulher sentiu sono.

Em pouco sua cabeça curvou-se sobre o peito. E ela dormiu, recostando-se na parede grossa da sala. João saiu pela porta a fora, surpreso, querendo pensar naquilo tudo. Foi para o armazém. Durante horas, a cena repetiu-se dentro de sua

cabeça. À tardinha, quando voltou, a mulher já não estava mais lá. E nunca mais lhe apareceu.

Pela manhã, na beira da praia, João começou a achar que estava meio maluco. Sentia como se uma voz falasse dentro dele.

Era cada vez mais clara.

- “Tanta degradação, tanta miséria, no meio de tanto ouro, isso não diz nada ao teu coração? “Bastava acocorar-se na beira da praia, sentir o prazer do vento secando seus cabelos, observar as gaivotas brancas planando no céu e pronto - primeiro aquela sensação de bem-estar, depois a pergunta incômoda - “Isso não diz nada ao teu coração?”

À medida que o tempo passava, o sobressalto daquela pergunta diminuía. Era como se ele se acostumasse. Já sabia que a pergunta viria, pulsando, lá no fundo de sua alma. E começou a desejar dar-lhe uma resposta. Seu coração gostava dos cheiros das florestas, das espumas do mar. Gostava, sobretudo, do vento, o carro de Deus, como acreditava desde Soengas, na meninice.

Ainda lembrava da sensação dos pés que se afundavam na neve. Não era muito diferente, agora. Aqui havia o sol quente, o mar luminoso, pássaros de todas as cores e matas densas, cheias de perfumes. Mas a sensação não era muito diferente. E a voz lhe era cada vez mais íntima, mais familiar.

- “Isso não diz nada ao teu coração?”

À medida que o tempo passava, o sobressalto daquela pergunta diminuía. Era como se ele se acostumasse. Já sabia que a pergunta viria, pulsando, lá no fundo de sua alma. E começou a desejar dar-lhe uma resposta. Seu coração gostava dos cheiros das florestas, das espumas do mar. Gostava, sobretudo, do vento, o carro de Deus, como acreditava desde Soengas, na meninice.

Ainda lembrava da sensação dos pés que se afundavam na neve. Não era muito diferente agora. Aqui havia o sol quente, o mar luminoso, pássaros de todas as cores e matas densas, cheias de perfumes. Mas a sensação não era muito diferente. E a voz lhe era cada vez mais íntima, mais familiar.

- “Isso não diz nada ao teu coração?”

Os negócios da empresa iam muito bem. João, em Paraty, aguardava os navios que chegavam. Ou lhe traziam encomendas próprias ou, então, entrava em negociação com os aventureiros transformando-se em verdadeiro atacadista. Anotava as operações nos livros competentes. Estocava, arrumava, separava os

lotes para distribuição. A essa altura, já fornecia também para outros negociantes, além dos seus sócios. Os ganhos eram cada vez maiores.

Nas proximidades de Paraty havia uma aldeia chamada Aparição. Um dos sócios de João vinha das catas. Estava alegre com a vendas. Trazia ouro bastante e ansiava por chegar. Contava tirar um bom descanso, após as lutas nas serras. Muita chuva fizera com que perdesse duas mulas, em grave acidente.

Ele mesmo quase morrera nas grimpas que o levariam a um abismo sem fim. Descida, afinal a última elevação, Aparição era a parada antes de Paraty. Ele alimentou a mula, trocou a roupa, comeu um pouco e entrou no caminho já tão conhecido. Os ladrões vieram, espantaram mula e jogaram os cavalos sobre ele.

Ficou apenas o corpo, jovem, sobre a relva. Já estava em decomposição quando um tropeiro vindo das minas o encontrou e reconheceu. A notícia causou funda impressão em João, que se afeiçoara extraordinariamente ao seu sócio. Considerava-o como o irmão que não teve. De certa maneira seus sócios eram a sua família, substituindo os entes queridos que ficaram em Soengas.

Profunda melancolia apossou-se do negociante. Sentado na beira do mar, a pergunta voltava muito forte ao seu coração:

- “Será mesmo este o sentido da vida?”

5- PRIMEIRA VISITA AO CONVENTO

Em meados de 1704 chegou a Paraty a notícia de que o navio que trouxera as últimas encomendas chegara avariado. Com extrema dificuldade, ancorou no porto do Rio. Não poderia, tão cedo, seguir viagem até Paraty. João estava preocupado.

Do carregamento encomendado havia muitos artigos que poderiam estragar ou se perder. Era necessário conseguir o transbordo para outra embarcação, a fim de evitar prejuízos maiores. A viagem desde Portugal fora mais longa do que o normal. Quando João recebeu a notícia, embarcou na primeira falua ⁽²⁾ disponível e rumou para o Rio.

Repetiu-se, na entrada da Baía de Guanabara, o deslumbramento da primeira viagem. Aquela sensação de rever uma paisagem familiar, os mesmos desenhos delicados das montanhas, as praias brancas contornando toda a orla, as ilhas salpicadas de verdes. Uma emoção intraduzível fazia o coração acelerar-se, provocando-lhe estranha saudade.

A pequena embarcação entrou com facilidade no atracadouro. Logo João entendeu-se com o amigo que o recebera anteriormente. Deveria ficar pelo menos uns dois dias, até que a carga fosse transferida para a falua. Inevitável esperar. Assim, João, resolvido o que dependia dele, teve algum tempo à sua disposição.

Queria muito conhecer a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Saindo do cais da atual Praça XV, entrou pela Misericórdia, um caminho tortuoso que passava pela Santa Casa, um pequeno cemitério e o hospital. A cidade acabava pouco depois da Santa Luzia, mas, adiante, avistava-se uma elevação que se destacava abruptamente.

No alto do morro uma construção tosca era bem visível por causa da caiação branca projetada contra o fundo verde do matagal. À volta, uma lagoa rasa, na realidade um charco. À direita, pequena ermida, chamada de Santo Antônio. Um outro caminho vinha dos lados do atracadouro, muito estreito. Hoje ali é a rua São José.

João contornou a lagoa e pegou o caminho novo, subindo escarpa íngreme, como se estivesse atraído pela construção do alto do morro. Ele subia depressa,

² Falua: da família dos varinos e fragatas a Falua é uma embarcação que transportava normalmente carga e passageiros entre as duas margens do rio Tejo.

acostumado às serras grandes das minas. À medida que subia, a vista da baía, com a Praia Grande ao fundo, era esplendorosa.

O sol forte da tarde provocava reflexo dourados na mata que crescia em torno do caminho. Respirou fundo e rapidamente chegou ao cume. A construção antiga, caiada de branco surgiu-lhe inteira à frente. Ele estacou surpreso, como se só agora se desse, conta do lugar onde se encontrava.

Dois religiosos, facilmente distinguíveis pelas roupas, arrastavam uma grande panela de barro, com o fundo enegrecido. Um terceiro homem apontava lá para baixo, em algum ponto em frente, convidando a atenção dos religiosos para o “portão dos carros”.

Os religiosos viraram o rosto com vivacidade e gritaram que os suprimentos haviam chegado. João colocou-se nas pontas dos pés, olhando por cima de um monte de pedras e viu, junto à lagoa, bem à sua direita, duas carroças que se aproximavam de um portão. Lá em baixo, percebia-se tortuosa viela marcada pelas rodas pesadas que vinham desde a Misericórdia, trazendo gêneros alimentícios e outros artigos utilizados no convento.

Era pela “porta dos carros” que os animais, tocados pelos carroceiros, tinham acesso para iniciar a subida. Na verdade atravessavam estreita passagem sobre a lagoa e descarregavam. Mais tarde os religiosos desciam e iniciavam o penoso transporte até o convento, no alto do morro.

O convento já era quase centenário. Sua construção iniciou-se por volta de 1608, em terras doadas pelo governador Gonçalo Correia. Em 1615 chegaram os primeiros religiosos.

No Brasil os franciscanos estavam organizados em duas províncias, a de Santo Antônio, ao norte, e a da Imaculada Conceição que compreendia o sul do país. Ambas procediam de Santo Antônio dos Currais, província portuguesa da família dos franciscanos observantes, ou seja, que retomaram à pobreza total, abdicando de todos os bens materiais, dispostos a sobreviverem com o mínimo indispensável, obtido por meio de mendicância.

O sonho de Francisco tinha a ver com uma igreja pura, pobre, livre das demandas do poder e da sofisticação dos ritos. Tais ideias circulavam em Portugal e na Espanha, desde o século XVI, alimentadas, na Europa, por intelectuais como Erasmo de Rotterdam e Thomas Morus, dentre outros.

A Imaculada Conceição foi criada em 1675. Sua sede principal era ali mesmo, onde João se encontrava. A província abrangia doze conventos

espalhados pela capitania do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em cada convento havia um guardião, que se reportava ao provincial, a autoridade suprema em sua província.

O homem que apontou a chegada das carroças foi o primeiro a ver o forasteiro. João ainda tentava perceber o que havia nas carroças, ao longe, quando o dedo torto do homem apontou na sua direção. Ao mesmo tempo uma voz rouca soou bem alto.

Os religiosos estacaram e viraram-se na direção de João. Frei Amadeu aproximou-se sorrindo e abriu os grandes braços, como se reencontrasse um velho amigo. Frei Rogério, mais contido, porém com ar acolhedor, também sorriu e, ao aproximar-se, perguntou se poderia ser útil em alguma coisa.

João jamais soube o que se passou na sua cabeça naquele instante. Não havia planejado coisa alguma. Agora estava ali, no alto do morro do Carmo, ainda ofegante, recebendo os sorrisos de dois religiosos estranhos e, ao mesmo tempo, sentia-se em casa. Quando deu por si, já havia dito que gostaria de entrar para o convento.

Os dois sacerdotes estacaram, surpresos. Frei Amadeu informou que só o Provincial podia aceitar novos sacerdotes. João perguntou se podia falar com ele. Frei Rogério disse que o diretor estava em visita de inspeção ao convento de São Bernardino de Sena, em Angra dos Reis. João achou, ótimo porque seria seu caminho, quando voltasse.

Aquilo tudo estava acontecendo e João achava naturalíssimo, como se fosse muito comum um homem jovem, forte e rico, de repente, optar pela vida monástica. Frei Rogério e Frei Amadeu convidaram-no a entrar. Como todas as construções daquele tempo, paredes largas, muita pedra, pé direito altíssimo, janelas cor bandeiras no alto, muito compridas. Portas imensas, toscas, sem ferrolhos, fechadas por uma tramela que rodava em tomo de um eixo. Um salão, alguns poucos escritórios, a cozinha, a enfermaria as celas.

Um silêncio grande tomava conta do ambiente, enquanto lá for os pássaros cantavam, borboletas azuis e amarelas pousavam na bananeiras carregadas de cachos dourados. João sentiu uma paz indescritível, ao lado de uma absoluta integração com aquele lugar. Os religiosos ali residentes, não passavam de quarenta, segundo comentário de Frei Amadeu. A Ordem, no sul do país, teria talvez menos de trezentos religiosos. Aquele era o convento mais importante, a sede, onde o provincial mais tempo ficava.

Os franciscanos, explicava Frei Rogério, não se consideravam anacoretas, e não o eram, certamente. Estavam no mundo dos homens sem pertencerem ao mundo. Sua regra era a de Francisco, o pobrezinho de Assis.

Os três homens regressaram à parte externa do convento, sentiram-se nas pedras rodeadas das sombras da tarde que começava cair, refrescada pela brisa do mar.

Francisco era o assunto. João fechava os olhos e sentia-se em Gúbio, lembrava-se dos pés que se atolavam na neve, o vento cortante, sibilando na montanha. Os seguidores de Francisco, dedicando-se aos mais pobres, providenciando remédios, sopa quente, o dia inteiro de trabalho de amor, em favor dos necessitados.

Depois do serviço, quando a noite começava a cair, os irmãos se reuniam, faziam uma fogueira no meio do pátio. Os doentes se aproximavam e Francisco começava a falar. Havia uma força estranha naquelas palavras. Parece que saíam do fundo da alma, da alma que estava mergulhada nas certezas da paz, nas ternuras do amor. As palavras eram de luz, verdadeiras joias que saíam pela boca de Francisco e eram oferecidas, com graça e alegria, a todos.

Aquelas reuniões com Francisco eram meio mágicas, no sentido de que uma espécie de manto sagrado descia sobre as pessoas, como se fosse uma teia de fios finíssimos que aos poucos, se infiltravam no corpo. Mais além, tocavam a alma. Uma rede de amor, envolvente, pacificadora, refrescante, curadora.

As pessoas ouviam a voz aflautada de Francisco, com aquele sotaque característico, de homem da montanha, que estendia a terminação das palavras, adoçando-as, quase como se fosse um cântico. A voz de Francisco, repassada das ternuras de sua alma, era como um bálsamo, harmônico, pacificador, curativo.

João ouvia deslumbrado aquela conversa. De fato, sentia-se em casa, com enorme disposição de fazer aquilo que Francisco fazia.

Desceu o morro com o coração aos saltos. Uma sensação de alegria, de felicidade indescritível, uma leveza, a paz da certeza. Sua vida estava resolvida. Os sentimentos que o envolveram naquela tarde, eram exatamente o que ele sonhava. Desde menino, nos invernos de Soengas, observando as ovelhas, cuidando das uvas, aprendendo a ler com o sacerdote da vila, ele sonhava, não sabia com que. Agora já sabia.

No Porto, ouvindo as conversas dos aventureiros, percebia que algo lhe faltava. Ainda quando o dinheiro começou a crescer, na aventura brasileira, algo lhe faltava. Bom era estar na serra, ouvir o murmúrio das águas nos riachos.

Ruim era a escravidão, a cobiça do homem, sua violência. João sentia que era isso: servir ao homem, sem ficar subjugado aos interesses menores, como ensinou Francisco. Estava, afinal, cheio de certezas.

Retomou à casa do amigo que o alojava, com o coração muito sereno. Estava decidido. No dia seguinte, embarcou na falua e retomou a Paraty. Descarregou a mercadoria, arrumou todo o armazém e chamou o sócio que lhe restava no Brasil. Ainda muito chocados com o assassinato do companheiro, discutiram o encerramento das atividades já que o negócio não poderia prosseguir sem João, pelo menos da maneira como funcionava a sociedade. Seu companheiro, muito sofrido, dispunha-se a retornar a Portugal.

Feitas as contas, havia um saldo muito largo a ser distribuído. Vendidos os estoques, as mulas, e tudo o mais, João combinou com o companheiro a solução de uma série de compromissos no reino. Era preciso acertar as contas com o companheiro que ficara no Porto e neles confiara tanto, financiando o empreendimento.

Pediu-lhe ainda que levasse uma bolsa substancial aos familiares que residiam em Soengas. Também escreveu-lhes sentida carta, onde informava sobre a sua decisão. Outra bolsa de muitos recursos foi oferecida aos templos da vila e de outros locais próximos. João estava livre. E partiu para Angra dos Reis, onde encontraria o provincial.

É interessante, até ali, não poderia ter a certeza de entrar para vida religiosa. Somente o provincial poderia dar-lhe autorização. Mesmo assim depois de uma série de verificações necessárias. Mas João tinha certezas internas. Sabia que havia encontrado o seu caminho. Nada poderia afastá-lo.

Tudo, portanto, era feito por ele com naturalidade como se fosse uma destinação inevitável.

Também era por mar, o melhor caminho de Paraty a Angra Desceu no ancoradouro e dirigiu-se ao convento que ficava bem perto, numa elevação de onde se avistava a baía e, ao longe, a Ilha Grande.

Foi atendido com brevidade pelo porteiro e, em seguida, encontrou-se com o provincial. Arrojou-se aos seus pés, com toda humildade e falou-lhe ardentemente do seu desejo. O provincial era um homem de meia-idade,

bondoso, muito viajado e experiente. Olhou aquele jovem prostrado aos seus pés e ouvia a sua voz de um linguajar carregado, das montanhas.

Certamente havia um toque especial naquela alma que modulava a voz do jovem, ao mesmo tempo humilde, ao mesmo tempo apaixonada e vibrante. O provincial era um homem vivido, afeito às entrevistas. Conhecera todo tipo de gente. Sua função lançara-o, muitas vezes ao contato com as pessoas do mundo, suas incertezas e angústias, suas dissimulações e vaidades, suas falsidades e mentiras.

Aos seus pés estava um homem limpo, um jovem puro, uma espécie de força da natureza. Sua voz fluía como a água límpida que brota na fonte que murmura. Às vezes alteava-se como se fosse um vento infiltrando nas árvores, ciciando entre as folhas, balançando os galhos. Os gestos eram calmos, como nuvens brancas quebrando a monotonia de um céu de muitos azuis.

O provincial abaixou-se e tocou o jovem, convidando-o a andar. Caminharam mais para o interior do convento, um quadrilátero comprido e tosco, com as telhas aparecendo e as paredes cor de areia, a mesma terra com que foram erguidas, cobrindo o trançado de bambu. Havia uma escada à direita que dava acesso aos alojamentos dos irmãos.

O provincial sentou-se no primeiro degrau, ao lado de João. Interessante: firme e cheio de certezas quando solicitava acesso à vida monástica. Intimidado, quando falava de si, como João Barbosa. Mesmo assim, a pedido do sacerdote, falou de sua família, da infância na aldeia, dos trabalhos no Porto e, finalmente, das aventuras em busca das riquezas, nas faisqueiras.

João falava com a alma. Era tão absolutamente transparente que o provincial se viu conquistado pela candura daquele homem que vivera uma epopeia, enriquecera, mas se mostrava puro, sem ter sido dominado pelos interesses menores da vida mundana.

Admirou-se sobremaneira quando João contou-lhe sobre os acontecimentos no Rio de Janeiro, quando conhecera Frei Rogério e Frei Amadeu. A conversa, a impressão sobre Francisco de Assis fora forte demais. Frei Boaventura de Jesus - o provincial - enterneceu-se até as profundezas da alma. João falava como se conhecesse a ordem, como se tivesse convivido longamente com Francisco.

Frei Boaventura falou-lhe de coisas práticas, necessárias para entrar na Ordem: os votos de pobreza, de castidade, de obediência, sua família, sua

religiosidade, suas ligações com a Igreja. João respondia quase que mecanicamente.

Seu corpo estava ali. Sua alma pairava no infinito azul que a nossa voz não alcança, nem nosso pensamento compreende. Afinal, despediu-se. Restavam lhe algumas providências de ordem material. Depois, era esperar.

O provincial necessitava de algum tempo para sindicâncias Enquanto isso João desfazia-se da fortuna que ainda lhe restava Ajudou a muitos necessitados, enviou mais recursos a Portugal tanto para a família quanto para diversas igrejas com as quais mantivera algum tipo de ligação. Fez também vultosa doação para o convento de Angra, que se apresentava muito maltratado.

A província, como um todo, foi amplamente presenteada por João. Esperava, mas já era, dentro de si, um religioso. A voz falava cada vez mais claramente no seu coração. Ela estava na sensação de bem-estar que o acompanhava e crescia na medida em que se desprendia das coisas do mundo.

Um sentimento de amor se avolumava dentro dele. Um amor grande por tudo, por todos. Ele não sabia explicar o que era isso A voz clamava dentro dele:

- “Ama! Meus seguidores serão conhecidos pelo muito se amarem.”

Para João a mensagem era de cristalina compreensão. Não havia outra coisa a fazer na vida. Amar, amar incondicionalmente a tudo e a todos. Não foi exatamente assim o comportamento de Francisco?

Agora João podia ficar longamente acorado na beira do mar. Acordava bem cedo, mergulhava logo depois de comer o pão com banana e ali ficava, meditando, os olhos fechados, sentindo a brisa fresca da manhã. Recostado a uma pedra grande, o mar vinha beijar-lhe os pés. Francisco não amou até o lobo? Os pássaros paravam para ouvir a sua voz.

Francisco era amor, era movimento caridade em ação, fraternidade em sua expressão mais pura. Seria seu grande mestre, decidiu. Seus exemplos de amor ao próximo eram lições genuínas para o amadurecimento espiritual. João aspirava mais do que nunca entrar para a Ordem e servir e servir.

Finalmente chegou-lhe a resposta esperada - poderia apresentar-se ao convento de São Bernardino de Sena, candidato ao noviciado. Quem pode imaginar a alegria daquele momento? Era música para a sua alma. Na verdade, música já gravada há muito tempo em seu coração. Agora, quando retornava, representava o reencontro com as suas melhores disposições.

O ano de 1704 aproximava-se do final. Fazia muito calor, muito calor. João tomou a falua e seguiu para Angra. Sentia-se leve. Gastara os últimos recursos com a passagem, na pequena embarcação. Tinha apenas a roupa humilde e simples que lhe cobria o corpo. Seus companheiros de viagem, olhavam-no, ao mesmo tempo críticos, ao mesmo tempo respeitosos.

- “Que louco! Abandonar uma vida de tanto conforto, a casa boa, as roupas do reino, as botas brilhantes, os talheres, a boa comida.”

Outros já o olhavam como santo, pelo menos meio santo, pelas coisas que fazia em Paraty, em favor dos pobres. Diziam que sua bolsa estava sempre aberta para os pedintes. Muitas pessoas deviam favores a João, que sempre “esquecia” as dívidas.

A falua balançava, com a água quase entrando no barco. João, fascinado, olhava os peixes brilhantes, ligeiros, nadando em tomo da frágil embarcação. Seus olhos acompanhavam o movimento na água translúcida. Mas seu pensamento estava longe dali. Lembrava-se de um cântico que ouvira na primeira vez que se aproximara do São Bernardino de Sena.

As doces vozes se erguiam, harmônicas, como se fossem uma celebração da natureza. João pensava no coro dos anjos, embora fossem apenas os religiosos, comemorando uma data importante. Seu pensamento subia aos céus com a lembrança do cântico e descia às profundezas do mar. Lembrou-se do ensinamento do cura, na aldeia de sua infância.

Ele falava do reino dos céus, comparando-o a um tesouro achado no fundo do mar. E quando o mergulhador encontrava o tesouro, largava tudo para ficar com ele. Era um tesouro que ninguém poderia roubar, nem a traça roer, nem a ferrugem atacar. Onde guardar esse tesouro que, encontrado, jamais seria perdido?

Agora, embalado pelo cântico que retornava aos seus ouvidos, e pelo barco que balançava suavemente, encontrava suas respostas – tesouro fica no coração porque, onde está o coração, aí está o tesouro, como ensinava o seu amigo padre, em Soengas. Suas longas conversas da infância encontravam, finalmente um significado. E João sentiu uma felicidade enorme.

Sentiu-se rico, muito rico. Melhor ainda - caminhava na direção do seu tesouro. A voz do humilde pároco de Soengas, o balanço da frágil embarcação no verde transparente da água cheia de peixes brilhantes, remetiam-no aos ensinamentos da infância e do início da adolescência.

Ah! reino dos céus era semelhante a uma rede que foi lançada ao mar e apanhou peixes de toda espécie. Depois de cheia, os pescadores a puxaram para a praia. Sentados, separaram os peixes. Os bons eram colocados nos vasos. Os ruins, jogados fora.

João, muitas vezes, em Paraty, vira o trabalho dos pescadores, jogando a rede do arrastão. Era uma rede comprida e larga com pesos de um lado, feitos de chumbo e flutuadores do outro feitos de cortiça. Uma ponta da rede ficava na praia. Um barco saía, puxando a outra ponta até o final da corda.

A rede começava a ser lançada em semicírculo. Quando o lançamento terminava, a rede ficava praticamente em pé, dentro da água pela diferença de densidade entre o chumbo e a cortiça. Aí barco voltava à praia, com a outra ponta da corda. Então, em grupos, os pescadores puxavam lenta e seguramente a rede.

Nesse arrastão vem peixe de toda espécie, bons e maus, grandes e pequenos. Os pescadores, sentados na praia, colocavam os bons peixes num vaso com água, para permanecerem vivos. Os outros, eram devolvidos ao mar.

João meditava. O reino dos céus não era, portanto, um lugar geográfico. É um estado da alma para aqueles que conquistaram unidade com o Pai Celestial. Por isso, pensava, Jesus fazia tanta comparações, para que os homens entendessem. É lá dentro, na essência de nós, que se dá o sublime encontro com o Pai que habita dentro de nós.

Essa descoberta era o maior de todos os tesouros; Lançar a rede quer dizer: buscar a Verdade. Nem tudo que cai na rede é peixe bom. É preciso separar as coisas. João entendeu que o bom caminho era o do mergulho no reino de Deus. O caminho era o amor incondicional. O mesmo Jesus que dissera que os seus seguidores seriam conhecidos pelo muito amor. Era essa a sua disposição - o muito amor.

Enquanto assim pensava, ensimesmado, o amor tomava conta do seu ser. Na verdade, ele rescendia a amor, respirava amor, sorria amor, olhava amor, porque o amor era a sua realidade. As pessoas à sua volta perceberam que algo estava acontecendo. A ternura que saía de João os envolvia. Uma paz doce, o vento ameno, um mistério de almas que se abraçam com meiguice e alegria, um encontro de corações sensíveis. Algo misterioso acontecia naquela pequena viagem entre Paraty e a vila de Angra dos Reis.

Afinal o silêncio foi cortado pela voz do patrão, atento à aproximação da praia. João colocou a botina velha na areia e saltou com agilidade. Deu um

sorriso largo, iluminado, contagiando a todos os seus companheiros de viagem. Era uma despedida, mas era também um início de vida. A rede se levantava na praia. O pescador sorria. Um peixe bom fora lançado num vaso de água pura e permaneceria vivo pela eternidade.

6- SÃO BERNARDINO DE SENA

Enquanto caminhava pela praia, junto ao ancoradouro, no meio dos gritos dos pescadores e do movimento dos vendedores de frutas, João trazia um grande silêncio dentro de si. Atravessou a ruela por trás da pequena praça. Começou a subir a encosta de onde se divisava a entrada do convento. O matagal crescia em tomo do caminho de pedras brutas. A umidade escorria da terra, produzindo um limo verde e escorregadio.

À medida em que subia, aparecia mais e mais a vista deslumbrante da baía de águas verdes, luminosas, e a grande ilha ao fundo. O cheiro da terra molhada misturava-se com os perfumes da mata. João recordava das manhãs nas serras das minas, onde aquele homem novo começou a nascer. E sentia-se feliz.

Não era das mais bonitas a entrada do convento. Uma última subida, uma curva à direita, lá estava a porta larga e alta, com uma pequena abertura, a cerca de um metro e meio do chão.

João bateu. Logo o porteiro olhou pela abertura. Puxou o trinco do ferrolho e franqueou a entrada sorrindo. Era um velho irmão o porteiro, que já esperava pela sua chegada. Como porteiro, recebia notícias que poderiam significar muito para os religiosos. Nem sempre naqueles tempos tão bravios, as coisas eram fáceis.

O convento dependia da produção que vinha de fora, já que não havia horta, nem qualquer tipo de atividade que gerasse recursos. Viviam de doações e de alguns recursos que, esporadicamente, chegavam da sede provincial. Muitas vezes o porteiro negociava com vendedores o fornecimento de alimentos e de outros artigos necessários, à manutenção do convento. Por esses motivos, o porteiro era sempre um irmão experiente com cerca de quinze anos de serviços prestados à Ordem.

Quando a porta lhe foi franqueada, João observou que o convento estava em obras. O porteiro sorriu e pediu-lhe que aguardasse, afastando-se lentamente. Era um homem afável, cabelos brancos, pequena barba pontuda, mais alto do que baixo, um pouco encurvado. João percebeu que andava com certa dificuldade, apoiado em um cajado torto que, um dia, fora um galho de árvore.

Seu passo arrastado ecoava na grande sala, muito alta, que apresentava grandes infiltrações nas paredes. João olhava a cobertura de velhas telhas. Muitas quebradas ou, simplesmente, faltando. Dois homens, no alto de um andaime

tosco, recuperavam parte do telhado. Lá no fundo do salão, à direita, havia uma escada larga. O porteiro subiu por ela e desapareceu.

João observava o trabalho dos homens que consertavam o teto. Não fosse por eles, o convento estaria em completo silêncio. Era o dia 8 de novembro de 1704. João estava com vinte e oito anos, quase vinte e nove.

Mais uma vez ensimesmou-se, mergulhando em pensamentos que lhe davam alegria e paz. Recordava o que lhe dissera o provincial, Frei Boaventura. Deveria abdicar de qualquer posse material. Ele já o fizera. Estava apenas com aquela roupa no corpo. Esperava, em breve, desfazer-se dela também.

No convento todos faziam parte de uma grande família, a família de Francisco, que ele queria, de fato, fosse a família de Jesus aqui na Terra. A fraternidade entre os membros da ordem deveria ser buscada incessantemente. Ninguém chegaria a um patamar superior de vida espiritual enquanto não sentisse o próximo como seu verdadeiro irmão.

Ora, pensava João, somos todos filhos de Deus. Também fomos criados por Deus para sermos felizes. Então somos irmãos pela origem e irmãos pela destinação. A vida era oportunidade para aprendermos a fraternidade, no intervalo entre a nossa origem divina e a nossa destinação, também divina. Oração, vigilância, trabalho no Bem e repouso essencial, seriam os componentes da rotina do claustro.

Aprender a grande via do Bem, tal era o propósito que Francisco, anteriormente, passara para a Ordem. Não seriam, apenas, anacoretas contemplativos. Construiriam a felicidade própria, contribuindo para a felicidade do próximo. Não foi isso mesmo que ensinou Jesus?

João sabia, também, que jamais seria um sacerdote de verdade. Faltavam-lhe os estudos superiores indispensáveis. Sua idade não lhe permitiria o sacerdócio. Seria um irmão leigo. Nessa condição, caber-lhe-iam tarefas muito modestas, de cooperação com os sacerdotes. Lavar o chão, ajudar na cozinha, limpar as celas, trocar as águas servidas, varrer, enfim, aceitar obedientemente qualquer tarefa, por mais simples que fosse.

João achava que isto fazia parte da sua aprendizagem da fraternidade. Todas as tarefas, portanto, seriam sempre bem-vindas. Na verdade, pelo que podia avaliar do seu conhecimento ainda muito pequeno a respeito da Ordem, não havia grandes diferenças entre os sacerdotes e os leigos, tal a simplicidade do lugar em que todos viviam.

Para todos, a grande recompensa estava muito além do pão simples, do alimento parco, do leito duro, da rude estamenha.

João sabia que durante as horas de trabalho, deviam observar silêncio. O trabalho era considerado um bem sagrado. Realizado com espírito contrito, era abençoada oportunidade de crescimento pessoal. Em vários horários no convento, a lei do silêncio descia sobre todos, sobretudo à noite e num pequeno período à tarde. Silêncio que deveria ser não apenas externo. Internamente os irmãos deveriam aprender a calar os sentimentos menos felizes, os pensamentos impuros, as preocupações mundanas.

Sabiam os religiosos que não se transformavam em santos apenas porque entravam para o convento. Eles mesmos, internamente, tinham que dar aquele grande mergulho (batismo, em grego) para buscarem o encontro com o Criador. Silêncio do corpo, silêncio na alma, treinamento para que a criatura encontre o Criador. João achou que, para tanto, valia o esforço de qualquer disciplina. Valia buscar as penitências e as humilhações. Pensava na misericórdia do Pai, sempre pronto a dar novas oportunidades aos homens, tão pecadores. Sabia que muitas penitências e mortificações eram usadas nos conventos, em busca de melhora interior, de paciência, de perseverança.

Internamente João sorriu. Ouvira muito falar das três grandes virtudes: a fé, a esperança e a caridade. Sabia que a fé era o veículo para sintonizar com o Pai. A caridade era a ferramenta suprema da renovação. E isso lhe dava uma esperança tão grande que ele começou a se sentir completamente feliz. Ali, no silêncio da espera, sentia um prazer indizível. Aquela meditação fazia o seu silêncio ser criativo. Pensar era um ato de criar, sobretudo criar caminhos para aproximar-se do Pai.

Enorme o seu prazer em falar a palavra - Pai. Refletia sobre a satisfação de sentir-se filho de Deus. Achava que, para haver fraternidade, todos os homens deviam se sentir filhos de Deus, como Jesus. Neste momento, um vento leve entrou pelo telhado aberto. João sentiu a carícia da brisa fresca em seu rosto, como se fosse um beijo de amor. Lembrou-se que, quando garoto, pensava que o vento era o carro de Deus. Quem sabe, sorriu internamente, Deus havia passado naquele carro que acabava de entrar pelo telhado do convento...

Praticar o Evangelho, a Boa Nova de Jesus, era o supremo objetivo da ordem franciscana. João recordava o suave amigo, o velho cura que lhe ensinou a ler e a escrever, em Soengas. Menino observador, João notava que o padre se iluminava quando falava de Jesus. Ele dizia que gostava de lembrar o Jesus vivo,

andando entre as pessoas, falando, recolhendo redes, contando histórias. Nos longos dias de inverno da aldeia, João, fascinado, ouvia o pároco falar das coisas que Jesus fazia. Gostava especialmente do casamento em Caná onde houve a transformação da água em vinho. Mas a sua predileção mesmo era o Sermão da Montanha.

Quando aprendeu a ler, e aprendeu usando o Evangelho, quase decorou as bem aventuranças, que lhe diziam muito, na profundidade da alma. Interessante, percebia João dentro de si, sua relação com o Cristo era de uma intimidade profunda, de um amor integral. Não havia aquela reverência externa, como se encontrasse um estranho a quem devesse homenagear. Sua relação, definitivamente, era de conhecimento, de integração. O Cristo Jesus é minha realidade, é a minha certeza. É, portanto, a minha força, a minha alegria, a minha felicidade. Então eu me acho muito à vontade com Jesus Cristo, pensava.

Os passos foram se aproximando. João ouvia o eco se expandindo por todo o ambiente. O irmão Boaventura, guardião do convento, chegava, oferecendo o braço ao porteiro. João levantou-se e foi surpreendido com o abraço generoso com que o guardião o recebeu. Um longo e afetuoso abraço, trocado entre irmãos que, desde o primeiro momento, sentiam que era fácil o exercício do amor fraterno entre eles.

As palavras, para momentos como aqueles, eram desnecessárias.

Vencida a emoção do encontro, o irmão Boaventura referiu-se ao provincial, que lhe havia falado longamente de João. Perguntou-lhe a respeito das regras da Ordem e da sua disposição em segui-las. Falou-lhe dos bens materiais, dos quais João já se desfizera. Agradeceu a doação que permitiria reformar o convento que passava por grandes dificuldades materiais. Transmitiu-lhe ainda os agradecimentos do Provincial pelas doações em favor dos demais conventos, especialmente o do Rio de Janeiro.

Acabaram-se as referências mundanas. Começaria agora a introdução de João na vida monástica. Logo aproximou-se o Mestre dos Serviços, informando-lhe que deveria passar três dias inteiros em recolhimento absoluto, em silêncio, em reflexão total. Era uma imersão integral da criatura. Deveria buscar a sua essencialidade, revirar os refolhos da alma, tentar encontrar os ecos, as respostas dos sinais do Mestre.

O guardião e o mestre dos serviços acompanharam-no aos fundos do salão térreo. Lá estava, uma pequena sala, em semiobscuridade. Na porta os dois

sacerdotes abraçaram longamente a João. A porta fechou-se, arrastando-se contra o piso de terra. O ambiente ficou quase que completamente às escuras. Os olhos de João aos poucos, acostumaram-se. Ele percebeu que, na saleta havia, apenas, uma cama tosca, de madeira, sem qualquer tipo de cobertura. No canto oposto, pequeno buraco no chão, para necessidades fisiológicas. Nada mais.

Sentou-se na cama e continuou suas reflexões, retomando a Soengas e às doces lembranças das lições do Evangelho transmitidas pelo bom cura da aldeia. Gostava especialmente de Zaqueu, o homem rico, na casa de quem Jesus dormiu, certa noite. Lembrava da graça com que o padre contava a história: Zaqueu estava tão ansioso para ver Jesus que subiu numa árvore. Ele sabia que era pequenino.

Só mesmo subindo numa árvore. Quando Jesus surgiu, envolvido pela multidão, Zaqueu ficou muito surpreso ao ver o Mestre atravessar a rua e parar bem em frente à árvore onde ele estava encarapitado. E, chamando-o pelo nome, disse que descesse da árvore pois naquela noite dormiria em sua casa. O milionário levou um susto tão grande, contava o padre, que despencou do galho.

De olhos esbugalhados, fixos no Mestre, ainda estava, sacudindo as mãos cheias de pó, quando o povo começou a murmurar. Todos esperavam que Jesus dormisse na casa de um religioso, naquela terra de tantos religiosos oficiais. Zaqueu sendo rico e chefe de coletores de impostos, era mal visto. Mas Jesus sabia que ele era bom cumpridor das leis dos homens e bom cumpridor das leis de Deus.

João sempre pensava muito nessa história, sobretudo depois que enriquecera. Sempre tivera cuidado em cumprir as leis do homem e as leis de Deus. Por causa da obscuridade e por estar mergulhado profundamente nos pensamentos que o remetiam sempre a Jesus, João perdeu a noção do tempo. Também não sentiu fome, nem sede. Não sabia se havia dormido mas teve uns sonhos recorrentes. Primeiro começou um vento suave. Ele recostou-se na parede e ergueu a cabeça quase instintivamente.

Percebeu uma espécie de saco aveludado de um tom verde musgo. Depois começou a surgir uma fumaça densa e leitosa. Era como se o saco esverdeado se abrisse. Lá do fundo, brotava um espigão com várias tonalidades alaranjadas. Finalmente o teto abriu-se. João sentia-se mergulhado na fumaça, como se fosse um colchão de ar. Estendeu os olhos e viu que aquela fumaça tênue e clara avançava até onde a visão acabava. Era uma espécie de túnel, interminável.

Percebeu então que algumas figuras, espécies de vultos, flutuavam na sua direção. À frente um sorriso tão generosamente pacífico, que João quase chorou.

O dono daquele sorriso de amor era Francisco. Sorria e estendia os braços, dizendo com sua voz que mais parecia uma flauta:

— Vem querido amigo, Jesus te abençoa agora e sempre. Chegou o momento. Anteriormente passaste por aqui escrevendo poemas na areia. Agora retornas para escrever poemas de amor no coração dos homens.

João estendeu os braços. Estava leve, com uma felicidade indescritível, um bem-estar maravilhoso. Sentia-se à vontade como se o fato de que participava fosse a coisa mais natural do mundo. Estava lúcido. Jamais se sentira tão lúcido. Em tomo de Francisco divisou rostos conhecidos, muitos corações aos quais se habituara longamente.

Entraram todos pelo túnel, levitando. Logo chegaram a uma sala onde reuniam-se muitas pessoas conhecidas, que o saudavam com carinho. O tempo escoava felicitando os corações que se reencontravam jubilosamente. Em seguida uma luz dourada misturou-se às luzes daquelas criaturas abençoadas. Um instante de silêncio. Sentaram-se todos, formando um semicírculo. De algum lugar do fundo do túnel, várias luzes magníficas, se aproximavam, suavemente.

Aos poucos João reconheceu o perfil grego, os cabelos compridos, flutuando num vento imperceptível. Misturaram-se as diferentes luzes em indescritíveis girândolas que circulavam docemente pela sala. Eram luzes com gosto de bem, como bálsamos de amor. João estava emocionado, mas sentia a necessidade de controlar-se a fim de não perder qualquer ato da cena que iria se desenrolar.

E Ismael - pois que era Ismael - aproximou-se de cada companheiro, abraçando-o suavemente. Na verdade não era bem um abraço. Era uma diminuição da distância aparente. Quando os olhos se encontravam os corações se iluminavam reciprocamente, piscando uma luz forte na altura do peito. Quando Ismael aproximou-se de João, Francisco chegou-se também e foi uma efusão fantástica de luzes e cores.

Retomando ao semicírculo, Ismael falou com voz meiga e firme:

— Irmãos queridos. Permaneça conosco a paz de Jesus! Sabemos todos que o mais sublime de todos os ensinamentos que nosso Mestre Maior nos passou encontra-se no Sermão da Montanha. Sem desprezar as interpretações puramente humanas, que se fazem de acordo com as possibilidades de cada um,

aproveitemos este momento em que nosso querido amigo se prepara para mais um passo importante na sua trajetória evolutiva, para reforçar nele o conhecimento, o sabor da palavra divina que, há muito, faz parte da sua maneira de ser.

Breve silêncio reforçou a importância do que seria dito e a solenidade daquele momento:

— As bem-aventuranças - prosseguiu o Anjo - resumem os passos essenciais da evolução íntima das criaturas para a plena integração com o Cristo. Todos, um dia, alcançaremos a condição de Homem Perfeito, pois que esta é a destinação da criatura dotada do Espírito individualizado. Na Terra o ser humano participa das etapas da aprendizagem da alma, no caminho do Bem.

São ainda estágios onde a materialidade, com seu cortejo de violência e barbárie, com os dramas da exacerbação dos sentidos, domina, de maneira geral o impulso da espiritualização. Sabemos que é um domínio aparente e ilusório. A fim de que a chama da evolução se avive para mais e mais homens, de quando em vez os obreiros do Senhor retornam à carne. Com seu exemplo, sobretudo, assim como ocorreu com o nosso Mestre Maior, eles são a candeia que não se esconde, são o azeite que alimenta a luz no vale das sombras que ainda se impõem na terra dos homens.

Ismael falou durante muito tempo, de tal forma que não somos capazes de reproduzir aqui, porque, de fato não são palavras. A expressão “Ismael falou” é apenas uma forma de acentuar que algum tipo de ensinamento era transmitido. Mas não, certamente, pelas vias usuais.

João estava muito atento. Sabia, lucidamente, que seu corpo material estava numa cela escura num convento em Angra dos Reis. Mas sua alma estava longe, muito longe, onde nossos olhos não vêem e nossa inteligência racional não percebe. Isso era muito claro para João, projetado em algum lugar, em algum momento, fora das dimensões conhecidas.

O semicírculo de esplendorosas almas afins fechou-se mais. Era agora uma roda viva, luminosa, de beleza única. Quando Espíritos amorosos se reúnem pai a recordar os ensinamentos do Mestre, ensinamentos dos quais eles dão o testemunho sempre, há uma festa de amor, de magnífico e indescritível Amor Maior.

João não podia avaliar quanto tempo ali ficou, nem nós somos capazes de repetir ou descrever o que se passou. Sabemos que a reunião encerrou-se com uma prece elevada ao Pai pelo próprio Ismael. Então João sentiu um grande

vácuo. Projetado no espaço-tempo, regressou docemente ao corpo, que adormecera na cama rústica da cela escura. Recém-acordado, percebeu que o ferrolho girava nos gonzos. Uma luz tênue, amarelada, penetrou no ambiente. A voz amiga do guardião elevou-se, denotando admiração:

— O irmão não comeu, nem bebeu nada nestes três dias?

João nem sabia o que dizer. Não percebeu a passagem do tempo. Nem se lembrava de qualquer necessidade. Não sabendo o que dizer, sorriu, aquele sorriso encantador dos seres iluminados. Um sorriso que, não dizendo nada, diz tudo.

Ao lado do guardião estava o Mestre dos Noviços que ajudou João a se desfazer das roupas com que chegara ao convento e a colocar o hábito. Cabia ao Mestre dos Noviços orientar todo o conjunto de atividades a que João devia se submeter para que, em um ano, pudesse professar.

Havia muitas disciplinas a obedecer. Silêncio era uma delas. Falar o mínimo, orar, mergulhar profundamente na meditação, buscar na interioridade do ser a resposta para o significado da vida.

Para João eram tempos ótimos. Sentia-se especialmente amparado quando se recolhia à sua cela para a reflexão. As horas corriam, enquanto ele se sentia em contato com forças espirituais de grande profundidade. Era um refrigério. Sentava-se na cama humilde, lembrava-se da montanha, do canto dos pássaros, da beleza das flores e pronto: saía pelo teto, na fumaça azulada, em direção ao túnel de luz. Ali estavam seus companheiros, às vezes Francisco, às vezes Manuel... Sempre muitos amigos o envolviam em vibrações de harmonia e paz. Voltava reabastecido, alegre, com excelente disposição.

O Mestre dos Noviços ficava um pouco intimidado pela facilidade com que João assimilava todos os temas. As questões religiosas eram extraordinariamente simplificadas pelo noviço que as entendia em surpreendente nível de profundidade, sobretudo para quem fora negociante e de poucas letras.

Ao mesmo tempo João submetia-se com evidente prazer a todas as tarefas, por mais duras que fossem. Os religiosos, no convento, eram divididos em duas categorias: aqueles que possuíam nível superior de estudos, aprendiam filosofia, teologia, tinham uma verdadeira formação religiosa; havia também os outros, como João, sem estudos que lhes permitissem o aprofundamento teológico.

Eram os irmãos leigos. Enquanto aos com formação superior cabiam as tarefas maiores como, por exemplo, as relações com as autoridades, as questões

políticas, administrativas e logísticas de interesse da Ordem e, ainda, a parte ligada aos cultos e à ritualística. Os irmãos menores, os irmãos leigos, como eram chamados, eram encarregados do serviço interno do convento como limpeza, alimentação, portaria, enfermagem. Podiam ajudar também nas cerimônias. Em geral, serviam aos sacerdotes para que estes pudessem cuidar de suas tarefas, sem maiores preocupações.

Ao noviço, então, cabiam as tarefas mais simples - limpeza das águas servidas, rachar lenha, descascar batatas, debulhar milho, lavar as roupas, consertar sandálias. João fazia tudo com alegria genuína. Seu entusiasmo era contagiante. Preferia as tarefas mais pesadas. Tomava a iniciativa sempre que havia algum perigo ou dificuldade maior. E naquele convento de São Bernardino havia, de vez em quando, perigos sérios.

Era uma região de muitas cobras que se sentiam atraídas pelos ratinhos e outros pequenos animais, que havia em grande quantidade no convento. A umidade, a pouca iluminação, eram favoráveis à proliferação de pequenos animais e de répteis. Nas celas era sempre necessário olhar com cuidado. Muitas vezes, sob a cama havia alguma delas, fazendo ninho. Até nas treliças que seguravam o telhado as cobras caçavam.

Às vezes despencavam lá do alto, para o terror de alguns religiosos. Enrodilhavam-se nas imagens, escondiam-se atrás dos nichos. João, com sua experiência de tropeiro, conhecia as cobras venenosas, as não venenosas e sempre dava um jeito de resolver os problemas, espantando-as para bem longe.

João também gostava muito de cuidar da enfermaria. Ali ficavam os religiosos doentes e, também, pessoas da vila, autorizadas pelo guardião. De fato, o convento era o único lugar onde havia algum tipo de atendimento. João, em suas andanças pela serra, aprendeu com o guia índio muitos segredos das plantas. Era muito hábil em preparar unguentos, cataplasmas, xaropes, pomadas.

Tinha um jeito especial, um carinho, um amor tão grande que parecia até mágica - o doente que João tratava, logo-logo, melhorava. Todo mundo queria se tratar com ele. A fama começou a correr pelas vilas e povoados da região.

Destacou-se também ajudando ao irmão porteiro. Aquela era uma função muito importante. O porteiro era o contato do convento com o mundo exterior e vice-versa. Tinha que ser homem de firmeza para dizer sim e para dizer não. Aqueles eram tempos difíceis: chegava um escravo, suplicando ajuda, morrendo de fome, ferido.

O sentimento cristão mandava atender. Logo depois chegava o senhor, reclamando seus direitos, querendo invadir o convento, vociferando, brandindo armas... Chegava o representante do poder constituído para parlamentar com o guardião; chegavam estrangeiros, cujos navios haviam aportado. E vendedores, aventureiros piratas, todos tinham algum assunto a tratar no convento. Ora, João, com sua experiência de negociante, habituado a tratar com faiscadores, senhores de escravos, negociantes, autoridades, normas legais, era um homem ideal para a portaria.

Além disso, seu bom-senso, a facilidade quase mágica de adivinhar, literalmente adivinhar as verdadeiras intenções do outro e, ainda, a palavra amorosa, dita no tom correto, no momento certo, a profunda integração com o Evangelho além da disciplina inata, colocavam-no em excelentes condições para o exercício da espinhosa tarefa.

Passou rápido o ano do noviciado. Rápido e alegre, apesar das severas restrições estabelecidas para os noviços. Eles, em princípio, deviam distribuir seu tempo entre exercícios para aprenderem a meditar e a orar. Deviam executar as tarefas mais duras da rotina diária. Deviam aprender a cultivar o silêncio. Falar com os demais sacerdotes, só na presença do Mestre dos Noviços...

A doação de João fora bem empregada. O convento estava reformado, limpo, livre das cobras e dos roedores, pelo menos temporariamente. A presença de João aumentou a jovialidade de cada um, o otimismo. Ninguém sabia explicar que alegria era aquela que tomava conta de todos. Mas, contra fatos não há argumentos. Aquele ano foi muito bom para o convento e para todos que lá estavam ou que de lá se aproximavam.

Finalmente, no dia 12 de novembro de 1705 - João estava com quase trinta anos - realizou-se a cerimônia da sua consagração.

Naquele dia deveria ser um homem novo. Até um nome novo deveria receber. É assim que Fabiano surge para o mundo: Fabiano de Cristo.

Por sua experiência e pelo fato de o irmão porteiro ter adoecido gravemente, sendo bastante idoso, Fabiano logo recebeu a incumbência de ser o porteiro do convento de São Bernardino de Sena, função na qual ficou até quase o final do ano.

7- O LAMENTO DO ÍNDIO VELHO

Terminava o ano de 1705 quando Fabiano recebeu ordem de seus superiores para deixar Angra dos Reis e seguir para a colina de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, na cidade de São Sebastião.

Não seria fácil a saída de Angra. Fabiano orou durante toda a madrugada. São Bernardino de Sena tomara-se um marco na sua vida. Era o símbolo da passagem da vida externa para o grande mergulho na sua essência. Representava a passagem do tempo da vida do ego para a vida do eu. No ego, o mundo, com seus egoísmos, paixões, loucuras, vícios, ódios, ambições. No eu, a luz, a centelha inapagável, a presença divina, viva, doce, calma, inalterável, perfeita, o amor.

As horas do noviço, nos grandes silêncios, eram de mergulho para dentro de si mesmo, em busca do Pai. Sentia-O perfeitamente, dentro de si. Não era um “dentro” físico, era um pertencer. O Pai estava no silêncio, nas flores, nos pássaros, no céu azul. Mas estava também no escuro da cela, na chuva pesada, nas ondas da praia. Voltava à ideia de criança: Deus vinha no seu carro - o vento que passava ligeiro, inclinando as árvores. Sentia, de fato, o Pai todo, integral, em tudo, em todos.

Era uma certeza absoluta para o noviço. Ao mesmo tempo lhe dava uma intimidade grande com o Criador. Uma intimidade que se traduzia em paz, em coragem, uma sensação de compartilhar tudo com todos, uma certeza de liberdade, de ajuda mútua. Ao mesmo tempo, o Pai é uma voz, um grito que fala na alma, uma intuição, uma consciência, uma responsabilidade.

Fabiano preparava-se para a viagem. Já olhava com saudade aquelas paredes que o abrigaram nos primeiros instantes da vida monástica. A cela, escura e úmida, era o ponto principal dos encontros com Francisco. Meditando, aguardava o momento do almoço para despedir-se dos companheiros. Talvez, quem sabe, algum outro pensamento das fontes inesgotáveis do amor de Francisco, a que já se habituara. Sentiu, porém, uma sensação diferente. Algo de estranho estava para acontecer, certamente.

O índio velho aproximou-se do convento. Estava cansado. Estava sofrido. Durante anos guiara os aventureiros através das trilhas, na direção das minas. Seu rosto, marcado por rugas profundas, mostrava enorme tristeza. Regressava das montanhas, das velhas trilhas, por onde guiara mais alguns aventureiros, como

anteriormente fizera com o jovem João Barbosa. Viu ao longe uma caravana que lhe parecera perdida. Apressou-se em alcançar o grupo, pensando garantir trabalho.

Qual não foi a sua surpresa quando os bandoleiros o manietaram, meteram-lhe uns ferros entre os pés descalços, uma corrente nos braços e o chicote desceu-lhe impiedoso nas costas. Enquanto o sangue descia, o pobre índio caiu ao chão. Chutes, pontapés e os gritos dos feitores, em dantesca sinfonia, obrigaram-no a rastejar e, finalmente, a levantar-se, estupefato com a violência, a surpresa e a estupidez.

Eram dezenas de escravos, negros e índios. Marchavam para as minas. Andavam a passo acelerado, pelos caminhos mais difíceis, quase sem descanso, a não ser à noite. Chuva grossa dos trópicos, sol a pino, inclemente, e o chicote do feitor, os insultos, a humilhação, a fome, a sede. . . Afinal chegaram à cata, receberam pás e picaretas e cavaram e cavaram. E vinha o sol e vinha a chuva, dias de inclemência e dor.

Então, um dia, morreu um negro da mesma corrente do velho índio. Quando seu corpo rolou na ribanceira, o índio rolou junto porque os aventureiros pensaram que também estivesse morto. Era assim mesmo que os dominadores faziam: o escravo trabalhava até a morte. Depois, soltava-se a corrente e, com os pés, à noite, empurrava-se o corpo ribanceira abaixo.

Durante dias, sentia-se o cheiro da carne putrefata, enquanto os urubus se aproximavam sem qualquer temor. A morte de um escravo era mais uma demonstração do desprezo com que aquelas pobres criaturas eram olhadas pelos conquistadores. Eram de fato, criaturas ignoradas como gente, pior do que desprezo.

O índio, que bem conhecia os segredos do mato, esperou o breu da noite, esgueirou-se entre as folhas secas, sem ruído, e fugiu. Apesar de fraco, andou durante a noite inteira. Quando o sol aparecia, escondia-se nas grotas. Assim, dia após dia, afastou-se mais e mais até, que, finalmente, aproximou-se de Angra.

Sabia que, foragido das minas, marcado, a fogo como escravo, podia ser morto ou, no mínimo, recapturado e reconduzido à faina terrível pelos famigerados capitães de mato. Ouvira falar na entrada de João para o convento. Ali estava, pedindo proteção ao seu antigo cliente, que lhe deixara tão boas recordações dos tempos em que subiam e desciam as montanhas das faisqueiras e das catas.

Fabiano abraçou-o longamente. O índio velho estremeceu. E começou a falar da sua terra e do seu povo, com aquela voz resmungada e estranha, a qual Fabiano se acostumara nas longas viagens pelas montanhas das gerais.

— Quando o homem branco aqui chegou nós já existíamos há muitos e muitos séculos. Éramos um povo organizado, ligado à natureza. Conhecíamos o segredo das plantas, a linguagem dos pássaros, os sinais do vento nas árvores. Nossos deuses falavam conosco uma língua que nossos pajés compreendiam. Nós dançávamos, pintávamos o corpo, mascávamos nossas raízes.

O amor pelas crianças, o respeito aos velhos, a vida em comum, dividindo a terra e seus produtos, nossa vida era boa. Na sombra das grandes árvores da floresta, no sol que dourava o azul do céu, encontrávamos os sinais de Tupã. De manhã cedo ouvíamos o canto do sabiá. À tarde os sapos coaxavam na mata. O jacaré deslizava na água do rio, quase sem ruído.

Desde pequeno aprendi a subir nas árvores e a estudar os sinais do tempo. Já sabia se ia chover pelas mudanças do vento, pela movimento das ondas do rio. Nosso povo trabalhava, todos juntos, todos para todos, para cada um. Ninguém passava fome. As mulheres cuidavam de todas as crianças. Os homens caçavam e pescavam juntos. E quando a noite caía, estávamos dentro da oca, nas redes, lado a lado. Pintávamos o corpo com as tintas da guerra e corríamos pela mata com os troncos das árvores nas costas. Fazíamos os arcos e as flechas.

Cavávamos os troncos das árvores para fazer as canoas. Construíamos as casas uns dos outros porque todas eram nossas, a aldeia era nossa. As penas coloridas enfeitavam nossos cocares. Cantávamos juntos, batendo as mãos, enquanto os pés marcavam o compasso contra a poeira do chão. Éramos felizes.

O olhar do índio se acendia, à medida em que recordava estas coisas. Após breve pausa, continuou:

— Quando a chuva caía forte, ficávamos acorados embaixo das grandes árvores e éramos felizes. Depois, acendíamos o fogo com duas varetas, comíamos a fruta madura, fazíamos o caolim.⁽³⁾

Nosso nariz se acostumava com os cheiros da mata. Nossos ouvidos conheciam os barulhos dos bichos. Nossa boca silvava como a cobra ou chilreava como os pássaros. Nossa vida era simples, mas gostosa.

³ Caulim ou caulino é um minério composto por silicatos de alumínio, e apresenta características especiais que permitem sua utilização na fabricação de papel, tintas, cerâmicas, etc. Pode ser usado em substituição das argilas plásticas. Apresenta boa plasticidade, de coloração branca e funde-se à 1.800° C

E o índio velho tomou-se sombrio outra vez. Sua voz rouca, tomou-se mais profunda. Fabiano teve que apurar o ouvido para entender:

— Nosso povo já estava aqui há muitas e muitas luas antes do homem branco chegar. Quando vocês vieram, nosso povo recebeu-os na praia. Pensamos que vocês eram deuses porque isso constava das nossas tradições. Mas vocês nos passaram suas doenças, seus maus costumes, seus delírios sexuais, seus vícios. Vocês destruíram nossa religião, na base da chibata, e nos impuseram a sua em nome de um Deus que nós não compreendemos.

Nosso deus corria com a gente atrás da caça e dançava na ocará, feliz da vida. Quando o vento soprava nas folhas, era o riso de Tupã, alegre, brincando nas árvores. Vocês falam de amor e nos escravizam. Ouço as histórias do meu povo, alegres no início, tão tristes depois que vocês chegaram.

Fabiano ouvia surpreendido o lamento do velho índio. Jamais havia pensado naquelas coisas. Mas sabia das histórias bárbaras da colonização. Sabia do desprezo com que o europeu tratava o índio e o negro. Não imaginara, porém, a que ponto as coisas haviam chegado.

O velho índio, companheiro de tantas dificuldades na montanha, a quem, certamente Fabiano devia a vida, e a quem se sentia tão profundamente ligado, também lhe colocara, de passagem, a questão da religiosidade. Deus do céu! Em nome do Evangelho, quantas mortes, quanta perseguição. Como evangelizar impondo?

Pelo que aprendera das meditações, lembrando Francisco, Jesus criou ao seu redor uma comunidade de seguidores, pessoas simples, humildes, generosas, que se dedicavam ao próximo, incondicionalmente. O modelo na sua cabeça é a igreja dos princípios do cristianismo, onde tudo era comum. Assim, por causa da solidariedade, não haveria carentes.

Francisco imaginava que seus irmãos estariam fora do poder da igreja, em pequenos grupos, em contato permanente com a gente das estradas, das feiras, lá onde sempre estão os pobres, os marginalizados. A comunidade de Francisco, assim, só tem sentido na vivência fraterna pois a fraternidade supera os inconvenientes da miséria.

Fabiano sabia que os indígenas estavam excluídos das ordens. Era natural, portanto que o cristianismo aparecesse a eles como a religião dos conquistadores e de todos aqueles que lhes impuseram tantas calamidades. Fabiano achava que faltava muito pouco aos índios para que chegassem ao reino dos céus, tão pouco

lhes bastava. A comida tão simples, uma esteira para dormir no chão, nem qualquer outra riqueza que não fossem as tintas para pintar o corpo, as penas para enfeitar a cabeça e um deus tão íntimo...

Não se preocupavam com riquezas, nem se matavam para alcançar as coisas dos outros. Além disso, eram muito pacientes, amavam as crianças, respeitavam os mais velhos, quase com veneração. A história da colonização, no entanto, era a da coação, a da submissão a leis incompreensíveis para os índios, era a destruição de suas tradições culturais.

Os religiosos tradicionais fizeram com que o Evangelho deixasse de ser uma proposta de liberdade humana para se transformar numa imposição político-religiosa. Como pensar na igreja católica como a única realidade religiosa no meio de tantas adorações diferentes que sempre existiram no mundo? Solidariedade para com tudo e com todos.

Este o modelo a seguir, aprendera. Só existe evangelização quando há transformação pela bondade, pela mudança da realidade ruim na direção do bem, em busca de uma vida melhor para todos. Como fazer para que o evangelho seja mais do que uma promessa de vida eterna, uma força para alcançarmos aqui uma vida terrestre digna e humana?

O índio velho estava ali, olhando-o meio incompreensivelmente, machucado, magro, olhos ardentes de febre, lábios rachados, dois dedos quebrados na mão direita, rosto amarrotado, cheio de rugas. Até na parte de trás do pescoço, a nuca apresentava vincos profundos, fazendo caprichoso desenho de losangos. Fabiano sentiu por ele aquele amor profundo.

Era como uma onda, o coração se transformava em mar, a onda vinha lá do fundo, tomando corpo, aumentando o verde, ganhando altura e força. Quando chegava ao coração, a onda saía pelo olhar, ao mesmo tempo doce, ao mesmo tempo forte, com as certezas da onda que se projeta para o alto, em busca do céu e se lança forte contra o rochedo, desfazendo-se em espumas de mil cores. Então os braços de Fabiano se levantaram e ele estreitou o índio velho contra o peito forte.

Os mistérios da onda de puro amor passaram de um para o outro, numa troca poderosa de energias, numa tremenda transfusão de ternura e paz. O velho índio aninhou-se nos braços de Fabiano, recolhendo toda aquela sensação de indefinível doçura, de paz indizível, de harmonias inenarráveis. Quedaram-se ambos em silêncio, o silêncio dos transportes da alma.

Eram velhos companheiros de múltiplas jornadas, que se reencontravam para um grande salto conjunto, na direção da luz. A partir daquele instante estariam ligados pela eternidade, indelevelmente.

Fabiano disse ao índio que deveria seguir com ele para o Rio de Janeiro. Ficar em Angra ou em Paraty seria muito perigoso. Falaria com o dono da falua e arranjaría um lugar na embarcação. Quando chegassem ao Rio, dar-se-ia uma solução. Enquanto isso, aguardasse na enfermaria. O índio gostou da ideia. Cansado e com sono, aceitou o caldo que lhe foi oferecido e arriou-se na pequena enxerga disponível que lhe foi oferecida.

Tocou a sineta para o almoço que transcorria em completo silêncio, logo após as preces gratulatórias. Naquele dia durante a oração, o guardião referiu-se à ida de Fabiano para o Rio de Janeiro. Agradeceu a Deus por terem convivido com ele no convento e disse palavras tão generosas que todos se emocionaram. De fato havia um grande amor envolvendo a todos. Fabiano sentiu novamente a sensação da onda que vinha lá do fundo e desaguava no coração, saindo pelo olhar, pelos braços, um mar de amor.

Sentados ao longo da mesa tosca, aqueles corações simples, tocados pela magia do espírito franciscano, sentiam-se imensa e profundamente irmãos. A cuia humilde, a escudela cheia da sopa amarelada, estava ali parada à sua frente. Ao lado, a colher de madeira tosca. Mas ninguém comia. Todos saboreavam a magia daquele momento e olhavam para Fabiano, que chorava e fixava os olhos em um por um, num agradecimento mudo, mas muito expressivo.

Cada irmão sentia o jugo suave daquele olhar e recebia a onda de paz e de amor que se levantava de Fabiano e se lançava aos céus, em busca do Pai. Um bem-estar, uma alegria calma, uma bênção terna e pacificadora, uma vontade de ir e ir, sem saber para onde, e não voltar mais. Como descrever?

Após a refeição Fabiano falou ao guardião sobre o irmão índio. Pediu-lhe permissão para levá-lo ao Rio de Janeiro, onde amigos poderiam ampará-lo. Os religiosos, então, conseguiram uma estamenha antiga, vestiram o índio como se fosse um frade e os dois saíram, lado a lado, cabeça baixa, discretos, como, ordinariamente, eram os franciscanos.

Desceram rapidamente a escada de grandes pedras, que ficava na entrada do convento. Derivaram para a direita, em busca da pequena praça onde se estendiam as pequenas barracas do mercado de ambulantes. Atravessaram a

praça e caminharam em direção ao embarcadouro. A falua estava prestes a sair. Fabiano falou com o comandante e dividiu o seu lugar com o índio velho.

Em silêncio, percorreram as longas horas da viagem, praticamente sem se mexer. Na entrada da barra, como sempre, o coração de Fabiano dava um salto e ele olhava com indisfarçável carinho as montanhas graciosas que se desenhavam no horizonte.

Feita a manobra de atracação, Fabiano tomou o braço do índio velho e partiram ambos na direção da casa do companheiro que o recebera, juntamente com seus sócios, quando da vinda de Portugal.

Certamente que Fabiano ignorava a posição mental do seu antigo hospedeiro, em relação aos índios. Algo, porém, lhe dizia que conseguiria apoio.

Recebidos com efusão, o velho amigo queria saber tudo a respeito da inesperada decisão de Fabiano, o abandono das aventuras nas serras mineiras, o sonho de riqueza. Claro que os fatos já eram do seu conhecimento. Ele mesmo enviara recursos de Fabiano doados aos seus familiares, ao antigo sócio do Porto e, ainda, às igrejas de Portugal. Mas queria ouvir da própria boca do causador de fatos tão estranhos, os relatos a respeito da conversão, da entrada para o convento, enfim, os negócios, como dizia em sua linguagem pitoresca.

Na verdade eram assuntos passados, para Fabiano, páginas viradas em sua vida. No entanto, pacientemente, falou ao companheiro que o havia ajudado muito em outras oportunidades. Tinha que escolher bem as palavras para não chocar o amigo e, ainda, para tornar-lhe tão compreensível quanto possível, todo aquele processo transformador.

Da voz humilde e calma de Fabiano brotava uma força, uma autoridade doce e firme. Seu olhar manso, cheio de luzes, criava um clima diferente que envolvia a todos, sempre. Era a magia do amor em movimento, das certezas do bem, das ternuras da paz verdadeira. As palavras, então, fluíam dos lábios do jovem português. Eram como água pura da montanha, brotando da fonte escondida por trás das pedras, como linfa luminosa, plena dos mistérios da mata, das cores dos raios do sol infiltrados nos ramos das árvores. Quem poderia resistir à magia daquele amor tão grande, sob a forma de palavras, gestos, olhares e sorrisos de paz?

Finalmente pode Fabiano falar sobre seu velho amigo índio. O negociante nem titubeou. Acabara de fechar um acordo com o convento, para o fornecimento de frutas e verduras que retirava de pequena chácara nas

imediações. O índio ficaria encarregado da horta e, ainda, das entregas. Os companheiros exultaram com a solução que, além de resguardar o índio, atenderia a um interesse do negociante e do convento e, ainda, permitiria que, de tempos em tempos, os bons amigos se pudessem ver.

Dando graças a Deus, Fabiano recolheu-se ao quarto que lhe foi designado. Orou durante muito tempo, preparando-se espiritualmente para as novas tarefas que, a partir do dia seguinte, deveria assumir.

8- UMA NOVA PORTARIA - PREPARAÇÕES

Frei Amadeu e Frei Rogério correram na direção de Fabiano. Abraçaram-se com efusão. Eram, certamente, companheiros de muitas jornadas anteriores, espíritos longamente reunidos pelos ideais comuns e que não podiam agora refrear a alegria santa do reencontro. No fundo do coração sabiam que tomavam a se encontrar segundo os desígnios do Alto, para alguma coisa que seria útil e boa para os outros e, em consequência, para eles mesmos.

A fama de Fabiano fez com que, antes mesmo da sua chegada, o guardião, juntamente com o provincial, decidissem que ele, após pequena adaptação, seria o porteiro do convento. A adaptação seria indispensável porque o convento do Rio era muito mais movimentado e importante do que o de Angra. Embora a arquitetura de ambos fosse muito parecida, na sua simplicidade, o convento do Rio era maior, tinha uma estrutura física mais elaborada.

Por ser também a sede da província, possuía alguns cômodos para abrigar o gabinete e a documentação do provincial e de seus ajudantes, diretamente responsáveis pela administração da imensa área sob sua responsabilidade.

Dada a importância do Rio de Janeiro, o convento era muito visitado por dignitários do reino ou da província, por comerciantes com os mais diferentes interesses. Vinham também os doentes, os foragidos da justiça, os escravos que haviam escapado dos ferros, os mendigos.

O final de 1705, bem como o início de 1706 foram uma espécie de estágio para Fabiano em sua nova portaria. No entanto, os superiores ficavam surpreendidos com o bom senso e a faculdade quase sobrenatural que Fabiano tinha de descobrir, por antecipação, qual o verdadeiro interesse das pessoas. Condoía-se particularmente pelos pobres e não faltavam miseráveis, em fila crescente à porta.

Sempre havia um pedaço de pão, uma sopa, uma palavra certa, um sorriso tão luminoso, pronto e gentil, que os espíritos se desarmavam e se entregavam a Fabiano. Assim, os violentos, os hostis, os agressores, os mentirosos, os que buscavam aproveitar-se, de alguma forma, do prestígio crescente do convento de Santo Antônio, se sentiam desmascarados, mas não humilhados ou ofendidos. Fabiano jamais respondia ao mal com o mal.

Famoso o seu sorriso de paz, seu gesto de mãos cruzadas sobre o peito, como se dissesse lá dentro de si mesmo, que orava pelo impenitente, que amava, mesmo o mais hipócrita, o mais cruel.

Contavam que Fabiano falava com Francisco e Francisco lhe recomendava o perdão, a fraternidade, a caridade pura, como antídoto contra a maldade. Fabiano repetia sempre que o amor cobre a multidão de pecados, conforme diz o texto sagrado.

Nos salões elegantes, onde a sociedade emergente do Rio de Janeiro se reunia para os saraus, comentava-se sobre o novo porteiro, seus gestos de paz, o sorriso luminoso, o olhar pleno de dádivas. Diziam que seus silêncios eram eloquentes. Só a sua presença encantava, com os gestos harmoniosos e o corpo que quase flutuava no chão de pedra do convento.

Muito silencioso, mas um depósito de paz, oferecida a todos. Isso é que chamava muito a atenção: nada de subserviência. A mesma atenção era oferecida aos poderosos e aos pobres. Talvez os pobres recebessem mais carinho, porque eram mais verdadeiros, quase sempre.

A portaria no convento de Santo Antônio era bastante complicada. O Rio pouco a pouco assumia sua condição de província mais importante da região. O acesso mais fácil, por causa da baía sempre calma, o atracadouro que permitia a aproximação de navios maiores, as ligações com o interior, a presença de caminhos ao longo do litoral, tanto para o norte quanto para o sul.

Aos poucos, a importância econômica, por causa da localização, transformou-se em importância política, a importância política transformou-se em importância social. Não passaria muito tempo e o Rio de Janeiro seria a capital do Brasil e, em pouco mais de cem anos, receberia a própria família real. Daí se pode perceber a importância crescente do convento de Santo Antônio e, dentro dele, o cargo de porteiro.

Em nenhum lugar nas imediações havia tantos escravos, tantos potentados e burocratas do reino, novos ricos vindos das catas mineiras, milionários herdeiros das riquezas da cana, que ainda vicejava nos engenhos. O porto, que dava acesso a uma das regiões mais ricas do Brasil, ao âmago das minas, para onde fluíam todos os interesses, regurgitava de gente.

Aventureiros, sacerdotes, mulheres, negociantes, atravessadores, piratas, empreendedores, gente de todo tipo se misturava nas ruelas estreitas e malcheirosas da cidade que crescia apertada entre o mar e a montanha,

aproximando-se cada vez mais do convento que, há não muito tempo era uma área de periferia, distante do centro de todas as decisões.

Agora, no entanto, havia um novo motivo para que procurassem o convento: Fabiano. Sua fama chegou ao Rio de Janeiro antes mesmo que se afastasse de Angra.

Quem era aquela criatura que rescendia a amor? Ele conhecia muito bem as questões do mundo e, talvez por isso, sentia a necessidade do amor, alimento das almas, oferecido indiscriminadamente, sem quaisquer exigências ou imposições. O que não se sabia, nem ele certamente conhecia o mecanismo, era como Fabiano conseguia abrir as torneiras do Alto.

O que não se entendia era o processo de transformação do sentimento de amor em ondas de ternura, de saúde, de alegria e de paz. Que misteriosos mecanismos Fabiano conseguia desatar para que as pessoas que dele se aproximassem se sentissem tão bem?

Nas suas meditações, Fabiano ouvia uma voz que lhe falava do fundo da alma. Já não mais questionava sobre o que lhe dizia o coração, como na beira da praia de Angra. A voz lhe dizia que construímos ou destruímos nossas vidas pela nossa maneira de pensar. As coisas à nossa volta são decorrências do que acontece na essência do nosso ser, uma espécie de lugar secreto onde Deus é, inteiro, pleno, sábio, justo, perfeito.

Fabiano ficou muito feliz quando soube que nós somos deuses. Ele então procurava Deus dentro de si mesmo, durante todo o tempo. Sabia que Deus é a essência da pureza, da justiça, da perfeição, do amor. Viver, então, é aplicar toda a inteligência e toda a sensibilidade e toda a vontade na busca desse Deus em nós que, no fundo, somos nós mesmos.

Mudar a forma de pensar é a única maneira de mudar as coisas, porque ninguém muda as coisas sem mudar o substrato do pensamento. Não podemos pensar uma coisa e fazer outra. Então, se quero ajudar o meu irmão, tenho que, de fato, pensar, do fundo da alma, em ajudar. Só que é mais razoável estar pensando sempre assim, para criar um ambiente interno favorável ao processo de ajuda.

Em linguagem mais moderna: implica em estabelecer sintonia, pendurar-se nas redes divinas de amor com que o Pai rege os universos sem fim. Pendurar-se e não desligar mais. Se quiser harmonia e felicidade, sintonize primeiro com a harmonia e a felicidade, depois a exteriorização disso aparecerá, é automático.

Se quiser saúde, pense saúde e ela virá. Saúde não é só corpo. E alma saudável, é pensar em Deus, dedicar sua vida a Deus e não às limitações que a vida eventualmente ofereça. A vida é resposta e reciprocidade. É do que nos vai dentro, que surge o que se vê fora. O querer bem gera o bem querer - é a lei grande. Para aquele que ama de verdade, tudo se integra para o amor, o bem. Amar o bem é ocupar-se com bons pensamentos, na profundidade do ser.

O pensamento é, para a alma, como a semente para a terra. A terra bem preparada, quando recebe a semente de boa qualidade, produz maravilhosamente. E quase mágico ver a planta surgir da semente na terra. Vem o sol, vem a chuva e, pelos estranhos mecanismos das leis, a semente se torna flor e fruto. Nossos pensamentos fluem pelo nível consciencial, como uma torrente que não para nunca.

Em pensamento podemos controlar toda a nossa vida, nosso processo de relação com as pessoas com as quais nos preocupamos, ou com as quais, de alguma forma, nos encontramos na vida e mergulhar no passado ou no futuro com a mesma facilidade. Mais difícil do que parece à primeira vista é pensar harmoniosamente, para conseguir as harmonias da alma. Só o conseguem aqueles que têm “fome e sede de justiça”. E, quando pedem, e pedem do fundo da alma, serão saciados.

Às vezes Fabiano achava complicado dizer essas coisas. Certamente ele sabia, porque sentia e sabia muito mais do que seria capaz de enunciar. Necessário sentir falta da fome e da sede da justiça para buscar a saciedade.

Outra questão era conhecer os mecanismos do pensamento. Mais uma vez o Sermão da Montanha, um ensino espiritual, acionava seu coração e conduzia seu pensamento. Fabiano pensava muito nos milagres de Jesus. Mas, afinal, o que vem a ser um milagre? Não é perfeita a criação divina? Então por que e para que milagres?

Seria o nosso mundo um pedaço do universo onde há leis que desconhecemos? Podemos apelar do nosso mundo conhecido para os mundos desconhecidos, de uma lei mais “baixa” para uma lei mais “alta”? A oração poderia ser uma espécie de ponte entre um universo e outro, de onde leis desconhecidas poderiam ser acionadas?

Se assim é, a oração pode mudar as coisas, de fato. Dessa maneira Fabiano aprendeu a valorizar muito a oração sentida, feita do fundo da alma. Ele achava que a mente era o lugar secreto de que Jesus falava. Durante todo o tempo o

pensamento molda o nosso destino, acreditava. Pensar bem, pensar no bem, era a prática a ser seguida, exigindo disciplina e perseverança.

Tratou de livrar-se das recordações dos tempos das carreiras das minas, da infância em Soengas, da juventude no Porto. Não era nenhum rompimento, nenhuma tristeza maior, ou arrependimento. Nas longas horas de recolhimento passadas na cela escura e silenciosa, lembrava-se continuamente de Francisco que se lhe fixara indelevelmente no coração.

Parecia-lhe ouvir a voz meiga do italiano que lhe falava com a alma. Era um diálogo que se passava no interior do espírito. Sabia, desses contatos, que chegara a hora do homem novo, com novos pensamentos. Toda a experiência da nossa vida não deve ser, senão, a expressão externa do nosso pensamento interior. E certo que podemos escolher nossos pensamentos.

Nossa vida é resultado dos pensamentos que nos acostumamos a acolher. Podem vir muitos pensamentos, todos passageiros. Aqueles que escolhermos para ficar conosco darão o clima determinante da nossa vida, da nossa maneira de ser e nos colocarão em contato com o mundo do tesouro de que Jesus falava. Nosso livre-arbítrio, portanto, repousa na escolha que fazemos dos nossos pensamentos. Fabiano achava que Jesus havia ensinado essa verdade grande. Tudo na vida se resumia em compreender e viver em estado de amor.

Dizia-lhe Francisco, pela voz do coração, que são quatro os recursos para a manutenção de um adequado clima espiritual: a vigilância sobre pensamentos e atos, para que não sejamos apanhados em escorregões, em deslizos espirituais já que estamos tão envolvidos pelas questões da materialidade; a oração é outro recurso importante, porque nos colocará em contato com as fontes produtoras da luz eterna e estabelecerá as pontes entre os diferentes níveis da criação divina; a meditação ajudará a ter controle sobre nossos próprios pensamentos, fazendo com que a nossa paz interior desabroche e domine a agitação extrema que nos envolve continuamente.

Por fim, a oração, a vigilância e a meditação continuarão insuficientes se não forem acompanhadas por ações efetivas de amor ao próximo, conforme ensinou o Mestre: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Além de tudo, praticar isso com naturalidade e simplicidade, sem afetação.

Os diálogos interiores prosseguiram, silenciosos, pelas horas calmas da quietude do convento:

— Muito cuidado com os males que são contrários à presença de Deus: a volúpia, a ânsia pelo poder, a ambição das riquezas e todos os filhos do egoísmo e do orgulho.

A voz de Francisco soava na alma de Fabiano e despertava ecos que se repetiam nas paredes de todos os tecidos do seu corpo e, mais fundo, eram como um grande mergulho em busca do encontro com o Pai.

— Para perseverar no bem é necessário buscar a humildade contra a sede de domínio, o desprendimento dos bens materiais para se antepor ao desejo das riquezas e a castidade para neutralizar o apetite sexual desvairado - prosseguia o homem de Gúbio - afinal, é preciso vivenciar o Cristo, o que é o mesmo que conviver constantemente com o Pai Celestial. Melhor ainda é saber que não é necessário procurar o Cristo ou o Pai no futuro ou à distância, porque o reino dos céus está dentro de nós, aqui e agora e sempre.

Francisco também falava, de quando em vez, na receita para encontrar a justiça, também oferecida pelo Mestre, quando ensinou que o maior seja como o menor e quem governa seja como quem o serve.

A igreja de Francisco tinha o Cristo como pedra angular, a fraternidade e a caridade como seus fundamentos. Antes de ser uma instituição ou uma construção de pedra, deveria ser um encontro de almas, uma reunião de sentimentos afins com Jesus, na sua pureza, simplicidade, serviços de apoio mútuo e harmonia de propósitos vinculados ao bem de todos e de cada um.

— Só é possível entender tal verdade a partir de uma sintonia profunda com o Pai, o que nos faz inabalavelmente irmãos uns dos outros - o pensamento de Francisco se projetava no fundo do coração de Fabiano. E continuava fluindo:

— Se o Pai é integralmente dentro de mim, também o é dentro do próximo, que, por isso mesmo é tão importante quanto eu mesmo. Este sentido de respeito pelo próximo é fundamental para chegarmos ao amor do próximo, como ensinou Jesus. Este amor excede todo o conhecimento e nos leva a um verdadeiro êxtase. Então compreendemos que os cristãos verdadeiros, dedicados e purificados se plenificam com a divindade. Indispensável substituir o homem velho, deixando-se renovar pelo espírito.

Foi a fraternidade que envolveu o espírito de Francisco. Sua opção pela pobreza não era, em si, a finalidade essencial. Era, sim um despojamento, uma forma de comunhão com o Cristo. A pobreza franciscana era um dos marcos do caminho em busca da fraternidade integral. Por meio da pobreza cai tudo o que

atrapalha as relações entre as pessoas, caem os interesses que separam, cai o “meu”, cai o “teu”, caem os papéis sociais impregnados de simbologia e de poder, com seus mitos de exclusão, com seus ritos de domínio.

Francisco, de fato renunciou a todo poder, pois é o poder que impõe distâncias, que define classes, castas. O poder faz da vida de relação um palco onde as pessoas representam papéis e a realidade se perde entre expressões de efeito, sem significado real. O aspecto mais trágico do poder é sua característica cumulativa: quem não tem, quer ter. Quem tem, quer ter mais. Quem tem mais, acha que tudo o que tem nunca é suficiente.

Assim, a voz de Francisco ciciava no coração de Fabiano como um vento brando na manhã nascente:

— É a abdicação ao poder que abre as portas à fraternidade. Entre irmãos verdadeiros o poder se transforma em mediação de serviço e apoio, em instrumento de crescimento recíproco. A fraternidade acaba sendo um estado de espírito e, não, um sentimento eventual.

Francisco vivia uma fraternidade que ultrapassava o domínio do humano e se abria ao cosmos. Vivia em comunhão profunda com a natureza e se sentia ligado pelo coração a todos os seres, animados ou inanimados, ou seja, entendia o universo como uma fraternidade universal entre todos os reinos da criação. Francisco não excluía nada nem ninguém. O reino dos céus, portanto, não seria um local físico mas uma conquista moral, já que ele está dentro de nós e é encontrado quando passamos a incluir tudo e todos em nosso próprio universo, feito de compaixão e de comunhão.

Nessas meditações registravam-se longas pausas para apreender o significado dos ecos que soavam na intimidade da alma de Fabiano, que se mantinha com a respiração profunda e lenta, em busca de sintonia com a alma de Francisco, que continuava a pensar alto:

— Nos meus sonhos onde falava uma voz doce e forte, imaginei uma comunidade portadora da memória de Jesus, baseada estritamente no Sermão da Montanha. Na verdade, nunca imaginei uma Ordem, no sentido tradicional da Igreja. Imaginei uma reunião de corações, que fosse como um pequeno rebanho, com base na Igreja dos Atos dos Apóstolos, onde cada um de nós se sentisse parte de um todo tão generosamente explícito, que o próprio Jesus ficaria à vontade entre nós.

Uma comunidade onde tudo fosse comum e na qual, por causa da solidariedade, não haveria necessitados. Não poderemos, portanto, nos perder em grandes e custosas construções materiais, porque não é a construção material que se capacita a receber o Cristo. É sim a construção de sentimentos bons que permite a presença do Divino Mestre.

Então Francisco lembrou a passagem em que Zaqueu foi surpreendido ao se encontrar com Jesus, pela primeira vez. Além de saber seu nome, de conhecer tudo sobre a sua vida, Jesus ainda “se convidou” para passar aquela noite na casa de Zaqueu. É porque Zaqueu era humilde, se sabia pequeno, ansiava pelo Mestre, orava muito, tinha bons sentimentos e cumpria a lei dos homens e a lei de Deus.

Preparou assim o caminho para que Jesus escolhesse a sua casa para ficar, mesmo ante a incompreensão do povo. Como nem todos somos como Zaqueu, devemos buscar apoio mútuo, devemos viver em pequenos grupos, em contato permanente com o povo dos caminhos e das praças. É aí que se encontram os pobres, os excluídos de que nos feda Jesus, no Sermão do Monte. É entre os mais infelizes que nós devemos estar.

Depois de algum tempo de silêncio, a voz de Francisco voltou a vibrar na alma de Fabiano:

— A palavra de Deus está por toda parte: na montanha, no sol da manhã, nos pássaros que cantam, na gota de orvalho, na flor, na brisa da tarde, no perfume da mata, nas espumas do mar que bate nos rochedos. Tudo fala de Deus. Deus fala através de tudo. Assim, embora os entes da natureza, incluídos os homens, tenham funções diferentes, todos são igualmente importantes, todos somos ministros no serviço de uns aos outros e ao mundo.

Esta é a compreensão: primeiro a vivência do evangelho da fraternidade. Só a partir dessa vivência se pode anunciar com eficácia o evangelho de Jesus.

E Fabiano fechava os olhos, saboreando o prazer místico daqueles toques dos lábios espirituais de Francisco em seu coração plenificado de êxtases indescritíveis.

9- VOLTAS E REVOLTAS

O século XVIII inicia-se sob o signo da revolta. A descoberta das minas provocou enorme movimento de gente do Brasil e da Corte, todos ansiando pelo ouro. Logo estalam os conflitos. Neles sempre estão envolvidos os primeiros descobridores, os povoadores das lavras e das faisqueiras e os muitos forasteiros, os chamados “emboabas”, portugueses, quase todos, que se juntavam aos pernambucanos, aos baianos e a outros aventureiros.

Os portugueses, na condição de cidadãos do reino, se julgavam com direito à exploração da terra. Os paulistas, como primeiros ocupantes, entraram em luta violenta, em combates que se arrastaram entre 1707 e 1709, com sucessivas derrotas. Os portugueses, melhor armados, geralmente levavam vantagem nos combates, quase todos de surpresa, com uso franco da tocaia.

Um novo governador, em 1709, promoveu a pacificação geral. Foi criada, na ocasião, uma nova capitania, reunindo São Paulo e Minas do Ouro, pertencente à Coroa. Durante as escaramuças, o governador da província antiga, que ficava no Rio de Janeiro, deslocava-se para o local, com suas guardas, mestres de campo, capitães de mato, e mais munição, pólvora e outros apetrechos de campanha.

Para tentar apaziguar os combates, quase metade da população do Rio participava das escaramuças. Aventureiros se agregavam à comitiva na esperança de fazerem bons negócios. Muitos morriam, outros voltavam estropiados. Na cidade do Rio, quase sempre era o choro da viuvez, o infortúnio da orfandade, a miséria de muitos, a desgraça de outros tantos, ao lado dos lucros de alguns poucos.

Naturalmente que isso implicava em acréscimo de trabalho para Fabiano e seus irmãos do convento, que recebiam toda sorte de pedidos de apoio, seja de atendimento aos feridos, seja de acolhimento de famílias, seja de escravos e índios foragidos, ou, ainda de dignitários da terra que vinham em busca de seus interesses.

A sociedade colonial no Brasil tinha uma classe superior, os senhores proprietários rurais, dos engenhos, das plantações, os donos absolutos da riqueza, das terras, do capital, das rendas. Essa classe tinha a primazia de tudo, social, econômica e juridicamente. A outra classe era dos escravos, negros e índios, mais

os negros que os índios. Eles não passavam de propriedade, dominados, sem direito, nenhum privilégio, nenhuma participação no poder.

Cumprem poucas funções: o trabalho e a reprodução. Tudo lhes é negado, inclusive os sentimentos de família. Eram coisas, equiparados aos animais. Mesmo oficialmente eram denominados peças, fôlegos, que se marcavam com ferro quente ou por castigo, ou por sinal, como o gado.

Tantas diferenças criaram ódios, vinganças, excitavam crueldades e exigiam medidas excepcionais, penas terríveis, mutilações, capitães de mato que farejavam a presa, podiam torturar e matar, sendo muito improvável provar qualquer crime que hajam cometido.

A sociedade é, assim, aristocrática, elitizada. Uma classe é a única depositária dos bens dos privilégios, do direito, do poder. O dono da terra e dos bens é também, o patriarca. Seus filhos, sua mulher, não participam da propriedade, são dependentes. O pai concentra toda a propriedade do patrimônio familiar, detém toda a autoridade, assumindo a posição que lhe dá direito sobre a vida e a morte de seus familiares.

Essa composição típica da sociedade colonial só começa a se modificar com a mineração. Inicia-se o processo de urbanização, a sociedade é mais flexível, menos aristocrática, mais democratizada, com a diminuição do volume do trabalho escravo, melhor distribuição do capital e da renda. Seriam ainda necessários muitos e muitos anos para que esse processo dominasse amplamente a sociedade brasileira. No entanto, os reflexos disso já estavam ali, no Rio de Janeiro do início do século XVIII.

Fabiano, querendo ou não, teve que participar dessa fermentação que produziria, com o tempo, o Brasil novo. Mas sofria intimamente com tantas injustiças. Francisco lhe falava aos ouvidos espirituais para que tivesse paciência.

— O progresso virá porque é lei divina e ninguém dele escapará. Todos hão de se elevar. Em cada uma das suas experiências, o espírito adquire acréscimo de conhecimentos e experiências. Observando o passado da humanidade, não se pode negar que ela está progredindo. Portanto, paciência e vamos cooperar para que todos aproveitem as oportunidades que Deus, nosso Pai, oferece a cada um.

— Na verdade - continuava Francisco em seu sopro de luz - o progresso é uma condição da natureza humana. Nossa tarefa é a de ajudar o homem para que ele faça da fraternidade um objetivo claro em sua vida. Somos todos irmãos, independentes de cor, religião, raça, língua. Imagine quanto tempo ainda

escorrerá para que os valores atuais sejam substituídos. Mas virá o tempo, porque é da lei de Deus. Assim, em lugar de nos entristecermos, colaboremos, nós que sabemos dessas coisas. Como disse o Cristo, eles não sabem o que fazem.

O Rio de Janeiro crescia e aumentava de importância, por ser escoadouro natural das riquezas das minas, embarcadas para o reino a partir do seu porto. Era também o lugar onde chegavam os funcionários que vinham para o controle da riqueza que o ciclo da mineração despejava continuamente. Muitos aventureiros e aproveitadores circulavam pelo Rio, aguardando oportunidades para enriquecimento de qualquer maneira fácil, se possível.

Uma sociedade urbana começava a surgir, crescendo rapidamente e criando muitos problemas de convivência, de ética, de valores morais e espirituais. Mais uma vez o convento sofreria as consequências desse crescimento e Fabiano lá estava, juntamente com seus irmãos, para receber os deserdados, os feridos, os vilipendiados, os enganados, as famílias destruídas, as mulheres desonradas.

Desde os tempos da carreira das minas, Fabiano aprendera com o velho guia índio os segredos das plantas. E fazia admiravelmente unguentos, cataplasmas, xaropes, pomadas. Conhecia as plantas, sabia colocá-las ao sol, macerá-las, misturar a água, extrair o sumo. Mas as mãos de Fabiano eram muito especiais. Um curativo feito por ele produzia efeitos quase sobrenaturais.

Braços feridos, mãos queimadas, febres, aos poucos Fabiano organizava sua pequena farmácia, colocando-a à disposição dos necessitados. Até o médico se mostrava perplexo com as “aguinhas de Fabiano”. Enquanto o médico se esforçava com tisanas e retiradas de sangue, Fabiano orava e seus remédios curavam de fato. Assim, pouco a pouco, naturalmente, Fabiano assumia funções de enfermagem. Era o frade das mãos mágicas, todos diziam, surpresos com a rapidez de cicatrização das feridas.

De repente começaram a chegar muitos feridos ao convento. Corria o ano de 1710. Segundo diziam, o invasor era francês. Rodeou a baía da Guanabara, desceu para o sul, tentou desembarcar na região que é hoje Copacabana. Depois, na altura da Barra da Tijuca. Impedido, rumou ainda mais para o sul, entrou em Guaratiba e desembarcou.

Sem resistência, avançou pela serra e chegou à floresta da Tijuca, descendo devagar. Acampou durante quase uma semana na fazenda dos jesuítas, atual Engenho Velho. O governador Francisco de Castro Morais reuniu suas forças, quase dois mil homens, junto ao Paço, que ficava na região da atual Praça XV.

Muitos voluntários colocaram-se em pontos estratégicos onde os invasores teriam que passar. Jean-François Duclerc avançou com seus homens, descendo pelo caminho que é, hoje, a Rua do Riachuelo. Na altura do morro do Desterro, hoje Santa Tereza, os franceses foram atacados violentamente pelos voluntários. Mesmo assim, romperam o cerco e aproximaram-se do morro do Castelo, bem perto do convento de Santo Antônio.

Sofreram muitas perdas com o ataque dos patrulheiros que, de posição mais elevada, encontravam alvo fácil. Tentaram então desbordar e rumaram na direção da Rua do Parto, atual São José. Afinal, já muito combalidos, chegaram à Praça do Carmo. Estudantes e milicianos defendiam o palácio do governador e ali, derrotaram Duclerc que refugiou-se no Trapiche da Ordem. Restavam-lhe ainda cerca de seiscentos homens. No entanto, ante a ameaça de incêndio dos barris de pólvora do trapiche, Duclerc rendeu-se, foi preso e assassinado no ano seguinte.

Foram terríveis as consequências de tais escaramuças. Embora houvesse grandes comemorações pela vitória militar, foi enorme o número de feridos, de parte a parte. Fabiano e seus companheiros trabalharam como nunca e lamentaram a carnificina.

No ano seguinte, 1711, a situação piorou. Em setembro, cerca de um ano após os combates com Duclerc, René Duguay-Trouin apareceu na barra do Rio de Janeiro, com dezoito navios e uma tropa de cinco mil homens. Havia nevoeiro denso. O corsário, mesmo atacado, aproveitou-se da pouca visibilidade e dos poucos defensores e avançou pela baía. O Rio não estava preparado para receber os invasores.

O francês ocupou a ilha das Cobras, desembarcou na altura do que é hoje a praça Mauá, com quase quatro mil homens e muitos canhões. Sem atirar, ocupou os morros da Providência, a pedreira de São Diogo, as alturas do morro da Saúde e do Livramento. Então, os canhões abriram fogo sobre a cidade, durante quatro dias seguidos.

Mesmo com a chegada de reforços desde Paraty, a população foi obrigada a fugir, espavorida, em busca de abrigo. Um temporal violentíssimo castigou ainda mais as pessoas que, desesperadas, atropelavam-se, caíam, machucavam-se ainda mais. Fugiam dos canhões, mas eram vítimas da tempestade tropical que mais parecia um dilúvio.

Os rios, inundados, enchiam os caminhos, carregando tudo de roldão. Muitos morreram afogados, famílias inteiras foram destroçadas. Uma terrível

tragédia, sem destino no meio da mata e dos pântanos que constituíam a periferia da cidade. O invasor, à vontade, saqueou a cidade e exigiu um grande resgate. Ao infortúnio das famílias sofridas com a fuga na tempestade, somou-se o prejuízo que, naturalmente, foi pago pelos produtores de riquezas.

A população ficou tão indignada que depôs o governador. Somente em 1712, o Rio de Janeiro conseguiu ser aparelhado com peças de artilharia e novas fortificações, dando assim mais segurança à população.

10- O ENFERMEIRO

E foi assim que, naturalmente, todos perceberam que Fabiano era o enfermeiro ideal. O povo, que vivia em romaria, pedindo ajuda, já o chamava de Pai dos Pobres. Os potentados, sempre exigindo o melhor. Os patriarcas, julgando-se merecedores de todas as atenções. As mulheres, em busca de mais afeto. Escravos desesperados, feridos pelas torturas. Índios perdidos das tribos, vencidos pelo álcool.

Cortes, quedas, fraturas e tosse, as gripes tropicais, as deficiências respiratórias, as doenças da subnutrição, as dermatoses, decorrentes da falta de higiene, da falta de saneamento. Tanta miséria, o cheiro da desgraça nas feridas abertas, nas chagas purulentas, nas grandes barrigas cheias de vermes.

Os olhos cheios de febre, saltados das órbitas, a desesperança, a alienação. Todos procuravam Fabiano, com suas agulhas, seus caldos, xaropes mas, sobretudo, seu olhar manso, seu sorriso fraterno, o amor derramado incondicionalmente.

Seus superiores no convento perceberam também que era muito melhor para todos que Fabiano passasse a atuar na enfermaria.

O índio velho, de quando em vez vinha ao convento trazer alimentos contratados ao antigo amigo de Fabiano, para o qual trabalhava. Sempre buscava o seu benfeitor para beijar-lhe as mãos, apesar dos protestos. Um dia Fabiano lembrou-se de pedir ao velho índio mudas de plantas medicinais.

Aos poucos, nos fundos do convento, surgiu pequena horta. Fabiano circulava por lá, todos os dias, separando galhos e folhas. Levava o material para um anexo da enfermaria, colocava as folhas para secar, moía, amassava. Outras, eram levadas ao fogo, misturadas com água, um pouco de açúcar.

Assim surgiam os xaropes e material das pomadas para feridas e, ainda, os pós que se misturavam à comida, para os mais diferentes problemas de saúde. Era um conhecimento da cultura popular, especialmente dos índios e africanos. Fabiano aprendia rapidamente e, como se dizia, tinha a mão certa. Também orava muito e, de certo, atraía apoios espirituais poderosos que ajudavam nos processos de cura.

A fama de milagreiro espalhou-se. E vinha gente de toda parte, ricos e pobres, curiosos e doentes de verdade. Fabiano incomodava-se com isso.

Abominava a situação que lhe dava tanta notoriedade. Mas acabou por entender que sua tarefa era servir ao próximo. Não deveria encontrar na publicidade em torno do seu nome obstáculo para o serviço que devia a todos. Ficava muito calado.

Orava cada vez mais. Colocava todo o seu amor, toda a sua vontade de ajudar ao próximo, em cada medicamento. Esquentava a água, lavava os panos, trocava os curativos, fazia os chás, com uma dedicação absoluta, como se fosse a última coisa que estivesse fazendo na vida. Dedicação seria, assim, uma palavra para descrever o seu estado de espírito.

A vida de Fabiano na enfermaria modesta era de entrega total em favor dos doentes. Esquecia-se de si mesmo, desdobrando-se a tal ponto que, muitas vezes, deixava de lado sua própria alimentação. Virava dias e noites ao lado dos mais doentinhos.

A enfermaria era uma sala comprida com as camas ao lado umas das outras, separadas por biombos. Por trás da cabeceira de cada cama havia uma portinhola que dava para um corredor externo por onde, quando necessário, retirava-se o corpo do falecido, a fim de não chocar os demais doentes.

Fabiano tinha a sua cela, mas, noite após noite, ficava na enfermaria, sobretudo quando alguém estava em situação mais delicada. Era necessário que seus superiores chamassem a sua atenção, exigissem mesmo, que ele se alimentasse e descansasse. Ele então obedecia, mansamente.

O ambiente fora do convento se acirrava com as disputas entre brasileiros e portugueses. Um surdo sentimento de indignação, de revolta, alastrava-se. A raiva aumentou muito após as notícias sobre a Guerra dos Emboabas, sobretudo depois do triste episódio do Capão da Traição, quando os paulistas foram massacrados pelos portugueses, após terem se retirado do local de disputas e entregue suas armas, com a garantia de vida, que não foi respeitada.

Uma das consequências da Guerra dos Emboabas foi a criação da Capitania de São Paulo e Minas, desdobrada do Rio de Janeiro. A Insurreição Pernambucana, a Aclamação de Amador Bueno, a Guerra dos Emboabas, a Revolta de Filipe dos Santos, foram movimentos contra os estrangeiros ou os desmandos do sistema colonial.

Desde os períodos iniciais da colonização, o Brasil conheceu heróis e vilões nas insurreições através das quais começou a formar seu espírito de país em busca de sua unidade. As lutas contra holandeses, espanhóis e portugueses

formaram um elemento integrador do povo. Nas lutas contra os invasores, brancos, negros, índios, mestiços, aplicavam-se com igual valor. As questões econômicas despertaram sentimentos nativistas e de emancipação regional.

O Brasil colonial era um amontoado de capitanias, aos poucos transformadas em um país, com um sentimento nacional. Dessa época também é a Guerra dos Mascates, em Pernambuco. Na Bahia, em 1711, houve dois movimentos populares. O primeiro, por causa de impostos. O outro, surgiu quando os baianos quiseram ajudar os habitantes da Guanabara, invadida por Duguay-Trouin.

Para surpresa de todos, a autoridade determinou prisões e abriu inquérito. Os principais organizadores acabaram degredados em Angola, uma pena muito pesada, desproporcional ao suposto crime. Também em Vila Rica houve um levante por causa dos saques a que a metrópole submetia os donos de faisqueiras e lavras.

Medidas absurdas eram impostas aos mineiros que desenvolveram o contrabando, ao mesmo tempo em que os portugueses aumentavam os controles. Em 1720 acabou sendo criada a capitania de Minas Gerais, separada de São Paulo. As sementes da independência começavam a ser lançadas. Pequenas escaramuças localizadas espalham-se pelo Brasil e, por incrível que pareça, chegam aos conventos, separando sacerdotes portugueses e brasileiros em muitas oportunidades.

Essas questões também estavam lá, no convento de Santo Antônio e exigiam de Fabiano mais orações e mais trabalho de apaziguamento e de cura de divergências. É dessa época o gesto, que se tornou famoso, em que Fabiano convocava todos para junto de si, envolvendo cada um num abraço fraterno, que terminava com seus braços cruzados na altura do peito, como se estreitasse o próximo contra o seu próprio coração.

11- DOENÇAS

Por volta de 1716 apareceu um calo muito incômodo no joelho esquerdo. Desde alguns anos antes, já lhe havia aparecido uma espécie de erisipela. Suas pernas viviam inchadas. Aos poucos uma vermelhidão se alastrava desde a base do pé, subindo na direção da batata da perna.

Havia épocas de crises. Feridas se abriam. Na perna esquerda a inchação ficava enorme, os dedos do pé arredondavam-se, a vermelhidão tomava-se escura. Frieiras abriam-se, dolorosíssimas. Toda a perna esquerda ficava muito quente e pesadíssima. Ínguas se espalhavam na região da virilha. Ele mal podia andar. A febre dava-lhe calafrios.

A perna direita abriu-se numa ferida imensa da qual escorria pus, continuamente. Era necessário trocar os panos a toda hora. Fabiano vivia com as duas pernas envolvidas em panos. Nem seus remédios davam jeito.

Com a ajuda do seu amigo índio alcançava, apenas, melhoras circunstanciais. Os médicos também quase nada conseguiam. Resolveram abrir, a ferro quente, o calo do joelho, provocando dor incrível e, após, uma tenebrosa infecção, difícil de debelar.

Fabiano arrastou as pernas inchadíssimas, conviveu com as feridas em pus e com as ínguas, durante o resto de sua vida. O edema, progredia lenta, porém tenazmente. Das pernas escorriam líquidos purulentos e mal-cheirosos.

Envolto em panos, arrastando-se como podia, em permanente estado febril, ele ainda se preocupava em não chocar os outros, ainda se preocupava em evitar o mau cheiro, para não causar náuseas aos outros.

Todos os anos das décadas de 20 e de 30 transcorreram sem maiores novidades, além do envelhecimento natural, entre dores que se tornavam cada vez mais lancinantes, mas que, no entanto, eram enfrentadas com estoicismo, com fé, decorrente da certeza de que somos todos filhos de Deus e nada acontece conosco sem a Sua permissão.

Ao mesmo tempo, jamais se ouviu de Fabiano um lamento, uma reclamação. Mesmo nos momentos das grandes dores, das febres violentas, ele oferecia o sorriso amigo, o olhar doce, o gesto meigo e acolhedor.

Perguntado sobre a receita para tanta resistência, ele sorria modesto e dizia que era preciso orar muito, vigiar ainda mais e aceitar sempre a vontade maior.

Reunindo tudo isso, era necessário, ainda, o serviço constante ao próximo. De fato, Fabiano não dizia bem essas coisas.

Ele as vivia, em espírito e em verdade. Era uma lição viva, um testemunho que se tornava mais eloquente, quanto mais envelhecido ficava.

Pouco antes de 1730, o índio velho, companheiro de tantas jornadas, regressou à pátria espiritual, causando grande comoção ao franciscano. Pouco a pouco, também faziam seu retorno à vida verdadeira os companheiros dos primeiros tempos. Amadeu, Rogério, Boaventura, praticamente Fabiano, na década de 40, já era dos mais idosos do convento.

Não fosse a presença espiritual de Francisco, a solidão seria a grande companheira de Fabiano que, servindo ainda na enfermaria, falava apenas o indispensável. Era muito mais de sorrisos e bênçãos, de gestos amigos, de saudações humildes.

O Rio de Janeiro crescia. Fervilhavam as ruas de aventureiros. Surgia uma nova classe social. As ideias da emancipação de quando em vez agitavam a cidade. As novidades chegavam ao convento, produziam diferenças até entre os sacerdotes.

Mais de uma vez a voz humilde de Fabiano levantou-se para sanar diferenças, para mostrar que, para além da nacionalidade, da língua, da religião, da cor da pele, somos todos irmãos e, como tal devemos viver em fraternidade.

No lugar de trabalhar nas divergências, que separam, enfraquecem e, finalmente, destroem, os cristãos, os irmãos de Francisco devem buscar sempre as convergências, que somam e constroem.

Fabiano faleceu no dia 17 de outubro de 1747. Estava com 71 anos de idade e mais de 43 anos de vida religiosa. No final da vida, mais do que o porteiro, mais do que o enfermeiro, mais do que o conselheiro, era o exemplo vivo das virtudes cristãs.

Todos sabiam que ele havia alcançado culminâncias espirituais poucas vezes igualadas. Escrevera, de fato, um hino de amor no coração dos homens.

Todo o povo do Rio de Janeiro subiu o morro de Santo Antônio para prestar as últimas homenagens ao grande benfeitor que regressava à pátria espiritual. O próprio governador, Gomes Freire de Andrade, compareceu, agradecido pois, anteriormente, fora beneficiado por Fabiano.

O povo recordava as aguiinhas da moringa com que dava de beber aos doentes. Muitos recuperaram a saúde e atribuíam a cura às aguiinhas de Fabiano.

O Pai dos Pobres teve seu corpo físico enterrado no próprio convento de Santo Antônio, após inúmeras manifestações de seus contemporâneos.

12- EPÍLOGO

Qual o mistério de Fabiano?

Todos os homens têm algumas dimensões, ou forças que os movem. Uma dimensão óbvia é dada pelas forças do meio ambiente, da cultura à qual somos submetidos. A língua, os costumes, o folclore, a religião, a educação que recebemos do meio em que vivemos, contribuem de maneira decisiva para a nossa maneira de ser. Seria, assim, uma dimensão externa porque, simplesmente, age sobre nós, de fora para dentro.

Um outro conjunto de forças que atuam sobre nós tem origem em nós mesmos. São, comparativamente falando, verdadeiros animais. É o leão em nós que nos faz desejar o mando, o domínio, reinar sobre os outros. A águia em nós, nos faz querer ser admirados pelos grandes voos da inteligência. Há a raposa, esperta, armando dificuldades para os outros.

Os morcegos hematófagos, sugando as forças dos outros. São os ruminantes em nós que nos fazem valorizar em excesso a alimentação, o prazer da mesa, os requintes da bebida. Há ainda o urubu que espregueia a carniça das pessoas que destruimos, os cadáveres dos que derrotamos ao longo da vida.

E a preguiça, indolente. Há os animais peçonhentos, espalhando veneno por onde passam, falando mal dos outros, levantando suspeitas, dúvidas, aleivosias, criticando impiedosamente o nosso próximo. Todas essas forças animais convivem conosco, longamente. Muitas vezes tomam conta de nossa vida e cometemos atos bárbaros, dignos da animalidade mais grosseira. São forças do nosso primitivismo, que estão em nós em dimensão interna. Certamente estão ligadas ao nosso passado.

Felizmente não estamos entregues apenas a tais forças. Algumas criaturas nos falam de uma voz interior, uma voz que mora n'alma e que fala lá de dentro, do fundo do nosso ser e nos aconselha e orienta. Convida nossa atenção para que não cometamos transgressões à lei divina. Alguns a identificam como a voz da consciência.

Muitas grandes almas se referem a essa voz íntima, que se manifesta sob a forma de intuição, compreensão do significado profundo das coisas, esquecimento de si mesmo, aumento da capacidade de amar e de compreender, sensação de unidade com todos os seres, e com o mundo, capacidade de entrega

feliz de si mesmo, reconhecimento da finalidade da vida. Para alguns são lampejos de luz.

Para outros, é luz duradoura. O resultado são amadurecimentos, mudanças internas, estabilização emotiva, ou seja, a manutenção de um estado de espírito que permanece inalterável sejam quais forem os acontecimentos à volta. Chama-se a isso serenidade. Muitas vezes pensamos que a serenidade está fora de nós, por exemplo, no lago tranquilo, na brisa fresca da manhã, no voo dos pássaros.

Mas a verdadeira serenidade está dentro de nós. É o Pai em nós, como está dito nos textos sagrados: “Já não sou mais eu quem vive, mas o Pai que vive em mim” ou, então, a ideia de unidade, de integridade:

“É preciso ser um com o Pai”.

Esse encontro com o Pai é o verdadeiro sentido da religiosidade, uma força intrínseca, não necessariamente ligada à religião. Tal encontro nos leva a expandir a consciência, levando-nos a abrir-nos a nós mesmos, a superar os obstáculos, a abandonar-nos a nós mesmos, a ter confiança absoluta no Pai, a compreender a natureza das energias que nos envolvem, associando-as às energias divinas, assimilar tais energias, colaborar com elas, utilizá-las para a nossa transformação.

A alma progride, ao longo de muitas vidas. Amadurece e desabrocha, afinal. As portas da evolução são abertas de dentro para fora, ou seja da intimidade da alma, do sentimento mais profundo, para a exterioridade. Enquanto não amadurecemos, valorizamos a consciência de superfície, a transitoriedade, os paradigmas sociais, os condicionamentos da vida externa.

Fabiano trabalhou sobre si mesmo, libertando-se dos condicionamentos, da falsa consciência e encontrou a nascente das fontes inesgotáveis do amor de Deus que, afinal, estavam dentro dele, como estão dentro de todos nós. Todo amadurecimento se confirma com a experiência subjetiva de alegria, de liberdade efetiva, de vitalidade real. Nestes momentos afluem em nós torrentes de luz, de felicidade, de força, mesmo à custa de alguma aparente renúncia, de uma aparente perda, de uma aparente separação. Porque são apenas aparentes as coisas transitórias.

Para os Espíritos Superiores, como Fabiano, as aparências têm a sua verdadeira dimensão. Mesmo porque seu estado não é o da ocasionalidade e, sim o da permanência, como demonstrou ao longo de toda sua vida sacerdotal, o único refúgio a que poderia recorrer, nas condições do seu tempo.

Nas horas que antecederam o retorno de Fabiano à Pátria Espiritual, uma plêiade de Espíritos Luminosos aproximou-se das imediações do convento de Santo Antônio. Um vencedor, em breve, retornaria. Cumprira sua missão de vencer a si mesmo, dera o exemplo, mostrando que o caminho da bem aventurança é percorrido com amor ao próximo. O ensino de Jesus ali estava: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Toda a lei, todos os profetas. Algo mais é necessário?

À frente dos Luminosos Espíritos, Francisco aproximou-se carinhosamente do companheiro, o qual já estava quase que totalmente desprendido. Rapidamente cortou o cordão de prata. Fabiano flutuou suavemente e foi acolhido nos braços de Francisco, leve como uma pluma. Estava um pouco tonto, mas, amparado pelo querido amigo, logo recuperou-se.

Amadeu, Rogério, Boaventura, muitos e muitos companheiros do convento, abraçaram-no longamente. Fabiano chorava de alegria. Então Francisco disse aos companheiros que já era hora de se recolherem aos locais de refazimento. Eram muitas as emoções do momento.

Fabiano necessitava de descanso. Quando, porém, a caravana iniciava o regresso, aproximou-se um Espírito coberto com uma estamena franciscana. Por trás da rude indumentária, via-se a extrema luminosidade daquele Espírito. Ajoelhou-se aos pés de Fabiano e beijou-os demoradamente. Para surpresa de todos, em pouco desapareceram os inchaços, as feridas, até os panos infectos.

As pernas de Fabiano reluziram, como todo o seu corpo espiritual. Fabiano demonstrou um grande alívio. Ao levantar a cabeça do Espírito que o atendera, Fabiano reconheceu o índio velho, que lhe ensinara o segredo das plantas, que o guiara nos caminhos das minas, que participara com ele de uma vida inteira a serviço do Bem e que, há vários anos, retornara à pátria espiritual. Então Fabiano, abraçando-se aos companheiros, disse:

— Se nada mais de bom me ocorresse, só este reencontro já teria justificado toda a minha existência.

Reunidos em torno de Fabiano, os amigos o envolveram e começaram a se afastar da crosta terrestre. Aqui em nosso plano, as cerimônias públicas ainda nem haviam começado. Os franciscanos desenvolviam um ritual próprio, reservado aos irmãos da Ordem. O corpo físico recebia uma preparação, com banhos especiais.

Depois era vestido com a roupa tradicional da Ordem e colocado em modesto caixão de madeira bruta. Os corpos eram enterrados ali mesmo, no convento, depois das encomendas, da missa de corpo presente e de alguma outra solenidade, variável, de acordo com certas peculiaridades, do falecido. Com Fabiano, as peculiaridades eram muito especiais.

A notícia logo alastrou-se pela cidade. O povo se mobilizou. Uma grande romaria deslocava-se de todas as partes, formando extensa fila que subia, serpenteando, o morro de Santo Antônio. O governador, os poderosos da província, os comerciantes que começavam a crescer em número e em dinheiro, os escravos, negros e negras que choravam, esfregando terra na cabeça e índios e mulatos e todo tipo de mestiços, gente de lata na mão, de rede na cabeça.

Jamais a cidade assistira a uma romaria tão grande, nem nos dias de São Sebastião, nem nas lúgubres procissões do Senhor Morto. Idosos, apesar das dificuldades, teimavam em subir a colina. Crianças, sempre curiosas, acompanhavam suas mães. De quando em vez ouvia-se um lamento em voz mais alta. Fazia muito calor, amenizado pela brisa que vinha do mar.

A coisa piorou com as notícias que começavam a circular, aumentadas a cada passo. O corpo de Fabiano não assumira a rigidez cadavérica; o corpo exalava um suave perfume. Iniciou-se também, e pelos próprios religiosos do convento, a busca de lembranças. Cortavam pedaços da roupa, fios de cabelo, pontas de unhas. O próprio governador voltou, para rever o fenômeno.

O povo protestava contra o enterramento do corpo. Todos queriam ver mais, apoderar-se de alguma relíquia. As pessoas adoram o aparente sobrenatural. E, como os fenômenos ocorriam dentro de um templo católico, eram logo categorizados como milagres.

Enquanto isso, no espaço, Fabiano prosseguia sua jornada, envolvido por Francisco e seus companheiros. Também havia longuíssima fila de contas luminosas, como que balizando o itinerário. Ao passar sob elas, eram como se fossem gotas de luz, que pingavam sobre Fabiano. Cada pinga, uma iluminação maior. De maneira que, à medida que a jornada prosseguia, Fabiano se enchia de luz. Uma chuva dourada caía sobre o grupo, uma chuva balsâmica, linda.

Os raios do sol penetravam as pequenas gotas, gerando uma profusão de cores, muitas delas desconhecidas aqui na Terra. Fabiano sentia um indefinível bem-estar, uma leveza indescritível. Não entendia bem o que estava acontecendo. O grupo fez pequena parada. Francisco, então, aproveitou e comentou que cada

gota de luz correspondia a um agradecimento que se levantava de algum coração agradecido a Fabiano.

A caravana avançou em direção ao infinito que nossa voz não alcança e nosso pensamento não compreende. Aos poucos, aumentava a sua aceleração e, envolvidos em luzes de todas as cores, os irmãos mudaram de plano, fugindo inteiramente à nossa capacidade de percepção.

Não muito tempo após o seu retomo à vida espiritual, Fabiano organizou uma casa transitória, com a finalidade de atender aos irmãos necessitados que regressavam da vida carnal em situação difícil. De certa maneira Fabiano continuava, no espaço, um pouco porteiro, um pouco enfermeiro, só que em outro nível de percepção e, em consequência, de capacidade de ajuda.

Aos poucos, companheiros de Fabiano, muitos oriundos das hostes de Francisco, agregaram-se ao projeto. Surgiu assim, na espiritualidade, próxima à crosta, uma instituição que funcionava como abrigo, como enfermaria e, sobretudo, como escola para a recuperação de criaturas, a fim de que, desde a erraticidade, pudessem encontrar melhores caminhos na sua trajetória evolutiva, sendo posteriormente transferidas para outras instituições.

Era uma espécie de pronto socorro espiritual. Com o tempo, adquiriu grande notoriedade e ficou conhecida como a Casa Transitória de Fabiano onde o abnegado Espírito dava continuidade aos sublimes exemplos de caridade incondicional.

13- PERSPECTIVAS

Passaram-se cerca de cento e quarenta anos, na contagem da Terra. Quem pode imaginar o que aconteceu com aquele extraordinário Espírito, liberto das injunções da carne? Somente sabemos que estudou muito, aprendendo técnicas de aprofundamento para a realização do grande encontro interno com o Criador.

Assim, passou a cooperar em pesquisas cada vez mais complexas, associadas ao trabalho em favor dos mais necessitados. Durante anos, juntamente com Francisco, desenvolveu tarefas de socorro, a partir de aprimoradas técnicas de domínio do pensamento por meio de questões de administração de casos e recuperação de Espíritos endividados, que permaneciam em regiões do umbral, situadas nas proximidades da crosta terrestre.

Quanto mais se desenvolve o Espírito evoluído, mais tarefas executa. Liberado das questões da matéria, Fabiano crescia cada vez mais em merecimento espiritual, construindo uma estrada luminosa com a sua própria evolução. Desde muitos anos integrou-se às falanges de obreiros do Bem, junto à cidade do Rio de Janeiro, em colônia espiritual socorrista.

Espíritos de antigos portugueses a haviam construído para atendimento a recém-desencarnados. No entanto, de posto socorrista, a colônia cresceu, cresceu tanto, que se transformou em gigantesco empreendimento que se espalhava em região imediatamente acima da área correspondente ao Rio de Janeiro, ultrapassando-a largamente em tamanho, passando acima de Niterói, desenvolvendo-se na direção da chamada Região dos Lagos, chegando até a área onde se situa a cidade de Campos.

Suas ligações fluídicas permitem associar as camadas mais próximas da crosta às regiões vibratoriamente muito elevadas. Assim podem conviver na colônia Espíritos de diferentes graus de evolução, de acordo com as suas necessidades.

Nosso Lar, descrito de maneira extraordinária graças à abençoada mediunidade de Francisco Cândido Xavier, passou a ser, crescentemente, campo de trabalho, onde Fabiano aplicava seus refinados conhecimentos e, em consequência, onde assumia responsabilidades cada vez maiores.

Aproximavam-se os anos em que a Doutrina dos Espíritos haveria de se implantar, de maneira muito incisiva, nas terras do Cruzeiro, seguindo o planejamento do Alto. Ismael, o anjo guardião do Brasil, escolheu Fabiano como

um dos Espíritos que deveriam colaborar no lançamento das bases de uma nova era no Brasil.

Uma nova era que virá para a Humanidade inteira. A Terra, afinal, cumprindo os ciclos determinados pela Lei do Progresso, será promovida de um planeta de provas e de expiações para um local de regeneração. Passará, gradativamente, a ser habitado por pessoas que terão optado pelo Bem, buscando-o com perseverança e sinceridade.

Na Espiritualidade Maior havia a previsão de que o Brasil poderia desempenhar um papel relevante, na Nova Era, dadas as suas peculiaridades de formação do povo, com ampla miscigenação de raças, com a facilidade de trânsito das questões religiosas, tendendo à tolerância e, por vezes, até à integração.

O largo espaço territorial, o clima ameno, a ausência de grandes cataclismos, a inexistência de grandes comprometimentos do passado, exceto, talvez, a questão da escravidão, tudo isso poderia ser utilizado como um caldo cultural adequado onde as generosas ideias da regeneração poderiam prosperar vigorosamente

Nos próximos tempos, os homens definirão sistemas de vida com oportunidades semelhantes para todos. Possuindo pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo, o ser humano passará a fazer o bem sem outra intenção que não a de servir.

A nova era, chamada da regeneração, mostrará a substituição do egoísmo pelo altruísmo, da ganância pela caridade, da ambição pelo amor, da violência pelo carinho. Ainda levará um bom tempo, mas a Lei funciona naturalmente. O Pai rege os mundos, em perfeição e justiça absolutas.

Os homens da Terra, longamente viciados em si mesmos, recalcitram contra o desenvolvimento e necessitam de estímulos especiais, verdadeiros empurrões, para amadurecerem. A dor atua como um mecanismo ajustador, um programa que entra em ação sempre que necessário, e na medida certa. Mas é necessário progredir.

Chegara a hora de um desses estímulos especiais. Faltavam pouco mais de cem anos para o início do terceiro milênio. Após quase dois mil anos desde a vinda de Jesus, o homem rompera com a simplicidade inicial da mensagem maior. Era preciso agir.

Ismael chamou Fabiano dizendo-lhe que o havia escolhido para um projeto a ser materializado no Brasil, a partir do Rio de Janeiro. O projeto buscava caracterizar novas estruturas sociais, econômicas e educacionais, em busca da evolução moral e material.

Nimbado de luz, Fabiano, apropriadamente chamado “de Cristo”, apresentou-se, pleno de humildade. Durante séculos cristalizara o amor em seu coração. Dos refolhos de sua alma generosa cintilavam mistérios que somos incapazes de avaliar.

Ismael abraçou-o. Duas luzes intensíssimas se somaram, provocando espetáculo de beleza indescritível. A voz pensamento do Anjo Guardião do Brasil se fez ouvir, transcendendo a paz:

— Irmão querido, nas terras do Brasil, tão caro aos nossos corações, estendem-se enormes florestas, muitas ainda virgens. Os rios caudalosos transportam energias imensuráveis, serpenteando entre as montanhas cobertas de riquezas. Crescem as cidades, aumenta a população. Devemos nos preparar para a Nova Era.

Fez-se breve silêncio. Os olhos lucilantes de Fabiano fixaram-se no Anjo, atentos.

— O Coração do Mundo - prosseguiu Ismael - não será uma destinação sem esforço. Não há povos preferidos. Não há nações privilegiadas. O Pai abençoa o Cosmos, permanentemente. Se queremos, porém, seguir as diretrizes de Jesus, temos que preparar nossos irmãos da Terra do Cruzeiro.

— Logo a escravidão será banida do País. Muitas alterações políticas, econômicas e sociais surgirão, naturalmente. No entre-choque das paixões e dos interesses, terríveis lutas mancharão o solo sagrado.

— Ao mesmo tempo - prosseguiu - a velha Europa se debaterá nos horrores de guerras, que usarão o mortífero poder de armas nunca vistas. O homem provará muitas vezes a sua inteligência. Ao mesmo tempo, tomar-se-á cada vez mais perigoso, com a ausência da fraternidade. Por causa disso sofrerá com o fracasso da sua capacidade de conviver, fruto do egoísmo, da ambição, do orgulho e da volúpia do poder.

Enfático, o guardião do Brasil, após breve pausa, continuou:

— Temos que deixar agir o livre-arbítrio e a consequente assunção de responsabilidades as quais, em última análise, produzirão amadurecimento

espiritual. A humanidade ficará horrorizada com o cheiro das carnes queimadas nos campos de batalha. A lei de causa e efeito, inexorável, colherá os homens desvairados nas suas próprias armadilhas, vitimados pelos ardis do mando, vencidos pelas utopias do poder material, esquecidos das mensagens amorosas do Mestre Jesus.

Fabiano esboçou um gesto como se quisesse afastar dos olhos aquelas imagens densas, enquanto Ismael avançava em seus raciocínios:

— Aos poucos o eixo do progresso deslocar-se-á para o Novo Mundo. Devemos nos esforçar para que o Brasil, no terceiro milênio, disponha de modelos de amor que sirvam ao mundo novo. Enquanto as potências do segundo milênio criam e exportam modelos de iniquidade, o Brasil, para cumprir o seu papel na Nova Era, deverá produzir meios que indiquem ao mundo uma forma de viver fundada na fraternidade, no respeito, na retidão e no amor.

— Como o irmão sabe - Ismael prosseguiu, com sua voz de pura mansidão - teremos ainda alguns séculos para a implantação plena dos novos tempos. A transição, porém, já começou. É necessário orientar nossos trabalhos para nos ajustarmos às diretrizes de Jesus.

— A sua tarefa, querido amigo - continuou - é desenvolver um projeto para um novo tipo de empresa que precisa surgir na Terra. Um empresa de pessoas, que atrele o capital à filantropia. Trata-se de mudar a tendência, crescente, do grande capital, que se toma explorador do homem. Neste século já há estudos que têm por objetivo um processo de socialização. Acreditam muitos que a transformação social virá através, apenas, da revolução. Essa percepção levará a Terra à uma polarização perigosa, e à sua conseqüente divisão.

O Anjo, calou como se fizesse breve oração íntima, e retomou a palavra:

— Os homens ainda não compreenderam que a verdadeira revolução é individual. Trata-se de mudança de posição mental, em busca do ajustamento do viver em relação às leis sábias, justas e perfeitas do nosso Pai. Tantos serão os sofrimentos, tantas as iniquidades, que as revoluções tomarão conta da Terra, dividindo-a em dois blocos belicosos e hostis. A tecnologia da guerra será desenvolvida de tal maneira que poderá levar a Terra à catástrofe nuclear, obrigando os Mentores das Divinas Leis a agirem com rapidez, para manutenção do equilíbrio do sistema.

— A guerra - continuou a abnegada entidade - será, ainda, uma grande característica do próximo século. Tantas serão as dores, que a humanidade buscará soluções para que a paz, afinal, possa se estabelecer na Terra.

Sob a atenta observação de Fabiano, Ismael arrematou:

— O século das guerras planetárias não deixará de receber o amparo do Alto. Grandes almas da ciência, das artes, da filosofia, estarão fisicamente presentes, participando dos acontecimentos. Grandes líderes religiosos atuarão para mitigar os sofrimentos e estender a bandeira da paz. A intimidade da matéria será devassada, ao tempo em que os homens lançarão naves em direção ao infinito. A indústria, o comércio, os transportes, todo o processo econômico modificar-se-á.

As mudanças sociais serão imensas e surpreendentes. Permanecerão, entretanto, as velhas tragédias da miséria, da degradação, da corrupção. Problemas de destruição da natureza, com sérias repercussões no meio ambiente, assombrarão as criaturas, enquanto doenças terríveis assolarão o planeta, apesar do extraordinário progresso da Medicina.

Fabiano, para vencer a inquietação, começou a orar interiormente, atitude que desenvolvera com naturalidade ao longo de séculos de sintonia com o Pai.

Ismael percebeu imediatamente a atitude do companheiro. Alentou-o com um gesto de ânimo e continuou:

— A sociedade das nações há de se fixar a partir dos escombros de mais uma guerra mundial. O velho sonho, há tanto acalentado no espaço, aos poucos avançará. Finalmente o homem, aterrorizado com as suas próprias atrocidades, entenderá que é possível resolver diferenças em tomo da mesa e, não, no campo de batalha. Movimentos humanitários crescerão de importância, amparados por espíritos de escol.

O Anjo Guardião do Brasil sorriu, generoso, ante a visão das melhorias que virão para a Terra. Animado, prosseguiu:

— Materialmente a Humanidade progredirá mais nos próximos cem anos do que em todo o seu passado de milênios. Lentamente os novos ideais de amor ganharão espaço na imprensa e nos livros em geral. A humanidade, aos poucos, sintonizará com as correntes de paz que Jesus dirige incessantemente para a Terra.

Fabiano sorriu pela primeira vez desde que se iniciara aquele encontro transcendente. Ismael, então, começou a definir a tarefa que havia designado para o antigo porteiro do Convento de Santo Antônio, no Brasil Colonial:

— Na estratégia definida para o Brasil, o irmão orientará um movimento de caráter nacional que organiza uma empresa de pessoas, reunidas sob o ideal de servir. Seu trabalho sustentará uma obra social, um modelo para a escola do futuro. Nosso pensamento é que haja uma escola em horário integral, que baseará seu processo educativo em valores, através da evangelização, desde a mais tenra idade.

— A educação - prosseguiu o Anjo - é a grande esperança, é a salvaguarda da Humanidade. Falamos aqui de uma educação transformadora, em que a criança se sinta estimulada, desde cedo, a construir novos conceitos de convivência sadia, onde treine a retidão, onde pratique a solidariedade, onde perceba que o amor é a suprema essência da vida e, como tal, deve ser buscado sempre.

Para tanto, necessitaremos de uma nova escola que se organize em termos de comprometimento entre educadores e educandos. Nela, gradualmente, as crianças transformar-se-ão em adolescentes e em adultos, percebendo que o supremo objetivo da vida é caminhar na direção do Bem, o que somente é possível através das práticas da caridade, no sentido pleno da palavra.

Entusiasmando-se, Ismael completou:

— No próximo século a educação passará por muitas transformações buscando, sobretudo, o lado utilitarista, perdendo muito da sua feição filosófica. Avançará também, quanto aos métodos, a partir da melhor compreensão dos processos de aprendizagem. Muitos dos aspectos autoritários do professor serão deixados de lado.

Porém, a grande massa humana a ser educada e o abastardamento dos conceitos existenciais, levarão a escola a se afastar, muitas vezes, da sua finalidade precípua. A humanidade necessitará de uma escola que reúna os profissionais e a mão-de-obra do amor, como um grande cenáculo de pessoas que compreendam a importância de se atuar sobre as mentes em formação e em aperfeiçoamento.

Uma escola que mobilize a própria comunidade onde exista, a qual se perceberá corresponsável, diretamente interessada no processo transformador das

novas gerações. E virá uma educação permanente, construída pela própria pessoa interessada em ser, ela mesma, uma criatura de bem.

Ismael sabia que falava de séculos à frente. Sua visão do futuro identificava boas perspectivas para o mais além. Sua experiência, porém, mostrava que era chegada a hora de agir.

— Aliás - interrogava-se a si mesmo o Anjo - que mérito haveria, que valor se daria às conquistas sem esforço? Além do mais, a programação da espiritualidade é feita com grande antecedência, a fim de se fazer face às injunções decorrentes do uso do livre-arbítrio por parte dos homens.

Após breve pausa, o Anjo avançou em seus raciocínios, enquanto Fabiano aguardava, reverente.

— Em termos de Brasil, o projeto deve se estender nacionalmente, fixando critérios que servirão de modelo ao mundo do futuro.

Fabiano, pela primeira vez, interrompeu a fala de Ismael:

— Senhor! - sua voz soou repassada de dulcíssimas vibrações - sou muito pequeno para empreendimento de tal grandiosidade.

Ismael abraçou-se mais uma vez ao humilde amigo e falou-lhe com brandura:

— Irmão! - doçura e autoridade, repassadas de paz indefinível, soaram em ondas de harmonias inefáveis - Amigo do Coração! Jesus nos ensinou que os Seus seguidores serão conhecidos pelo muito amor. Tudo o que se lhe pede é deixar seu coração agir, em consonância com a sua inteligência treinada no Bem, disciplinada pela adesão profunda ao Mestre. Não temos dúvidas de que as inspirações superiores fluirão adequadamente.

O colóquio prosseguiu por longo tempo ainda, sob as luzes que reverberavam em miríades de cores fantásticas. Os dois Espíritos generosíssimos trocavam ideias e sugestões sobre o empreendimento que seria preparado no espaço, ainda por muitos anos, antes de se materializar nas terras do Brasil, sob o nome de Obra de Fabiano. Mas esta é uma outra história de Fabiano que, um dia, será contada, com as graças de Deus.

SEGUNDA PARTE

14- MEDITAÇÕES DO FUNDO DA CELA

Fabiano acordava sempre muito cedo. Isto quando dormia. Muitas e muitas das suas noites eram passadas em claro, ao lado dos seus doentinhos. Quando podia, recostava-se num pano, ali mesmo na enfermaria e descansava. Sem doentes graves, Fabiano retirava-se para a cela. Ao acordar, meditava. Era um espírito muito livre. Não se prendia muito a fórmulas. Sua alma, com grande facilidade, pairava acima das coisas do mundo. Ele como que volitava, mais solto. Quando tomava a si, preparando-se para as atividades do dia, trazia sempre algumas reflexões de seus passeios espirituais.

FALAR E AGIR

Falar menos, agir bastante. O que puder ser feito em silêncio, eu o farei. Estarei concentrado nas minhas mãos, para que trabalhem bem. Estarei concentrado em meu coração para pulsar melhor pelo meu irmão. Estarei concentrado em meu pensamento para que seja puro impulso de amor a serviço de todos. Que o meu silêncio exterior seja expressão de muito trabalho interno, construtivo e enriquecedor.

15- ORAÇÃO E MISERICÓRDIA

Disse Francisco - a oração não é pedir e pedir. Deus não é uma pessoa que resolva fazer ou não fazer, atender ou negar. Não é um pedido que fará mudar os acontecimentos; é a mudança vibratória da pessoa interessada que pode mudar o fato que estava para acontecer. A Misericórdia Divina se faz, na medida em que, através da oração, a pessoa modifica sua frequência de pensamentos. Assim, quando o fato acontece, não estamos mais lá para sofrer as suas consequências.

Francisco sempre falava do irmão Fabrício. Ele havia sido muito malvado e, na sua programação de vida estava a perder um braço, o mesmo braço que, como ex-feitor de escravos, rejubilava-se em castigar os pobres negros. Era da lei de causa e de efeito. Agora, porém, trabalhava ardentemente em favor dos mais pobres.

Desdobrava-se, dias e noites em favor dos mais pobres. Sua oração era o seu trabalho. O dia inteiro de serviço no bem. Passaram-se os anos. Um dia, a roda da carroça soltou-se e o peso enorme desabou sobre ele. Na última hora, instintivamente, ele puxou o braço e a roda pegou, apenas, seu dedo mínimo. As pessoas não entenderam.

E comentavam:

- “Coitado, tão bom, tão trabalhador! Logo com ele aconteceu essa tragédia?”

Na verdade, a lei agiu mas não encontrou mais lá o braço do delinquente. Isso é misericórdia.

16- QUALIDADES PARA ENTRAR NO REINO DOS CÉUS

- HUMILDADE
- AMOR
- BUSCA DO SABER
- PERSEVERANÇA
- INOCÊNCIA
- SIMPLICIDADE
- DOCILIDADE

Humildade - capacidade de reconhecer-se pequeno, ter os pés no chão, evitar sonhos de grandeza inexistente. Ser humilde é diferente de ser humilhado. O humilde é, naturalmente, cheio de dignidade. O humilhado acaba perdendo a dignidade. A humilhação é uma repulsão. A humildade é um crescimento.

Amor - perdoar, esquecer as ofensas; transformar as diferenças em somas, em agregações; ser como o sol que se abre para todos, ou a chuva que beneficia a erva boa tanto quanto a erva daninha, sem distinção. O amor é o alimento da alma. Tão ou mais importante que o alimento do corpo. Uma alma sem amor pode ter um corpo forte, mas será fraquíssima, seca, feia, infeliz. O amor só existe quando compartilhado. Deus é amor. Viver é concentrar todas as energias em adquirir a capacidade de amar.

Busca do Saber - não esmorecer ante o que ainda não compreende; perceber que saber é sentir. Saber é maior do que cultura. A verdadeira sabedoria está em seguir a lei de Deus. Há muitas pessoas que supervalorizam a cultura, os títulos. Cultura vem de fora para dentro. Sabedoria vem de dentro para fora. Sabedoria é resposta aos estímulos divinos, sempre em nós. Cultura nem sempre

está associada à sabedoria. Senão, os doutores diplomados não cometeriam crimes. Cultura é algo necessário, mas não suficiente.

Perseverança - constância de objetivos, sejam quais forem os obstáculos. Somos, ainda, muito atrasados para perceber o objetivo supremo de nossa vida, que é atingir a plenitude da capacidade de amar. Crescemos para o amor, lentamente. Ao longo dessa trajetória, o amor toma muitos nomes: tolerância, paciência, disciplina, perdão, compreensão, solidariedade. Perseverar é buscar o bem, mesmo que não saibamos direito do que se trata. O amor é um rumo. Uma trilha a ser percorrida. Não um trilho, sem alternativas.

Inocência - incapacidade de prejudicar a quem quer que seja. Ser como criança Fabiano lembrou que, certa vez, quando ainda era comerciante, foi a um jantar em casa de um rico usineiro. Um casal sentava-se quase ao lado de Fabiano, comendo em uma bandeja enfeitada. As pessoas viam o casal comer. Ao serem apresentadas, por educação, a comida era oferecida. Também por educação, ninguém aceitava o oferecimento. Os adultos, como é natural, recusavam polidamente. Mas o menino, esticou os olhos para a bandeja e não conversou - “Pois eu quero o pudim!”. Os pais ficaram constrangidos, mas o menino insistiu. Falou a sua verdade, durante todo o tempo, sem ferir a ninguém. Isso é inocência Por isso Jesus disse:

- “Que venham a mim as criancinhas.” Fabiano sorriu.

Simplicidade - viver sem cálculo, sem hipocrisia, buscar o despojamento. Não valorizar cargos ou posições. Não valorizar as exterioridades. Não valorizar a majestade do cargo. Não somos importantes pelo cargo ou posição. Ficamos importantes se, aproveitando a oportunidade, crescermos no Bem, a partir do uso do cargo a benefício de todos. É assim que um porteiro se torna importante. Um auxiliar de enfermagem se santifica. A majestade do cargo está na simplicidade e na modéstia com que as tarefas são desempenhadas. Jesus falava dos mansos e dos pacíficos. De fato, falava dos simples. E eles são bem-aventurados.

Docilidade - deixar-se guiar por Deus, confiantemente, assim como as ovelhas se deixam pastorear. Não andamos ao sabor das dificuldades do caminho. Um pastor nos guia. Os bois aprendem a andar nos trilhos. Quando saem do trilho o carro se desequilibra. Aí o condutor do carro toca-lhe o guante nas costas. Com a dor, o boi volta ao seu lugar, o carro se reequilibra e continua a sua trajetória. Nós também temos um caminho a percorrer. Não é um trilho, é uma trilha, onde existem balizas pelas quais devemos passar. Mas, para que o carro da nossa vida não se desequilibre, precisamos ouvir o chamamento do pastor, a fim de que o guante da dor não nos obrigue a movimentos que não gostaríamos de fazer.

17- PRECEITOS PARA VIVER A VIDA VERDADEIRA

❖ NÃO CAUSAR PREJUÍZO FÍSICO NEM A SI MESMO NEM AO PRÓXIMO.

❖ NÃO BUSCAR EMOÇÕES. ASSUMIR A PAZ E A CALMA; ATRIBUTOS DE DEUS.

❖ NÃO CAUSAR PREJUÍZO MATERIAL NEM A SI MESMO, NEM AO PRÓXIMO.

❖ NÃO CAUSAR PREJUÍZOS MORAIS, NEM A SI, NEM AO PRÓXIMO.

❖ NÃO ENGANAR NEM A SI, NEM AO PRÓXIMO.

❖ HONRAR PAI E MÃE - NOSSA ORIGEM. NA VERDADE SIGNIFICA RESPEITAR A TODOS, RESPEITAR A HUMANIDADE INTEIRA.

❖ AMAR O PRÓXIMO, TANTO QUANTO AMAMOS A NÓS MESMOS.

❖ USAR A CARIDADE COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO ESPIRITUAL.

18- GRATIDÃO

Como vou agradecer, Senhor? Ainda ontem, andava meio perdido pelas estradas do mundo. Tu, porém, Senhor, me guiaste. E eu me senti tão bem, tão leve, tão feliz, ao caminhar sentindo a tua proximidade.

Como vou agradecer, Senhor? Ainda ontem era um desviado da Providência. Hoje me dás o sol da manhã, o vento que cavalga as nuvens, o céu azul, o sorriso dos amigos, o olhar de esperança dos irmãos necessitados.

Quero, Senhor, corresponder à confiança em mim depositada, amando, auxiliando, construindo, pacificando hoje e sempre, com as tuas Graças! E que esta seja a expressão do meu real agradecimento.

ADORAÇÃO

Senhor Deus, meu Pai! Eu te sinto em toda parte. Eu te sinto dentro de mim. Ajuda-me Senhor, a desenvolver minha sensibilidade, a expandir meu amor, a disciplinar minha mente, a orientar os meus passos para que o Bem seja constante em minha vida. E, assim como te sinto e sei que me sentes, peço-te, Senhor, que, por onde eu andar, possa ser instrumento da Tua bondade, da Tua justiça, da Tua pureza e do Teu amor.

ANTE A MANHÃ QUE NASCE

É bom sentir a brisa fresca da manhã. É bom ver o sol que chega, espantando as trevas da noite. De manhã bem cedo é tempo de força e calma para alimentar o nosso dia. Bem ao amanhecer é a melhor hora para meditar e orar, para agradecer a Ti, meu Pai, por mais um dia. Hoje, nesta manhã luminosa, que eu possa aproveitar as doces energias do Teu Amor, Senhor, para mais um passo na direção da verdadeira felicidade.

TRABALHO

Senhor! Sei que o trabalho retém o mistério divino da iluminação íntima. Peço-Te a dádiva de trabalhar com iluminação espiritual. Quero ser, Senhor, um trabalhador fiel a Ti. Ajuda-me a edificar-me. Ensina-me a servir. Que o meu

trabalho crie simpatia, alegria, saúde, felicidade e amor, fraternidade e bem-estar para todos.

OLHANDO PARA AS PERNAS CHEIAS DE CHAGAS

Senhor! Sei que não cai uma folha da árvore sem a Tua vontade. Por isso agradeço pelo meu corpo. Era jovem, conduzi as ovelhas pela neve, atravessei os mares, subi as montanhas. Hoje aqui estou, com outras ovelhas, atravessando o mar da doença, subindo as montanhas da dor dos meus irmãos. E Tu me deste estas pernas vermelhas, estas úlceras doloridas, estas ínguas imensas na virilha, esta febre, para que eu não me esquecesse da dor, da doença e da febre dos meus irmãos. Ajuda-me, Senhor, a aceitar o que considero difícil, porque é necessário. Tu não me darias o que não tivesse alguma utilidade para o meu crescimento espiritual.

RESPONSABILIDADE

Neste dia que começa, Senhor, sinto-me profundamente responsável. A minha volta, estão outros irmãos que sonham, sentem, choram, amam, sofrem. E grande meu compromisso com a vida, com as relações que estabeleço, com as construções do meu destino. Peço-te forças, Senhor, para aproveitar cada instante a fim de que sejam permanentes as minhas ações no Bem.

PELOS MAIS FRACOS

Ninguém será feliz sozinho. Felicidade é conquista solidária. Hoje, Senhor, mais do que nunca, estarei ao lado dos mais fracos. Darei a eles o meu melhor sorriso, o meu mais generoso olhar e o meu braço para sustentá-los, se quiserem dar algum passo, por mais pequenino que seja.

MÃOS NAS MÃOS

Senhor! Ajuda-me a caminhar pela vida juntamente com aqueles que estão à minha volta. Aumenta a minha paciência, orienta a minha compreensão para que eu perceba sempre, no próximo, o meu irmão. Ninguém foi colocado ao meu lado por acaso. Dá-me Senhor, as Tuas mãos para que, por meio delas, possa estender minhas mãos vacilantes em favor de todos.

PAZ

Senhor da paz integral! Ajuda-me a plantar em meu coração as sementes da concórdia e da tolerância que são a essência da paz. Ajuda-me a sentir e a falar com docilidade e meiguice, com otimismo e confiança, com harmonia e amor. Dá-me forças, Senhor, para vencer as barreiras de mim mesmo. E que eu possa estender a todos, feliz, as sementes da paz que derramas sobre mim a cada instante!

ORAÇÃO DA RENOVAÇÃO

Senhor de Amor e Paz! Quando me alço a Ti, pela oração, sinto-me num altar e ouço a Tua voz divina através da consciência. Sinto-me numa fonte de água fresca e pura, onde alivio a alma opressa.

Ajuda-me, Senhor, para que eu cultive a oração da fé viva, guardando lealdade aos ideais superiores, aqui ou além. Sobretudo, Pai, dá-me forças para que, em quaisquer circunstâncias, eu me sinta em Ti e Te sinta em mim e possa realizar a minha transformação interior.

REINO DOS CÉUS

Deus de bondade e amor! Teu reino, que está em mim, está em todos os seres. Eu te peço, Senhor, que a Humanidade inteira possa sentir o Teu reino em si. Ajuda-nos para que nos libertemos da passividade, do instinto selvagem, da brutalidade das paixões e, afinal, Senhor, que possamos perceber a alvorada do Teu Reino a partir do amor, do perdão, da caridade e da paz.

O MELHOR

O que há de melhor em mim é a centelha divina. O que há de melhor em todos os homens é a centelha divina. Não tenho, portanto, qualquer motivo para me sentir melhor ou pior do que qualquer criatura. Nada pode justificar orgulho ou desprezo.

HOJE E AMANHÃ

O dia de hoje é o construtor do dia de amanhã. Cada dia é oportunidade de semear para um futuro melhor. Assim como o sol recomeça o ciclo após cada noite, por que não permitir que o sorriso dissipe a lágrima? O bem de hoje é a felicidade de amanhã.

VAIDADE

Vaidade é um véu que encobre a realidade aos olhos de quem é sua vítima. Vaidade faz perder o senso da verdade e do ridículo. Vaidade é falta de autocrítica de quem se vê apenas a si mesmo. Por que haverei de achar que sou, apenas eu, luminoso? Todos temos luz própria. É uma luz interior. Por isso Jesus nos disse que brilhasse a nossa luz, a luz de todos nós.

HUMILDADE

Senhor! Teu filho Francisco nos ensinou que é dando que recebemos. Ajuda-me a entender que se trata de dar a mim mesmo, sem ambições ou vaidades. Ampara-me, Senhor, para que aceite a sabedoria da humildade e jamais me sinta prejudicado ou disposto a não ajudar.

DIREITOS E DEVERES

Senhor! Ensina-me a abrir mão de supostos direitos e a aceitar como obrigação os deveres. Ajuda-me a aceitar a renúncia como orientadora da minha caminhada. Dá-me forças para aceitar os acontecimentos do meu dia-a-dia e coragem para orientar meus passos na Tua direção.

ALTRUÍSMO

Ajuda-me, Senhor, a expulsar do coração o veneno do egoísmo. Ele está em mim como fogo na alma. Ampara-me para que acalme o meu coração e me liberte através do serviço no Bem. E que o serviço ao próximo desloque o centro do meu interesse, de mim mesmo para os meus irmãos, a fim de que eu me aproxime mais de Ti, já que nunca Te afastas de mim.

NUM DIA DE MUITA DOR

Senhor, que seria do ferro bruto sem o fogo da forja incandescente? Ajuda-me a aceitar a dor como energia viva que me orienta na Tua direção. Orienta-me para que não sucumba e aceite a dor como um estímulo santo.

DIVISÃO ENTRE SACERDOTES BRASILEIROS E PORTUGUESES

(As dificuldades de relacionamento entre brasileiros e portugueses aumentavam. Pouco a pouco desenvolvia-se um sentimento nativista. As desavenças surgiam por causa das questões das minas, dos impostos, da violência da escravidão e muitas outras causas.

Lentamente chegavam ao convento, primeiro como notícia, depois entre os próprios sacerdotes, surgindo cisões por causa da origem do nascimento. Os atritos, cada vez mais constantes, muitas vezes acalorados, alguns chegando ao nível da agressão, eram deplorados pela alma sensível de Fabiano. Recolhido ao fundo da cela, chorava e orava pelos seus irmãos, implorando paciência, fraternidade e compreensão)

Senhor! Ajuda-nos a compreender que o cristianismo prático pode ser do Brasil ou de Portugal, mas o Cristianismo praticado sob a forma de amor permanente ao próximo, este é de Jesus.

TOLERÂNCIA

Aceitar os outros como os outros são: isto é tolerância. Não tenho o direito de exigir que os outros se enquadrem perfeitamente no meu modelo de vida. Tolerar para respeitar. Respeitar para compreender. Compreender para amar.

FÉ COM OBRAS

Senhor! Ajuda-me a compreender que a fé não descansa. Então, Senhor, ajuda-me a plantar com alegria, a esperança, a bondade, o otimismo, a consolação. Ampara-me, Senhor, para que, se necessário, mantenha a minha fé como lâmpada acesa no óleo do meu próprio esforço, como combate divino pela minha purificação.

ESPERANÇA

A esperança é o amparo dos fracos, a força dos fortes e a resistência dos heróis. Quando se esgotam os recursos do homem, a esperança, como se fosse um anjo, levanta os caídos, anima os vencidos, converte o prisioneiro em lutador. A esperança aponta os caminhos da felicidade e orienta-nos para que alcancemos o êxito que procuramos.

CARIDADE

Só pratica a caridade aquele que se doa a si mesmo. A caridade nada exige. Tudo oferece. Paulo disse que a caridade é paciente e benfazeja. Não é invejosa, nem temerária, nem precipitada. Tudo suporta, tudo espera, tudo aceita. É a maior de todas as virtudes. Jesus é o exemplo supremo da caridade: doou-se, deu a vida na cruz como sublime legado de amor que passou a clarear os séculos a partir daquele momento.

19- A FLAUTA

Muitas vezes Fabiano se prosternava em oração. Ajoelhava-se e, pouco a pouco entrava em profunda concentração. Numa dessas vezes, pareceu-lhe ouvir uma flauta. Levantou os olhos e viu um grande túnel azul. Era um azul infundo e lá do fundo vinha a flauta bailando no ar. Era uma flauta fina, de bambu. Do infinito azul, ela como que brincava, saltitando e soltando notas cristalinas de inacreditável beleza.

Descendo, descendo, descendo, as notas tocavam no ar que se agitava num gesto ligeiro e saía para cima, para a direita, para a esquerda, bailando como se fosse a própria flauta que, no entanto, continuava a tocar. Era como um menino travesso, alegre, de braços abertos, descendo a ladeira da montanha. O menino ia e vinha mudando sempre a posição dos braços abertos, ora para a direita, ora para a esquerda.

Ora embaixo, ora em cima, bailando, bailando. Quando os braços subiam, o vento tocava a rama das árvores que se inclinavam deliciadas para receber o beijo sagrado. E faziam um ah! de prazer imenso. Quando os braços se abaixavam, o vento corria ligeiro pelo capim, que se embalançava agitado, como se tivesse sido percorrido por uma corrente de energia. Logo veio a chuva, uma chuva grossa e clara. As notas musicais que saíam da flauta corriam na frente das gotas da chuva e tocavam-nas.

As gotas, então, se iluminavam, de mil cores cada uma. Todo o panorama se impregnava de tantas luzes e cores, como interminável arco-íris que tomava toda a abóbada celeste. A flauta ria e corria mais. Quando a chuva se infiltrava pelas árvores, as gotas ficavam penduradas, balançando. O vento suave empurrava as árvores, que se inclinavam.

As gotas luminosas, como se fossem notas coloridas de uma divina partitura musical, desmanchavam-se emitindo sons de harmonia indescritível, absolutamente indescritível. Depois de algum tempo do sublime concerto, a chuva parou. Ao longe, por trás da montanha, o sol alaranjado surgiu, radioso, e sua luz desceu sobre o lago azul.

As águas, agradecidas, levantaram-se numa onda suave. E iam e vinham, e iam e vinham, ganhando energia a cada retomo. Dentro em pouco Fabiano percebia que era, de fato, um balé, um balé das águas azuis-douradas. O ritmo das águas obedecia à flauta, que parecia rir, extasiada.

Ao baterem entre si, as águas da onda se transformavam em gotas de espuma branca, luminosa espuma branca. Cada gota subia ao alto, fazendo seu próprio volteio. E cada gota de espuma que subia era como se fosse um ah! extasiado de prazer. Cada gota parecia saber que participava daquele concerto magnífico.

Algumas águas correram e lá no canto do lago azul a onda dobrou-se sobre a pedra e transformou-se em fonte. Gota a gota, a água minava da pedra. E cada gota luzia, porque sabia que fazia parte do concerto sublime. Ao descer, escorregando pela pedra, a gota descrevia graciosa volta enquanto a flauta risonha, tocava, sutil.

A água da fonte murmurava sua canção de vida e, lá do alto da pedra grande, num ato de grande coragem, a água saltou para o desconhecido. E saltou e saltou para o alto e para a frente como se fosse um bailarino querendo alcançar o céu. Na terra, assim, lentamente, se formava um rio que descia a montanha. A flauta, mais alegre, tocava e tocava. E o rio ia lá e vinha cá, ia lá e vinha cá, serpenteando, nas curvas da montanha, roçando de leve.

A montanha parecia sentir cócegas com o rio que se arrastava pelas encostas. Naquela coceira gostosa, a montanha se inclinava mais e mais e o rio descia, aumentando o caudal. Dentro em pouco era torrente e a flauta ria e tocava suas notas alegres, quase moleques. O rio, então, saltava as pedras e arrastava os peixes que refletiam, em suas escamas, a luminosidade do sol, um sol úmido, que se metia pelo rio a dentro.

Largo e denso, o rio corria mais e mais, cantando também a sua canção e quanto mais do mar se aproximava, mais o rio engrossava e se enroscava. De fato, estava grupando energias para o grande encontro. E, quando o mar chegou, o rio debruçou-se sobre ele, assim como um filho pede o regaço da mãe. E o mar, estendeu os seus braços e acolheu o seu filho cantando uma canção de ninar, um acalanto doce.

Fabiano então percebeu que a música do mar também era a canção da flauta, a mesma canção da árvore, do lago, da chuva. A mesma canção da fonte murmurante. Fabiano entendeu que a criação é toda uma, íntegra, com formas diferentes, mas é como se fosse a mesma canção tocando em diferentes ritmos, durante todo o tempo, por toda a parte. A sublime canção universal. Foi aí que Fabiano compreendeu que o vento não era o carro de Deus. Deus é o flautista sublime que cria o som fundamental.

Ao som da Sua Divina Canção, pulsam todos os seres, animados ou inanimados. Há um ritmo que dita o pulsar do coração, assim como o canto das cigarras. A canção universal está aí para quem quiser ouvir. Apure os sentidos para ouvi-la. Mas veja bem, não são os sentidos do corpo, apenas. É com a alma, o espírito que sopra em nós, que ouvimos o sopro da flauta e corremos como crianças alegres, descendo a ribanceira, revolteando de braços abertos, afinal felizes, finalmente felizes.

20- SOB O OLHAR DE JESUS

Sempre sonhei com o olhar de Jesus, aqueles olhos brancos de franca luz!

Aqueles olhos densos, aquele olhar, olhos de manjedoura, imensos olhos de cruz, luminescentes, generosos, um mar de serenidade, uma onda de paz, uma bênção, uma saudade, uma calma, que bem que me faz!

Se os olhos são o espelho da alma, posso imaginar a alma do Cristo?

É tanta pureza, tanta indefinível bondade, tanto amor e tanta luz que, quando penso em Jesus, existo, existo porque sinto Jesus.

E sinto, concretamente, de verdade.

De fato, fico arrasado só de pensar.

E tão íntimo e tão feliz que me dá vontade de recostar a cabeça, sentir o calor e uma vontade espessa que clama:

Ele está perto, tão infinitamente perto!

E me ama, por certo. Por certo, me ama!

Há mistérios da alma que não sei interpretar. Um gozo sem espasmo, uma espécie de carícia que arrepia, devagar, devagar e delícia. Uma delícia!

Ah! Jesus, Jesus, nem desenho, nem pintura, você não está na minha mão.

Mesmo pobre criatura, eu O vejo dentro de mim, latejando como centelha viva, quente e forte, no coração. E vibra sempre, assim, e me anima e me aconselha, presente, nunca reclama. Ampara, sem falha, pacifica e agasalha e me ama, por certo.

Por certo, me ama!

F I M